CAMILO CASTELO BRANCO

A SEREIA

A SEREIA

CAMILO CASTELO BRANCO

Esta obra respeita as regras

do Novo Acordo Ortográfico

Em noites de lua cheia,

Já se não ouve o cantar

Daquela triste Sereia!

Oh pobre rapariga caída,

Já sobre ti se fecharam

Os abismos desta vida!

Diz-me, diz-me, ó lua cheia,

Choras tu na sepultura

Daquela pobre Sereia?

Em que finar se vão findos

Aqueles cabelos douro,

Aqueles olhos tão lindos!

Águas malditas, pudeste,

Tão linda e nova, mata-la,

Matar a pomba celeste!

Ai! pobre anjo da má sorte!

Descansa, em fim, que não voltas

Desses abismos da morte!

Nos céus passa a lua cheia

Para ouvir os teus cantares,

E tu não voltas, Sereia!

Mas um raio de luz pura

Coa-se através dos vidros

Sobre a tua sepultura.

Estes melancólicos tercetos, escritos há cem anos, que significado tiveram? Encontrei-os num livro manuscrito datado de 1768. Em cinquenta páginas de prosa do mesmo manuscrito, descobri o segredo dos versos.

CAPÍTULO I

Estamos no dia 15 de maio de 1762.

Naquele tempo, os dias de maio, no Porto, eram temperados, alegres, perfumados, encantadores. A primavera, há cem anos, aparecia quando o calendário a dava. Ninguém saia da sua casa ás cinco horas duma tarde cálida de maio, com um casaco de reserva no braço para resistir ao frio das sete horas; nem o paralta portuense levava escondido na copa do chapéu o cache-nez, com que, ao anoitecer, havia de resguardar as orelhas da nortada cortante.

O globo, naquele tempo, movia-se em volta do sol com a regularidade assinada pelos astrónomos. A gente ditosa, que então viveu, podia confiar-se nos entendidos em rotação dos planetas; e os sábios podiam sem receio responsabilizar-se pela pontualidade das estações. Quem, à face da folhinha, se vestisse de fresco em maio, podia sair à rua trajado de holandilha ou vareja, que não entraria em

casa a espirrar constipado pela súbita frialdade que o surpreendeu. A gente fiava-se dos sábios, os sábios da ciência, e a ciência dos factos repetidos.

Depois, porém, daquela época, desconcertaram-se os sistemas das regiões altas. As pessoas muito espirituais receiam que este desconcerto venha a desfechar no fim do mundo; outras, mais racionalistas, pretendem que a desordem das estações proceda de causas que, passado um indeterminado período, cessem de existir. Ninguém se lembrou ainda de conjeturar que as vaporações constantes das fornalhas e o fluido elétrico de que o ambiente está saturado, possam ter influído na substancia dos sólidos e fluidos componentes do maquinismo celeste, alterando-lhes o modo de atuarem sobre a terra. Se algum sábio estivesse de pachorra para demonstrar a profundeza desta a minha hipótese original, ficávamos convencidos nós de que a civilização do fumo e a dos arames elétricos, a final, acabariam de todo com a primavera. Em compensação, os engenhosos destruidores das nossas alegrias de maio, haviam de inventar uns fogões cómodos para o nosso uso em Julho.

De mais disso, o Porto da primavera de 1762, gozava-se de ar impregnado de aromas, porque, naquela era, grande numero de ruas que hoje respiram vapores nocivos pelos férreos pulmões dos seus edifícios e fábricas, eram quintas, arvoredos, jardins, ourelas e marginados verdejantes de límpidos regatos, que os duetos atuais do gaz degeneraram em água poluída dessas dezenas de chafarizes em que tragamos peçonha.

Não era, todavia, o sol nem os aromas que extraordinariamente alegravam as famílias mais gradas da cidade do Porto, no dia 15 de maio de 1762. As bandeiras que tremulavam, brandamente assopradas por olorosas brisas, por sobre os balcões e rótulos das janelas da rua Chan e Corpo-da-Guarda, significavam algum grande jubilo nacional, que certamente não era casamento de rei, nem nacimento de príncipe. Mais que no comum das famílias burguesas, brincava o contentamento nas ridentíssimas filhas do Chanceler governador das justiças Francisco José da Serra Craisbeeck de Carvalho, nas graciosas e fogosas meninas do governador general da Província João D’Almada e Melo, nas sobrinhas do Cabo-mor Miguel José

de Moura, nas duas loiras irmãs do senhor de Quebrantões e Gaia-pequena Álvaro Leite Pereira, e muitas mais, assim formosas que bem nascidas. E, depois, que tráfego é este de costureiras que vão e vem; de alfaiates azafamados que sobem e descem duns palácios para outros? Porque está a praguejar aquele fidalgo impaciente contra os desgraciosos anéis da sua cabeleira, enquanto a esposa vocifera contra a modista ignara que lhe estreitou as anquinhas, deixando-lhe quase molduradas na seda flexível as magras formas da natureza sovina? Porquê tudo isso? Toda esta azáfama desusada na cidade com os seus luxos e fidalgas folias?

É que, na noite daquele dia, acendia-se no Porto, pela primeira vez, uma das mais refulgentes lâmpadas do altar da civilização. É que naquela noite memoranda o burgo de D. Moninho Viegas entrava em comunhão de delicias das artes encantadoras com as primeiras cidades da Europa. Digamo-lo d uma vez, em respeito à ansiedade da leitora: abria-se naquela noite o primeiro teatro lírico do Porto.

Muitos anos antes, no reinado de D. Pedro II, por ocasião das projetadas núpcias de uma filha do algoz e sucessor do infeliz Afonso VI, estiveram em Lisboa cantores italianos da

comitiva do duque de Sabóia para solenizarem com as suas tramoias líricas os festejos de um casamento que nunca se realizou. O publico, porém, espantado e depressa aborrecido da estranheza do espetáculo, rompeu às gargalhadas quando a dama arquejava abraçada ao tenor lagrimoso guinchando na sua desabrida aflição. Era resultado desta selvageria, decorreram bastantes anos sem que à capital voltassem companhias de canto, sendo tantas as que muito aplaudidas funcionavam nos teatros da Europa, e na Itália principalmente. Só decorrido largo espaço de tempo, que não seria menos de noventa anos, apareceu em Lisboa a celebrada Zamparine, ajustada por um banqueiro da cúria romana.

Podemos conjeturar, sem ofensa de ninguém, que foi o Porto quem deu o exemplo de apurado gosto à cidade de Ulisses nesta notável conquista do progresso. Demonstram-no as datas: abriu-se o teatro italiano do Porto em 1762; e a Zamparine, com a sua companhia, cantaram em Lisboa no ano 1770, oito anos depois que o Porto lhe castigara delicadamente o descoco de rir-se a capital, quando as

prima-donas e tenores soluçavam as suas notas orvalhadas de lágrimas mais ou menos equívocas.

No que eu presumo que Lisboa levou vantagem à terra querida de D. João 1.°, foi na capacidade e talvez ornato do seu teatro. Zamparine cantou no palco da rua dos Condes, ali mesmo naquele cotovelo da rua, onde o leitor já ouviu, por dita a sua, a ópera bufa de Manoel Mendes Enxundia, ou a Ave do Paraíso, e outras que tais visualidades desgraçadas, para as quais toda a compaixão se faz necessária. Ó Zamparine! Ó Chiatini, infeliz tenor, que pedias nas arias que te pagassem, e os empresários ofendidos te levavam, no fim de cada recita, para o hospital dos doudos! Ó egrégias memórias, se vós diríeis que aquele palco havia de ser cortado de alçapões, por onde agora existem cabeças de jacarés, de hipogrifos, de dragões e diabos de todos os feitios!

O braço poderoso que fez erguer de arruinados casebres um teatro, cujo peristilo modesto abona a arquitetura económica de há cem anos; a vontade soberana que moveu o senado portuense a contribuir com o máximo das despesas para uma inovação, que devia de ser

medianamente simpática aos laboriosos mercadores e industriais da cidade do trabalho, era um só homem, um dos maiores vultos daquela época. Chamava-se João D'Almada e Melo; governava por esse tempo militarmente o Porto; e três anos depois governava as justiças, presidia no município, presidia na marinha, era conselheiro do soberano, e tenente general dos seus exércitos. Todos estes títulos são, porém, deslumbrados pela gloria de ter inaugurado o espetáculo lírico, numa cidade que, cem anos depois, carece de recursos para sustentar uma companhia de cantores rebocados no refugo dos outros teatros.

A decoração cénica do teatro do Corpo da Guarda, se acreditamos o folhetinista contemporâneo, seria exagerado patriotismo encarecermo-la. Para execução da primeira ópera, o pintor, que devia ser dos não somenos da época, fez uma sala regia bem guarnecida de colunas vistosas, e nesta sala correram todas as peripécias do drama, sem que a inverosimilhança danificasse os intentos e efeitos do poeta metrificador e do poeta musical. Denominava-se a ópera no trascura-to, como quem diz O descuidado». Pargholesi era o maestro. No entrecho predominava o

género cómico. A prima-dona chamava-se Giuntini. Os de mais cantores e cantoras não faz menção deles o folhetinista — o patriarca dos folhetinistas em Portugal, padre Francisco Bernardo de Lima, que então escrevia a Gazeta literária, obra de tal cunho, que daria hoje em dia nome e honra a quem assim a escrevesse.

E já que digo da mais antiga critica de teatro lírico escrita pelo primeiro folhetinista, é aqui o lanço de contar-se à posteridade que foi ainda o governador geral da cidade do Porto, João d'Almada, quem fundou a Gazeta literária em 1761, e galardoou o admirável talento e a copiosa e variadíssima instrução de Francisco Bernardo de Lima. Do quanto aquele famigerado homem protegeu as letras, sem desfalcar no cumprimento de muitíssimas obrigações que lhe corriam por conta e responsabilidade, bastam a dizer-mo dezasseis peças literárias entre panegíricos, odes, éclogas e sonetos com que quinze literatos de maior polpa, conglobando-se num só livro, fizeram estrado à passagem do herói para o templo da memória.

Temos glorificado bastantemente com o nosso turíbulo de incenso o criador do teatro lírico no Porto.

Agora, visto que a sua excelência, o governador, e a sua excelência o chanceler, e as suas excelências os desembargadores já saltaram das carruagens, das estufas, das cadeirinhas, caleches, e faetontes, e se refestelaram nas duas ordens de camarotes, é tempo de também entrarmos, posto que o infortúnio de nascermos cem anos depois, fizesse que não fossemos convidados pelos escudeiros do galhardo governador a comparecermos com a nossa casaca de seda, com a nossa marrafa, com o nosso dinheiro, e com a nossa admiração no teatro lírico do Corpo-da-Guarda.

A leitora, primeiro que tudo, manda-me comprar o libreto da ópera, que foi impresso e dedicado àquela fidalga do n.º 2 da ordem, que se chama Sra. D. Ana Joaquina de Lancastre. Fui à oficina do capitão Manoel Pedroso, e pesarosamente soube que se venderam ou distribuíram todos os exemplares por ordem do governador. No entanto, como no camarote do juiz de Fora está o padre Francisco Bernardo de Lima, redator da Gazeta literária, vou pedir-lhe que me conte o enredo, e virei depois esclarecer a curiosidade de V. Exa. que muito me desvanece.

Eis-aqui a noticia que me deu o eloquente padre, tal qual a reproduziu no numero do periódico do mês seguinte:

— A ópera tem por fim o mostrar as funestas consequências que resultam para um particular, quando inteiramente se descuida dos negócios, de cujo bom êxito dependa felicidade da sua casa. Tinha o descuidado e negligente Felisberto, que é a primeira personagem desta composição dramática, um litigio com um conde, sobre à soma de trinta mil ducados, que era a maior porção do seu capital; mas ele, só com o sentido na sua comodidade particular, ia perdendo o seu negocio, ao mesmo tempo que o roubava um procurador a quem tinha confiado a demanda. Toda a família de Felisberto fazia o mesmo que o procurador; porque Aurélia Orfan, que assistia na casa do descuidado, namorando-se do ambicioso Comelio, que só a pretendia pelo dote, juntamente com o procurador, fizeram assinar um papel a Felisberto, que por preguiça o não quis ler, no qual se obrigou este a dar-lhe trinta mil ducados, dizendo-se-lhe que este papel era necessário para sair bem a sua demanda; mas antes disso, Lizaura, filha de Felisberto, tinha-lhe feito assinar outro papel em que lhe

deixava todos os seus bens, a fim que ela se casasse com o seu amante Dorindo. O criado Pasquino e a criada Purpurina aproveitaram-se da mesma negligencia para, da mesma sorte, se casarem. Depois de alguns episódios, em que Felisberto conserva sempre o caracter de um homem amigo só do seu descanso, e inteiramente inimigo do trabalho, se declara Cornélio por amante de Aurélia, e mostra a Felisberto a obrigação que este lhe tinha feito; mas ao mesmo tempo mostra Dorindo o seu papel, que se prefere ao outro por estar feito antes do de Cornélio. Perdoa a todos Felisberto, que até se contenta de que casem os criados, que também tinham abusado do bom e culpável génio de Felisberto.» Disse, e acrescentou:

— Olhe que de um sujeito muito interessado em Paris em saber a urdidura das óperas, disse um critico espirituoso: É tão estúpido que vai à ópera para ver o enredo /» Seja o que for, satisfiz a curiosidade de V. Exa. Enquanto ao desempenho da ópera não direi o meu parecer, porque outro folhetinista, noventa anos depois, analisou detidamente o espetáculo, com sobeja graça e conhecimento da cena. V. Ex. dobra esta pagina, e vai numa

nota final satisfazer plenamente o seu desejo. Não lho conto eu, porque refazer o que está bem feito é destrui-lo. No Bibliófilo Josef, que subscreve o jovial folhetim, apresento eu à leitora o elegante prosador José Gomes Monteiro.

CAPÍTULO II

A noticia da inauguração do teatro de canto no Porto, um mês antes da primeira récita, alvoroçara algumas famílias das vilas circumpostas à magnifica cidade, na área de dez léguas.

O juiz de Fora de Amarante, António de Sousa Pereira, amantíssimo de musica, e instado por uma a sua cunhada, que começava a cantar com deliciosa voz, obteve com muita antecipação o camarote n.º 7 da 2ª ordem.

Oito dias antes da abertura do teatro, já. O juiz de Fora estava no Porto, tratando de se trajar dignamente a si, à sua mulher e cunhada, de modo que as damas portuenses não se desdoirassem de concorrer com as provincianas ao mais lustroso congresso daqueles tempos.

De feito, se alguma sensação desagradável causou a família de Sousa Pereira foi a da inveja, em muitas senhoras que, ainda invejosas, primavam em beleza.

Da esposa do juiz diremos apenas que era bela, para nos não minguarem as frases sacramentais no elogio da sua irmã Joaquina Eduarda.

Observada da plateia, a formosa cabeça desta menina, que teria então dezoito anos, era um busto de Pigmalião, não aviventado pelo amor ardente do seu autor, mas por influxo radioso da vida dos querubins. Realçavam quase nada os pentes de oiro cravejados de pérolas, porque a alvura da fronte os desluzia, bem que o loiro dos opulentos cabelos fosse causa a refulgirem menos os adornos. Era duma candidez ebúrnea. Os olhos, posto que grandes, mal se viam de assombrados pelas convexas e cabidas pálpebras. O coral fendido dos finos lábios poderia estilar o néctar mortal das paixões, se não fosse formado por algum beijo de arcanjo, que lie viera roubar a alegria da terra levando-lhe no oculo as melhores e mais puras alegrias da alma. Joaquina Eduarda parecia triste, introvertida em preocupações intimas; porém, quando a Giunlini espedia em trilos vibrantes as frases musicais mais expressivas da paixão, Joaquina espertava, estremecia, e maquinalmente juntava as mãos para aplaudir.

Num entreato, ao camarote do juiz de Fora de Amarante foram alguns magistrados, e cavalheiros da província, cumprimentar a família de Sousa Pereira, sujeito aparentado com ilustres casas dentre Douro e Minho.

O velho Pedro de Vasconcelos, de Braga, também foi, e levou na sua companhia um filho natural e único, muito querido o seu, académico do quarto ano do curso jurídico na universidade de Coimbra.

O rapaz, como qualquer estudante e não dos menos travessos fidalgos em Coimbra e Braga, agiu no camarote com um acanhamento de menino do coro; e, para ajustar os pontos da analogia com a candura seráfica de um minorista, esteve sempre fito na cunhada do juiz de Fora, como o outro estaria enlevado num retábulo de alguma santa das mais formosas; salvo quando Joaquina, por acaso, ou acidentalmente, lhe relanceava os olhos indescritíveis de fascinação e magia.

Desceu à plateia Pedro de Vasconcelos com o seu filho Gaspar. O velho ria-se dos trejeitos do bufão; o rapaz não despregava os olhos do camarote; e Joaquina Eduarda, a espaços não longos, desfechava sobre a face arrobada de

Gaspar uma flecha das maviosas pupilas, que fariam lembrar os relâmpagos rutilantes em céu azul, ao fechar-se um dia calmoso de Julho.

O juiz de Fora segredou a esposa algumas palavras. A esposa inclinou-se à irmã, e disse-lhe:

— Olha que não parece bem estar assim uma menina a olhar para um homem.

— Eu para quem olho?! — perguntou Joaquina, confessando a culpa no rubor e contrafeito sobressalto.

— Eu bem vejo, e o teu cunhado também viu.

A menina voltou o rosto para o palco, deteve-se com gesto de amuada alguns minutos; depois esqueceu-se, e olhou outra vez.

A irmã sorriu-se de má catadura, e murmurou:

— Queira Deus... O teu cunhado, se o zangas, não volta mais aqui, nem a parte nenhuma. Não sabes o génio dele?.. e as recomendações do mano Sebastião?

Tornou a amuar Joaquina Eduarda, e nunca mais baixou os olhos sobre a plateia.

Concluído o espetáculo, o magistrado tomou pelo braço as duas senhoras, que entraram em cadeirinhas e partiram, enquanto ele ficou esperando no pátio o regedor das justiças para lhe dobrar uma cortesia até aos joelhos.

Convém saber alguma coisa do juiz de Fora e a sua família.

Estava ele ouvidor em Viana em 1758. Ali vivia, no ultimo quartel da vida, um fidalgo com poucos bens de fortuna, e muitas feridas no serviço da pátria. Era o capitão de cavalaria Fernão Cazado Godim, neto do doutor Marçal Cazado, o qual fora irmão duma celebrada viúva de quem rezam as crónicas dos heroísmos de portuguesas. Costumava Fernão mostrar a quantas pessoas se honravam com a sua amizade um livro impresso em 1625, e escrito pelo padre Bertolameu Guerreiro, da Companhia de Jesus, no qual livro vinha contada a façanha da sua tia-avó pelo seguinte teor:... Para estimar foi a contenda que entre a natureza e a honra findou no peito de uma dona vianesa, que tem pouca razão de envejar o valor das matronas romanas. Tendo na sua casa um só filho, em cuja companhia tinha a sua consolação e governo, se viu com

ele em grande fadiga: apertava o amor de mãe para ele não ir à armada (*) apertava o da honra para não ficar na terra.

[(*) Esta armada destinava-se a ir expulsar os holandeses das praças assaltadas e tomadas no Brasil em 1624.]

No meio desta batalha, entra o filho pela casa, acompanhado de amigos e parentes para a consolarem de ficar alistado no serviço da jornada: com o fogo no coração e água nos olhos, lhe lançou mil bênçãos, rejeitando os alívios que lhe davam da sua saudade: dizendo, que ainda que não negava o efeito de mãe em ficar sem filho, estimava tê-lo para nesta ocasião fazer dele sacrifício à honra, que o era servir ao seu rei em tal jornada. Era esta Dona mãe do capitão João Cazado Jácome, que na jornada o foi do navio S. Bom-Homem.» (*)

[(*)Jornada dos vassalos da coroa de Portugal, para se recuperar a cidade do Salvador, na Bahia de todos os Santos, tomada pelos Holandeses, a oito de Mayo de 1624, e recuperada ao primeiro de Maio de 1625. LxPor Mattheus Pinr. Ano de 1625.]

Esta página do feito brioso da irmã do seu avo era a consolação do velho, visto que dos feitos dele nem gloria

sabida nem merces pecuniosas adquirira para poder legar aos filhos.

Fernão Cazado, ao tempo que Sousa Pereira chegara a Viana ouvidor, tinha duas filhas, e ura filho então reitor nas proximidades de Barcelos ao sopé da serra de Airó. O magistrado, já pendendo aos quarenta anos, afeiçoou-se à filha mais velha de Fernão, e casou com ela sem grandes prólogos de galanteio. Passado um ano, Sousa Pereira foi transferido juiz de Fora para Amarante, e Joaquina Eduarda, meigo amparo e alivio do seu pai, ficou naquela melancólica estreiteza de gozos infantis, até que o velho se finou santamente nos braços dela e nos do filho clérigo.

Recolheu o padre Sebastião Godim à reitoria, e levou consigo a irmã. Herança quase nenhuma teve que administrar-lhe, porque o melhor dos bens de Fernão foram em vida repartidos entre a filha casada com o ouvidor, e o património clerical de Sebastião. O restante, que o velho destinava ao dote da segunda filha, levou-o a pertinaz e mortal enfermidade de um ano.

O padre Sebastião prezava em extremo a sua irmã. Por amor dela alfaiou modesta, mas asseadamente, a pobre

casa da residência reitoral. Comprou-lhe cravo para aprender musica e canto, com um proprietário de Barcelos, que professara aquelas artes na capela do Sr. D. João V.

Mais dano correu, se não alegre, pelo menos bonançosa a vida de Joaquina Eduarda. O irmão, algum tanto desvanecido com a fidalguia dos seus avós, apenas aceitava a convivência de pessoas da sua plana. Dizia ele que a plebe lhe não aborrecia, senão porque era vil dos instintos, que a bruteza da nenhuma educação asselvajava mais. Sem embargo, como pastor d'almas, cumpria zelosa e evangelicamente os seus deveres. Quis, ao começar as suas funções paroquiais, dirigir uma escola para desbastar nos mocinhos a rusticidade dos pais; porém, ao segundo mês de ensino, os pais levavam de força os filhos para a lavoira, alegando que se comia bem, e bebia, e governava cada qual a sua vida sem saber ler nem escrever. Joaquina Eduarda, sem demover-se pelo exemplo do irmão, chamou a si algumas rapariguinhas de lavradores para lhes ensinar prendas das mais necessárias. Poucas acudiram ao convite, e, logo depois, assim que a sáfara das colheitas começou, retiraram-se todas.

Algumas pessoas nobres de Barcelos visitavam de longe a longe o reitor, não tanto porque ele era bom sacerdote, mas principalmente porque tinha os apelidos dos Cazados e Godins. Pôde muito bem ser que outro motivo atraísse à residência de Bastuço alguns visitantes de costumes suspeitos. Se a hipótese é aceitável, pouco tempo c prestou a conjeturas, porque os hospedes retiraram, tão de pressa viram no rosto do reitor a gravidade e desconfiança.

Maria Amália, a irmã de Joaquina, dois anos depois do apartamento, escreveu ao irmão padre rogando-lhe que deixasse ir a sua irmã fazer-lhe companhia por alguns meses em Amarante. Não deu o padre a permissão, que Joaquina secretamente desejava. Disse que não podia desfazer-se e privar-se do único bem que Deus lhe concedera, na saudada que, por obediência filial, sacrificara o seu coração; e acrescentou, em carta ao seu cunhado, que Joaquina era inocente como as boninas as suas irmãs daqueles prados e vales; e que o ar dos povoados a poderia empestar e fenecer como sucede ás flores dos montes transplantadas para os jardins.

Magoou-se o juiz de Fora com aquela observação.

— Pois que!—dizia ele — Joaquina na minha companhia estará menos resguardada e defendida que em companhia do irmão?! Pois eu tomo a peito provar a meu cunhado que me não assustam as suas reflexões.

Dai a pouco, apareceram inesperados na reitoria o juiz de Fora e a sua senhora. Correram quinze alegres dias em passeios, musicatas, e pecarias no rio Cavado. Findo este prazo, António de Sousa Pereira instou o seu cunhado a que deixasse ir a mana Joaquina passar o inverno em Amarante. O padre, confiando nimiamente na amizade da irmã, cedeu nela a deliberação. Joaquina hesitou por delicadeza cora o mano; todavia, quando o cunhado se fez interprete do seu silencio, calou-se condescendendo. Entristeceu-se profundamente o padre; ma» não a contrariou; apenas disse:

— Tens razão: o inverno aqui é muito desagradável. Voltarás com as flores e com as aves, minha irmã.

Vieram aves e flores; mas Joaquina não voltou.

Seriam amores que a prendiam à vila de Amarante, que, naquele tempo, tinha em si muitas famílias nobres, das

mais qualificadas na fidalguia do norte? Não eram amores: era, por ventura e com desculpa, a gloria de ver-se admirada como portento no canto, e como professora no cravo. O culto à sua singular formosura era incenso que a não aturdia nem lhe inclinava o animo isento a algum dos turibulários. O juiz de Fora, posto que se comprazesse na esquivança da cunhada, desejaria que ela se não dificultasse ao galanteio de rapazes fidalgos e ricos, a fim de poder escolher marido como lhe convinha na sua carência de bens de fortuna. Porém, aconselhada pela irmã a condescender discretamente ás instancias delicadas dos galãs, Joaquina Eduarda respondia:

— Por interesse sou incapaz de mentir a algum destes homens; e por amor... digo-te a verdade: ainda não encontrei pessoa que possa despertar-mo.

— Oxalá, redarguia Maria Amália, que não venhas a encontrar o despertador em algum rapaz pobre e mecânico...

— Se isso acontecesse, replicava a menina, maior desgraça me não desse Deus.

O padre recebia a substancia deste e doutros diálogos semelhantes. Não se afligia nem contentava; todavia, inquietavam-no presságios funestos, que ele desvanecia atribuindo-os à ternura com que estimava a sua irmã.

Passado um ano e meio de ausência, foi o reitor visitar a sua família, no intento de voltar com Joaquina Eduarda.

Assistiu a algumas assembleias, que se faziam em diferentes casas, revessadas ás noites. Presenciou o cortejo que rodeava a sua irmã, aplaudida, festejada, e aclamada rainha de todas as festas.

— Em verdade — disse ele ao cunhado — Joaquina é uma alma extraordinária para se não ter embriagado com os fumos da lisonja! Supunha eu que todas as mulheres deviam sucumbir, mais ou menos nobremente, a esta guerra que o mundo faz à tranquilidade dos corações!

— É um assombro! — dizia António de Sousa; — mas, por isso mesmo, receio que alguma paixão a surpreenda inconvenientemente. Estas mulheres de condição muito afidalgada e rebelde em amores, são como as pessoas

muito saudáveis: chega uma hora em que a primeira doença mata umas, e o primeiro amor perde as outras.

— Pois se receia isso, meu amigo — acudiu o padre — intendo que o melhor é deixar-ma levar para o esconderijo da minha aldeia.

— Isso é de mais! — exclamou o cunhado — Pois o mano já viu que ás pessoas muito saudáveis as resguardassem num hospital para esquiva-las à primeira doença?

— Mas que analogia há entre o hospital e a minha aldeia?!

— Há! a sua irmã, passando desta vida agitada e satisfeita, para o ermo e silenciosa monotonia do campo, cai-lhe numa tristeza inconsolável, e começa a pedir ao coração o segredo da sua cura. Então é que é o temermo-nos dalguma impressão funesta.

— Valha-me Deus! — retorquiu o reitor — isso é um sofisma, meu caro doutor! E, se o argumento colhe, mau foi tira-la duma quieta vida, e da ignorância destas folias que tornam perigosa a mudança para a solidão.

— Bem sei, bem sei. O que o mano quer é levar a sua irmã, e eu não tenho coração que o contradiga. Já agora deixe-a estar mais um mês. Vai abrir-se o teatro de canto no Porto, e eu estou comprometido a leva-la a esta festa, a mais preciosa para quem divinamente canta como ela. Depois, tanto Joaquina como Maria Amália querem visitar a tia Joana, freira do Santa Clara, que elas nunca viram. Estaremos um mês no Porto; iremos de lá a Barcelos; e Joaquina, visto que o mano assim o quer, fica na sua companhia alguns meses, e voltará no inverno para Amarante, se eu ainda la estiver servindo. Acordaram nisto.

CAPÍTULO III

Já se viu que o juiz de Fora experimentou no teatro o primeiro desgosto, enquanto a desconfiar da sua cunhada.

Gaspar de Vasconcelos, bem que filho de um rico fidalgo, não era dos pretendentes do agrado de António de Sousa. O pai destinava-o a casar-se com uma prima carnal. Se o filho contrariasse o destino, que lhe davam, perderia a estima do velho, e, como ilegítimo, não haveria sequer alimentos da casa paterna. O juiz de Fora sabia tudo isto cabal e juridicamente.

O simples caso de Joaquina Eduarda encarar no rapaz com atenção desusada, pouco devera inquietar o espirito do cunhado, se não fosse aquele preconceito da fatalidade da primeira impressão na alma das mulheres refretarias aos galanteios de que o maior numero delas se pagam e desvanecem. v Na noite seguinte à do teatro, deu o regedor as justiças um baile em honra de João D’Almada.

Joaquina Eduarda cantou: apresentaram-lhe duas arias do II trascura-to» Leu-as magistralmente, cantou-as de modo que, sem encarecimento, a reputaram superior à Giuntini no apaixonado das notas maviosas, e na força com que expedia as graves.

Foi o encanto da noite, dos olhos, e dos corações a prendada menina.

Gaspar de Vasconcelos não tinha já coração em que outra esperança ou pensamento coubessem. O valor de Joaquina Eduarda figurou-se-lhe tamanho a ponto de já ele imaginar que o seu pai se desvanece- ria, podendo ter aquela menina como esposa do seu filho.

E, autorizado pelo afeto com que o velho indulgenciava certas liberdades, disse ao ouvido do pai:

— Se eu casasse com uma divindade como aquela...

— O que? — interrompeu o fidalgo bracarense — Faz-te palerma!. Nem pensar nisso! A tua mulher é a tua prima.

Gaspar sorriu-se dissimuladamente, e disse:

— Eu estava a gracejar...

— Pois sim; mas com o coração e com mulheres daquelas não se. graceja, ouviste? É cunhada do meu amigo António de Sousa, é filha de um homem de bem, e finalmente é capaz de fazer perder o juízo àqueles que o tem no seu lugar.

O rapaz dava os ouvidos ás reflexões do pai, e não desfitava olhos de Joaquina.

Pedro assestou-lhe também a enorme luneta de aro de prata, e murmurou:

— Ela parece que está a olhar para ti! Querem vocês ver que temos historia!

— Ora tem coisas o pai!.

Ao mesmo tempo, o juiz de Fora segredava à esposa:

— Isto não tem jeito!. Lá estão eles em contemplação!. Não saias do lado da tua irmã. Repara tu que estão aqui mais de vinte homens fascinados de Joaquina, todos abastados e das primeiras casas. Pois observa que a tola não corresponde ao cortejo de nenhum!.

— Eu vou sentar-me ao pé dela — disse a dama, um tanto admirada de que o marido não desse tento de que andavam ali também uns vinte homens a olhar para ela.

Saíram do centro da sala os homens para darem praça ao espetáculo magnifico do minuete, que era então a nova e suprema expressão do belo no bailado, arte em que portuguez.es não primavam.

Saiu à sala em pé de dança Gaspar de Vasconcelos, emparceirado com uma filha do regedor das justiças. Rompeu a musica, e logo ele começou por dificuldades que excedem todo o louvor. Reinava o espanto nos espectadores. Gaspar adquirira em Coimbra aquela prenda em que saíra primor. O próprio bispo, conde de Arganil, o mandava algumas vezes convidar para na sua presença e na de alguns gravíssimos doutores, executar as maravilhas do minuete a solo. Era uma gloria nacional o rapaz em Coimbra e Braga; mas, daquela noite em diante, o Porto subscreveu, à admiração universal das duas mais cultas cidades do reino.

Joaquina Eduarda corava de entusiasmo quando viu Gaspar nos braços de João D’Almada e Melo, cabeça bem formada,

que naquela hora o néctar de Terpsícore desconcertou. Os aplausos gerais celebravam o grupo sublime do velho sargento-mor abraçado ao rapaz.

Gaspar na dança, e Joaquina Eduarda no canto, eram o assumpto do dia seguinte. Não obstante, António de Sousa metia a riso os trejeitos, convulsões, e pulos de Gaspar, na presença da cunhada. A menina ouvia-o com silencioso despeito, e o juiz picava o olho à mulher.

Passadas duas noites, repetiu-se a récita. Pedro de Vasconcelos não quis ir ao camarote do seu amigo com o filho. Aproveitou a oportunidade de estar o rapaz no camarote do regedor das justiças, e foi só. Joaquina pregara os olhos embelezados no camarote do regedor das justiças, enquanto o velho de Braga entretinha o cunhado; mas o cunhado ouvia o pai, e via o filho.

Despediu-se Pedro de Vasconcelos; e António de Sousa, acompanhando-o, travou-lhe do braço, e saiu com ele a passear no estreito pátio do teatro, pátio a que não chamo vestíbulo por não desfeitear a arte dos Afonsos Domingues.

— Falemos como velhos amigos, disse o juiz de Fora.

— Que sempre fomos — acrescentou o fidalgo.

— Eu descobri que a minha cunhada não é indiferente ao seu filho.

— Também eu descobri isso. Pagam-se na mesma moeda.

— É necessário cortarmos desde já esta inclinação, a menos que Vossa Senhoria não ordene o contrario. Isto é que é franqueza.

— Pois então franqueza e mais franqueza—disse o velho, apertando-o nos braços — O doutor, meu velho amigo, não se ofende se eu lhe disser que é preciso acabar com esta inclinação...

— De modo nenhum me ofendo.

— O meu rapaz, como sabe, é filho natural, e eu de propósito não requeri perfilhação; porque, se ele me andar ao arrepio da minha vontade, os meus bens vão a quem tocarem. Quero que ele case com uma filha da minha irmã; e estou à espera que a pequena tenha a idade para requerer as dispensas. Isto é negocio tratado; porque assim

o meu vinculo vai a minha sobrinha, e o rapaz, deste modo, sucede-me na casa; senão, nada feito.

— Muito bem: gostei ouvi-lo assim falar. Eu já sabia isso; mas quis obter a ultima certeza.

— Fez Vossa Senhoria muito bem, doutor. Eu cá pela minha parte já disse ao rapaz o que tinha a dizer-lhe; e, se não fossem uns negócios que trago aqui na Relação, ia-me já embora amanhã com ele, porque, se vai a dizer verdade, a sua cunhada é o que eu tenho visto de rapariga perfeita; e, se ela quiser marido rico e tão fidalgo como ela, não tem mais que escolher. E desculpe, doutor.

Separaram-se. António de Sousa entrou no camarote, e achou lá Gaspar de Vasconcelos. Tratou-o com urbanidade, mas muito carregado de aspeito. Saiu o rapaz; e o juiz, passados minutos, disse:

— Amanha é necessário erguer cedo, e enfardelar a troixa.

— Vamos embora? — disse D. Maria Amália.

— Vamos para Barcelos; mas antes de entrarmos nas liteiras, tu e a tua irmã ireis visitar ao convento de Sta.

Clara a lia Joana, que já está prevenida.

Joaquina Eduarda não volveu sequer a cabeça, para que lhe não vissem o rubor, nem o espelhado das lagrimas.

Ao correr do pano sobre a ultima cena, enquanto a irmã lançava aos ombros um manto encapuzado, e o cunhado procurava a bengala debaixo da cadeira, Joaquina fitou os olhos em Gaspar, e ousou enviar-lhe um gesto de adeus com a cabeça, um adeus que, na tristeza do rosto, dizia para sempre.» Gaspar levou a mão ao peito sem dar tino do acto.

O pai, que estava de atalaia, reparou no caso, e disse: — Que diabo de geringonça é essa?! Ai! que o rapaz traz-me a cabeça a juros! Anda dai, meu patacoada! Parece que nunca viste mulheres!

CAPÍTULO IV

Triste foi o despertar de Joaquina Eduarda, se por ventura dormiu. Amaldiçoada hora em que vim ao Porto!» dizia ela entre si. Já o amor lhe doía tanto, que mais quisera não ter conhecido a formosa luz desse mortífero raio!

Enfardelada a bagagem, saíram as senhoras em cadeirinhas a visitar a tia D. Joana, religiosa professa de Santa Clara, que nunca tinha visto Joaquina.

Era a tia Joana uma serva de Deus, e exemplar esposa de Jesus Cristo. Para ali entrara aos quinze anos, e nunca mais vira o sol senão através de grades. Vivera ditosa, e não compreendia o desgosto dalgumas freiras, que invejavam a liberdade das andorinhas. Encantada da formosura da filha do seu irmão, exclamava:

— Deu-te o Senhor essa beleza angelical, porque te quer para as suas divinas núpcias. Vem para mim, Joaquina, vem; e, se o coração te levar para o esposo, veste o habito.

Se tens bonitas prendas, como toda a gente diz, a quem melhormente as darás senão ao autor delas? Serás a mais rica em dotes, entre as suas esposas. Resolve-te, minha pomba do céu. Se estas grades te entristecem, verás como o amor de Deus tas ilumina depois.

— Eu pensarei, minha tia — disse Joaquina Eduarda; — por enquanto não decido do meu futuro. Espero que ele seja mau; porém, o ser freira, sem decidida vocação, é preparar o pior dos futuros.

— Assim é, menina, assim é; mas eu pedirei ao Senhor que te mova, e a sua divina inspiração te será depois contentamento sem fim. Isto aqui dentro, filha, é um mundo pequeno: há bom e mão; os bons corações melhoram-se, e os maus pervertem-se. Resultado triste das profissões involuntárias... Vai pensar e orar, para que Deus te guie por graça de um dos seus anjos.

Prolongou-se a visita nestes seráficos discursos da freira, até que António de Sousa chegou, e logo depois as locomotivas estrondosas. As senhoras desceram a embarcar nas liteiras. Joaquina circunvagou os olhos pelo rocio do mosteiro, e avistou encostado ao arco da Porta do

Sol Gaspar de Vasconcelos, cobrindo meio rosto com um lenço branco em que as lagrimas se embebiam. Tinham sido as campainhas das liteiras, que avisaram o rapaz. Abalado pelo agudo pressentir da amante, desceu à rua a interrogar os liteireiros, e soube que pertenciam ao juiz de Fora de Amarante. Depôs na mão condescendente do arrieiro um cruzado novo, e pediu-lhe espera dalguns minutos enquanto ele escrevia duas palavras, para serem entregues, quando fosse possível, à mais nova das duas senhoras. Negociada felizmente a proposta, Gaspar escreveu no balcão duma tenda poucas linhas, que fechou com um fragmento de hóstia, e, com outro cruzado novo, entregou o bilhete.

Partiram as liteiras caminho de Barcelos. António de Sousa nem palavra disse com referencia à pertinácia do bracarense, que ele, indignado, vira encostado ao arco.

Exultou o padre Sebastião Godim, quando a casa se lhe encheu de luz com a presença da irmã. O sacristão, sem consultar o reitor, foi dar três repiques nos sinos e sinetas do presbitério. Os rapazes da aldeia deram de mão à lavoira, e saíram à rua com rebecas e zabumbas. O

mordomo de S. Clemente perdeu o amor a três mil seiscentos réis, e pegou lume a dose dúzias de fogueies que tinha comprado para a festa do santo no domingo próximo. Apinhou-se a freguesia alvoroçada em volta da residência, e beberam-se alguns canecos de vinho, que mandou comprar o juiz de Fora.

E Joaquina Eduarda, que tão querida era daquele povo, estava triste e aborrecida. Para se furtar da vida. Fico ao pé de Barcelos, na freguesia de Bastuço. Como hei de eu vê-lo, sem ser descoberta? Não sei. Tenho um irmão que há de ser mais severo que um pai. Não me esqueça, e esperemos a sorte. J. Eduarda.

Depois disto, e entregada prosperamente a carta ao liteireiro, transfigurou-se o rosto amargurado de Joaquina. Desbordava-lhe a exaltação do seio aos lábios e olhos. Sorria a todos, acariciava o irmão, cantava modilhas populares no seu desafinado manicórdio, fazia passos do solo inglês, e gesticulava remedando a Giuntini e as truanices do bufão da ópera.

António de Sousa estava pasmado; Sebastião Godim aquinhoava daquele doudo contentamento; e a irmã, que já

se tinha mostrado enfadada dos enojos de Joaquina, dizia ao marido:

— Desconfio deste súbito contentamento! Aqui há historia...

— Que historia! Há a versatilidade própria das mulheres! — dizia António de Sousa — Esqueceu-se do rapaz! é o que é. Ainda bem.

— Aqui há historia, António! — instava a senhora — Fia-te em mim, que sou mulher.

— Por isso mesmo é que não há historia! — disse sorrindo o magistrado — Vocês são uns evangelhos muito apócrifos para que a gente se fie.

— Não rias. Lembra-te que Joaquina desapareceu daqui um grande pedaço. Passou duas vezes pela sala muito cabisbaixa e pensativa. Dei tento de ela ir duas vezes ao quintal...

— E dai?

— Estará o Gaspar por ai escondido?

— Valha-te Deus!.. Não sabes que pai ele tem! Pensavas que o rapaz atravessava dez léguas atrás das liteiras sem ser visto!...

— Então é outra coisa: historia é tão certo havê-la, como dois e dois....

— Serem quatro tolices que tu dizes.

Assim rematou António de Sousa, quando a sua cunhada entrou abraçada no irmão.

Raras intermitências de tristeza assaltaram o jubiloso espirito de Joaquina. Os oito dias, que António de Sousa passou na reitoria, correram sem que a sua cunhada revelasse leve pesar de ver partir a irmã para Amarante. O juiz discretamente referiu ao reitor o acontecido com o sujeito de Braga, as inquietações que este episodio lhe dera, e por amor disto a pressa com que viera entregar-lhe a irmã. Sebastião Godim agradeceu a historia, e mais ainda a restituição da sua filha, como ele dizia, para encarecer o muito que estremecia Joaquina.

— Agora — juntou António de Sousa — o mano acautele-se e previna-se.

— De quê? — interrogou com sorriso de galhofa o padre.

— De alguma correspondência ou visita inconveniente... O rapaz tem ares de afouto, e ela não me parece que seja das mais tímidas. O mano ri-se? Olhe que estes casos não se levam assim...

— Chama-se ele?—perguntou o padre.

— Gaspar, filho do Pedro de Vasconcelos, de Braga.

— Bem sei: este Vasconcelos era um bom amigo do meu pai. Não creio que desta família possa surdir a desonra da minha; e menos receio que a minha irmã se descuide de ser honesta. Em fim, eu cá estou... Se ela tinha saído vitoriosa das seduções dos galãs amarantinos, e vinha agora nestes inocentes vales, à sombra do seu irmão, destruir o bom conceito que tem ganhado!.. Não pensemos nisto, que me faz mal....

Retiraram o juiz de Fora e mulher para Amarante. Joaquina Eduarda dispôs de pouquíssimas lagrimas na despedida, e assim recompensou liberalmente os secos olhos da irmã. Esta senhora, bem que linda e grandemente mimosa de encantos, desde certo tempo cobrara não sei que louca

emulação da irmã. Quando Joaquina chegou a casa dela, a esposa do juiz fruía a nota de primaz nas formosuras daquela vila; porém, o eclipse fora total com o aparecimento da mais nova. E, posto que a dama casada não queria cativar alguém com as suas graças, doeu de que lhas vissem com indiferença. Mulheres! a serpente sempre a sob-rojar-se por entre as mais virtuosas!

Isto assim dá explicação do ar despeitoso com que as vimos no teatro e salões do regedor das justiças, e melhor esclarece a economia de lágrimas com que se despediram... para nunca mais se verem.

Mais satisfeitos que nunca, douraram-se os dias de Joaquina e do seu irmão. O padre surpreendeu-a com o brinde de um piano forte, o primeiro talvez que viera a Portugal, daqueles que inventara poucos anos antes o celebrado Silberman. Deu-lhe também cadernos italianos de musicas modernas. Quanto ele poderá poupar em ano e meio, tudo empregará na realização daquele desejo da sua irmã.

E, ao vê-la, tão distraída com musica e flores, o reitor censurava no intimo, e com desagrado, as suspeitas

caluniosas de António de Sousa e da mulher.

Uma tarde, sentados na ourela verdejante do córrego, chamado rio Real, conversavam sobre os casamentos deparados em Amarante à irmã. Joaquina ria-se, recordando os dizeres requebrados daqueles sujeitos, e a desgraciosa ternura de tais aleijados pelo maganão Cupido. Ria o padre da linguagem pitoresca da irmã; e, azado a oportunidade, pela primeira vez falou em Gaspar de Vasconcelos. Vestiram-se de purpura e seriedade as faces até ali joviais de Joaquina, e então observou o reitor:

— Este nome alterou-te, minha irmã?!

— Foi uma saudade e mais nada —respondeu ela — Não me censures por isso, que este sentimento não é indigno de almas bem formadas.

— Pois eu não te censuro — disse suavemente Sebastião — E, a censurar-te, seria por ocultares do teu único amigo esse incidente de nenhuma importância.

— Pois por ele não ter importância to ocultei.

A saída era engenhosa; e, por muito engenhosa, sugeriu precauções ao padre.

Não tardou motivo de suspeita.

Sebastião Godim voltava um dia da igreja a buscar a caixa das hóstias, que lhe esquecera, e encontrou nas vizinhanças da residência um homem estranho que mal disfarçadamente, ao avistar o padre, se ecoou por um quinchoso, que conduzia à estrada. Trajava jaqueta, chapéu derrubado, e denotava homem da ultima plebe. Aventou o padre, naquele desconhecido, um enviado de Gaspar de Vasconcelos.

Calou-se, porém.

Lançou inculcas e pesquisas. Colheu miúdas informações. Aquele homem já três vezes tinha vindo amanhecer à freguesia, e parava à porta do reitor, à hora em que este dizia a missa.

Fez-se triste o padre. Ás perguntas da irmã, sinceramente sentidas e desconfiadas, Sebastião respondia com um tingido ar de contentamento, e algumas frívolas explicações da sua melancolia.

Estavam espias embuçadas nos atalhos convizinhos do paçal e casa do reitor.

Um dia, foi avisado o padre, quando se estava revestindo. Desparamentou-se, saiu da igreja, e meteu por caminho diverso. Surgiu de repente à quina do cunhal da casa, e viu retirar-se o mesmo homem debaixo duma janela. Desandou em redor do paçal, e saiu-lhe à frente. Acercou-se do homem, lançou-lhe a mão à lapela da jaqueta, e disse-lhe:

— A carta que levas! Não te demores em darma, senão quebro-te os braços.

— Está aqui, senhor — disse o homem aterrado, e entregou-lha.

— Espera! — juntou Sebastião Godim.

Leu a carta, dobrou-a, voltou-se placidamente ao criado de Gaspar, e disse-lhe:

— Vem comigo, que não te faço mal.

O homem seguiu-o.

— Espera-me aqui — disse o padre entrando ao quinteiro da residência.

Subiu ao seu quarto, e escreveu em meia folha de papel: A carta dirigida por Joaquina Eduarda ao Sr. Gaspar de

Vasconcelos fica em poder do filho de Fernão Cazado Godim.

Saiu ao patamar, chamou o criado, e disse-lhe:

— Entrega isto a quem te mandou.

Joaquina Eduarda, através da vidraça do seu quarto, vira o homem, e exclamara:

— Ó Virgem Santíssima, que será isto?

O sacerdote voltou ao templo: ajoelhou a reconciliar-se aos pés doutro sacerdote, e foi para o altar. Disse o ajudante da missa que o Sr. reitor, naqueles espaços do sacrifício em que o ministro se enleva contemplativo, as lagrimas lhe rolavam das faces, e caiam sobre a vestimenta.

Á hora de almoço, Joaquina faltou à mesa. Sebastião perguntou pela sua irmã. Responderam-lhe que a menina estava fechada por dentro, e o quarto ás escuras.

— Chamem-na — ordenou o padre.

Passados minutos saiu Joaquina à casa de jantar. Trazia os olhos roxos de chorar.

— Almoça, se podes, Joaquina — disse Sebastião.

— Não posso: deixa-me voltar ao meu quarto.

— Vai, que eu logo procuro-te.

Ergueu-se da mesa o sacerdote, e foi rezar no breviário. Depois, bateu à porta do quarto da sua irmã, sentou-se ao pé do leito em que ela estava sentada, e disse-lhe:

— Não e o caso para tamanha aflição. A tua carta a Gaspar exprime grande amor, e mais nada. Isto é apenas um erro: crime não o há. Reprovo o teu procedimento; mas não te lanço da minha alma. Venho perguntar-te se tens força para romper esta impensada aliança com o homem a quem escreves. Se a não tens, mal de ti! Andas com os olhos tapados em volta de um abismo. Este homem quer perder-te.

— E porque não há de querer ser o meu marido?! — perguntou ela animada pelo ar indulgente do irmão.

— É um filho natural, que cairá sobre as palhas da miséria, se desobedecer ao pai. Dentro de alguns meses, Gaspar de Vasconcelos estará casado com uma prima, ou perdido.

— É falsidade! — exclamou ela.

— Não digas isso ao teu irmão que nunca mentiu, Joaquina.

— Então estas cartas?! — clamou ela, saltando do leito, e tirando dentre a roupa duma gaveta quatro cartas...

— Dizem-te essas cartas que será o teu marido Gaspar? — interrompeu Sebastião.

— Lê-as tu.

— Não preciso: segue-se que é ele quem te mente, e é infame em enganar-te.

— Enganarem-me a mim estas cartas!. Oh! tu não sabes quanto eu sou amada!. Lê, meu querido irmão, lê estas cartas!

— Nem tocar-lhes.

— Pois tu não intendes que eu possa ser verdadeiramente amada? — bradou ela com orgulho.

— Pôde ser que o sejas... E eu me arrependo de ter chamado infame a esse homem. Pôde ser que ele medite em sacrificar-te à sua paixão e à sua indigência. De qualquer

dos modos, é mau homem. Pergunto de novo: tens forças para te desligares desta fatal prisão?

Joaquina meditou instantes, e respondeu soluçante:

— Não tenho t O irmão levantou-se, e saiu do quarto.

Meia hora depois, saia no caminho de Braga.

Pedro de Vasconcelos quando soube que tinha na sua sala um filho de Fernão Cazado Godim, houve grande jubilo, e mandou por na mesa mais um talher, e recolher a égua à sua cavalariça.

— Eu volto daqui a pouco no caminho da minha casa — disse o padre — Exponho em pouco tempo a razão da minha vinda. Vossa Senhoria é pai, e eu sou irmão. Vontade e autoridade de pai podem muito, a de irmão pouquíssimo. Tenho uma irmã alucinada de amor ao Sr. Gaspar, filho de Vossa Senhoria O Sr. Gaspar está no caso de ser esposo da minha irmã, com o beneplácito do seu pai?

— Não, senhor: já respondi o mesmo ao seu cunhado juiz de Fora! — Bem: venho pedir a Vossa Senhoria que defenda a minha irmã da sedução do seu filho. Venho pedir-lhe que o reduza aos seus deveres, já que eu não posso

iluminar as trevas do engano, que ele lançou no espirito da minha pobre irmã.

— Pois o malvado continua? — exclamou o velho — O patife desonra-me? quer seduzir a filha de Fernão Godim?

— Já respondi a Vossa Senhoria Agora recebo as suas ordens, e vou-me às minhas obrigações. A reitoria é pobre, e não tenho coadjutor que mas faça.

— Pois nem ao menos me aceita um jantar?

— Aceito-lhe a boa vontade, e deixo-lhe em paga — triste paga! — impressa na memória a tristeza de um irmão infeliz.

— Vá descansado, Sr. reitor — concluiu o velho — que eu sei ser pai com o meu filho; mas, se ele deixar de ser filho, serei algoz.

CAPÍTULO V

A mesma sombra afetuosa voltou ao aspeito do padre, que sorria a Joaquina Eduarda. Correspondia ela com ar de amargurada ás alegres expressões com que o irmão parecia desafia-la aos contentamentos antigos, e pedir-lhe perdão da ter salvado de um perigo. Malogrados os esforços que pusera, recalcando no peito a dor de se ver assim vitimado para uma saudade, Sebastião desistiu de recuperar a ditosa vida que se lhe afigurará duradoura até à doce paz da velhice. Então foi o cavarem-se-lhe as faces, o reconcentrar-se na angustia silenciosa, e o viver com a irmã na dolorosa mudez de duas pessoas que violentadas sustentam e sofrem os dolorosos liames da convivência.

Joaquina, encerrada no seu quarto, contou por lagrimas os arrastados minutos de trinta dias. Já não esperava, nenhum acaso lhe prometia novas de Gaspar. Sabia que ele devia estar já em Coimbra: pensava em escrever-lhe; mas não

tinha pessoa de quem confiasse uma carta, e menos ainda quem do correio lhe trouxesse a resposta.

A este tempo o reitor recebeu carta de Pedro de Vasconcelos, assegurando-lhe que o filho estava a concluir a formatura na Universidade, e lhe jurara nunca mais inquietar a Sra. D. Joaquina, nem responder ás cartas, se as recebesse. E concluía: Rogo-lhe muito encarecidamente que me avise, caso o meu filho quebrante o seu juramento.» Despiram-se as arvores, nublou-se o céu, esfuziavam as ventanias de Novembro, toldou-se o cristal do Cavado, encharcaram-se as várzeas marginais dos ribeiros. A tristeza de Joaquina aumentou. Já não tinha as tardes e alvoradas do estio a dulcificarem-lhe o agro das suas preocupações. Reclusa no seu quarto, ou passeando na sala escura da residência de velhas e nuas paredes, faltava-lhe ar e sol ao qual muitos pesares, como chumbados na alma, se diluem. Foi num daqueles dias, em que o desejo da morte assalta as pessoas infelizes e solitárias, que Joaquina, abraçando-se ao irmão surpreendido, exclamou com a voz entrecortada de soluços:

— Eu quero entrar num convento, meu querido irmão. A tia Joana de Sta. Clara pediu-me muito que fosse para a sua companhia. A santa senhora está pedindo a Deus que me inspire; e este forte desejo, que me impele, é obra divina.

Sebastião Godim demorou alguns segundos a resposta, inclinando o rosto macerado sobre o peito.

— Não me dizes nada? — instou ela.

— Digo-te que vás, minha irmã. Queres professar?

— Como tenho um ano de noviciado, sobra-me tempo de estudar-me e deliberar-me. Por enquanto no que penso é tão somente em me recolher para uma cela, orar, e chorar.

— Amanhã iremos para o Porto, Joaquina, se o tempo consentir. Eu vou rogar um padre que me tome conta da freguesia. Escuso dizer-te que, no caso possível de te enganar essa tua vocação, querendo tu voltar a esta casa, avisa-me, que eu irei logo buscar-te. Observo-te, minha irmã, que nos conventos chora-se pouco, e não se ora muito; pelo menos a eficácia das orações, nos tempos correntes, é moderada. Parece acertada a resolução de entrares em Sta. Clara, se o teu fim é distraíres-te. Lá verás

muita frivolidade, muita vaidade, muitas paixões ruins, muitíssima hipocrisia ao decair da vida, e raríssimos exemplos de sincera virtude. Se estes poderem mais em ti que os maus exemplos, abriga-te no seio da nossa tia, e esconde-te lá. Se os maus exemplos te seduzirem, de nada valerá o resguardo e conselhos da tia Joana. Seja como for, Joaquina. Não serei eu que embarace a tua determinação. Já disse, amanhã iremos, ou no primeiro dia estiado da chuva.

Deu-se pressa Joaquina em arranjar os seus baús, e andava muito alegre nesta azáfama. O padre conheceu a transfiguração moral da irmã, e disse entre si: Está alegre!. Medita alguma loucura... Pensa que do convento lhe será fácil corresponder-se com Gaspar... Vou desengana-la...» Tirou da algibeira interior do capote uma carta, e disse:

— Joaquina, há quarenta dias que eu voltei de Braga, e não mais te disse palavra respeito a Gaspar. Deves saber que eu fui perguntar a Pedro de Vasconcelos se o seu filho poderia ser o teu marido. Respondeu-me que não. Pedi-lhe que empregasse o rigor de pai em desvia-lo do caminho da

tua desgraça. Não se baldaram os meus rogos. Eis-aqui a carta que Pedro de Vasconcelos me escreve. Lê, Joaquina.

Leu, e quando chegou aos termos: nem responderia ás cartas, se as recebesse», ás faces dela ressumaram diversas cores, nos lábios desfranziu um sorriso inqualificável, e logo se abriram nestas palavras:

— Que me importa a mim o vil?. Que me não responda quando eu lhe escrever. Eu escusava de saber isso, mano Sebastião. Se sou desgraçada, resta-me a dignidade. Um sentimento nobre de amor não estraga os brios. Eu sei o que valho.

— Menos orgulho, Joaquina! — disse branda- mente o padre — Temos visto cabeças coroadas mergulharem na lama das más paixões. Nem dotes, nem formosura nem fidalguia terão mão de ti, quando tiveres de cair.

— Cair!— exclamou ela — Tu julgas de mim muito pouco, Sebastião! Amar é cair?

— É fechar os olhos para não ver a voragem; é cobrir os abismos de tapetes de flores.

— Não receies. Tive sempre abertos os olhos quando amava; e, se os então fechasse, abri-los-ia agora para nunca mais se fecharem.

— Assim seja; — concluiu o irmão.

Ao segundo dia, estiou o tempo, e jornadearam para o Porto. Obtidas as licenças mediante a solicitação da religiosa de Sta. Clara, Joaquina Eduarda entrou no convento. Ao despedir-se do irmão, debulhou-se em lágrimas, e rompeu num soluçar de ultimas agonias.

Era grande angustia e assombro este inesperado lance para Sebastião Godim.

— Queres tu voltar, Joaquina? — balbuciava ele sufocado.

— Não... —disse ela — Eu sinto-me passada de mil dores! Pede Deus que me salve ou que me mate.

CAPÍTULO VI

Ao oitavo dia de convento, Joaquina Eduarda começava a achar assaz aborrecida a sua tia Joana com a superabundância de santos e santas das suas relações. Á virtuosa criatura da velhinha afigurava-se-lhe que os papas não tinham canonizado gente bastante para enchimento do seu coração devoto! Esgotados os bem-aventurados do padre Feo e do Ribadeneira, soror Joana do Rosário rezava ás almas de todas as religiosas daquele e doutros conventos, falecidas em cheiro de santidade.

No principio, Joaquina, mais delicada que devota, comungou do fervor da tia; mas, ao cabo da primeira semana, tinha os joelhos macerados, o coração estéril de piedade, e a cabeça atordoada do resmonear monótono da tia, e duma aluvião de nomes de mártires, de virgens, de confessores, de doutores, e de freiras mortas e milagrosas, com as respetivas histórias.

Emancipou-se ao oitavo dia, dizendo que não podia continuar nas rezas, sem prejuízo da sua saúde.

A tia Joana dissaboreou-se disto; mas não a contrariou.

— Será quando poderes, Joaquininha — disse ela com evangélica mansidão e bom juízo.

Estavam no convento umas religiosas de pouco tempo, e noviças recém-chegadas que lastimavam a situação de Joaquina em companhia da beata.

Uma e outra lhe diziam:

— Pobre menina! ao céu vai a senhora, mas da terra pouco tempo há de gozar-se! Reparta melhor o seu tempo. Passeie, divirta-se, coma, durma e reze, que as horas chegam para tudo, e ainda fica tempo de se ganhar o céu. Mais vale uma hora de oração voluntaria, que uma pregação de quatro horas a todos os santos e santas do reino da gloria.

Havia tal qual sensatez e conformidade com o pensar de Joaquina Eduarda naquelas tentações. Não foi mister repetirem-lhas; e, como prova de agradece-las, afeiçoou-se

ás religiosas que professavam o racional sistema da divisão do tempo.

A tia Joana desagradou-se da intimidade da sobrinha com as religiosas mais desempoeiradas do convento. Fez-lhe praticas um tanto enfadonhas, e cessou de admoesta-la, vendo que se fazia aborrecida.

Às freiras de má nota convidaram uma tarda sua recente amiga a ir com elas para uma grade chamada de galhofa. Joaquina desejosa de distração, foi à grade. Concorriam à galhofa dois padres loyos, um arcediago, dois cavalheiros de cabelos brancos trescalando pivetes, e um académico da universidade que viera a ferias de natal. Uma das freiras ardia de amores do arcediago, outra de um loyo, e a terceira do outro frade. Os cavalheiros almiracados eram pretendentes a duas religiosas quarentonas, que, de amuadas, por motivos desconhecidos da minha perspicácia, não foram à grade. O académico era irmão duma noviça, que a prevista mestra do noviciado não deixara concorrer com as freiras doudas.

O aparecimento de Joaquina Eduarda lançou o espanto naqueles arraiais de amor. Loyos, arcediago, cavalheiros e

académico, estavam todos embevecidos nela, com roaz desgosto das outras senhoras.

— Há meses, disse um dos cavalheiros, que eu vi esta senhora no teatro italiano e no baile do regedor das justiças.

— E a ouvimos cantar divinalmente— juntou o outro — Não é Vossa Senhoria cunhada do juiz de Fora d'Amarante, Sousa Pereira?

— Sou.

— E chama-se Vossa Senhoria? — perguntou o académico.

— Joaquina Eduarda Cazado Godim—disse ela.

— É a mesma! — exclamou o estudante — Mal diria eu!.

— Que mal diria o Sr. Castro? — perguntou um padre loyo.

— Que vinha encontrar aqui uma senhora por amor de quem tem estado ás portas da morte o meu condiscípulo Gaspar de Vasconcelos!.

Iluminaram-se radiosos os olhos de Joaquina, e volitou-lhe à flor dos lábios um riso de cruel contentamento.

— E Vossa Senhoria sorri-se?— observou o académico.

— Não sei porque deva chorar! — disse ela com jovial desplante — Eu não creio nas enfermidades do Sr. Gaspar de Vasconcelos...

— Creia-me, minha senhora! Juro-lhe pela memória da minha mãe que o meu condiscípulo chegou a Coimbra, ido de ferias, com febre, e nunca mais se levantou da cama. Eu, como particular amigo e confidente dele, ouvi-lhe duzentas vezes a triste historia dos seus amores; e, se V. Exa. não me crê, e consente que eu exponha tudo que sei acerca da mal fadada paixão de Gaspar...

— Não é necessário — interrompeu ela—Agora deveras lastimo a enfermidade do seu amigo, e sinto ser eu causa dos seus desgostos; mas bem vingado está ele, que os meus não tem sido menores, e a minha alegria acabou desde a primeira e fatal hora em que o vi. Por causa dele, estou neste convento, onde voluntariamente me recolhi, persuadida que a felicidade é já impossível para mim, e

muito possível, e certa, e até próxima para ele. Agora, peço licença para retirar-me, porque me sinto bastante triste para poder tomar quinhão nos divertimentos de V. S.“ Ergueu-se. fez uma cortesia da melhor sociedade, e retirou-se, deixando-os a eles estupefactos, e ás freiras satisfeitas.

Fechada na sua cela, Joaquina Eduarda chorou, leu as cartas de Gaspar, e beijou-as com aqueles trejeitos infantis que ensina a paixão.

Passados poucos dias, o académico voltou ao convento, e anunciou-se à Sra. D. Joaquina Eduarda. Correu pressurosa ao locutório a menina, e aceitou uma carta de Gaspar de Vasconcelos, prometendo entregar no dia seguinte resposta ao mesmo encarregado da ditosa missão.

Gaspar justificava-se até à superfluidade. A sua paixão levara-o aos braços da morte. Preferira agonizar em silencio, a matar-se de um golpe das suas próprias mãos. Esmagado pela prepotência do pai, que lhe pusera ao peito o punhal da miséria, nem sequer o céu lhe sugeria meio de fazer chegar uma carta ás mãos da mulher por quem morria. Que, naquela cerração absoluta, partira para Coimbra, a fim de acabar sem ver o tirano pai à beira do

seu leito de paroxismos. Neste propósito, e conflito entre as forças da idade e a mortal desesperação, houvera noticia da existência da sua amada no convento de Sta. Clara, e do que ela ao seu respeito dissera, frases empeçonhadas que ele agradecia, porque lhe aproximavam a morte. No entanto, pedia ele a Joaquina Eduarda que lhe escrevesse uma palavra de perdão, perdão para a sua perversa alma que ousara inquietar os dias ditosos de um anjo de inocência.

Com os olhos embaciados das pertinazes lagrimas, Joaquina vazou ao papel quanto amor cabe e queima em peito virgem de mulher. Não era perdoar: era suplicar-lhe a vida, o amor, a esperança, o céu, e o inferno com ele.

CAPÍTULO VII

Gaspar de Vasconcelos, recebida a carta de Joaquina, sentiu aquelar-se o pulso, refrigerar-se o cérebro, e encher-se-lhe a alma de luz. Saltou do leito, pegou da pena, e esperou debalde uma ideia das mil que lhe marulhavam na cabeça vertiginosa. Depôs a pena, contou o dinheiro que tinha, chamou a servente, e mandou-a alugar cavalo para o Porto. Uma hora depois galopava à desfilada pela Sofia, com assombro dos estudantes que o consideravam tísico, nas ultimas vacas.

Chegou ao Porto, e entrou de noite na estalagem da rua de S. Sebastião. Ao outro dia escreveu duas linhas a Joaquina, consultando-a sobre a maneira de procura-la. A reclusa, palpitante de alegria, disse-lhe que procurasse a sua amiga Eugenia de Pombeiro.

Esta Eugenia de Pombeiro era a sua confidente de quarenta e oito horas.

Rebuçado no farto reguingote de castorina cora carapuça de rebuço, entrou Gaspar ao pórtico de Sta. Clara, e recebeu a chave duma grade, em que a Sra. D. Eugenia de Pombeiro o ia receber.

Encontrou Joaquina Eduarda, que tremia e chorava. Era a primeira vez em que se viam de feição a poderem proferir a primeira palavra amorosa. O silencio de ambos exprimia o mais alto amor. A palidez do rapaz revelava o atroz suplicio da saudade desesperançada. As faces emaciadas da reclusa, de leve purpuradas de pudor e exultação, testemunhavam os desmaios da passada saudade, e o estremecer da paixão naquela hora.

Gaspar tartamudeava, e Joaquina deixava apenas ouvir o arfar do coração sob os relevos tufados do peitilho de estofo escuro.

— Devo-te a vida..— balbuciou o académico — Bem-dita seja a hora em que veio aqui o meu condiscípulo! A não ser este feliz acaso, eu morria nas dores ignoradas, na tormentosa anciã de querer e não poder dizer-te que morria de saudade. Porque me não escreveste daqui?

— Como havia de eu de supor que ainda te lembravas de mim? — disse ela maviosamente — Eu vi a carta que o teu pai escreveu a meu irmão. Prometias não só esquecer-me, senão desprezar-me até ao excesso de não responder às minhas cartas. Como havia de eu escrever-te, Gaspar? Por muito que te amasse, qual mulher, ainda a menos honesta e briosa, te escreveria?

— E tratavas de me esquecer?

— Tratava, para me não deixar sucumbir para uma saudade que me não merecia tamanho ingrato... Mas perdoemo-nos um ao outro. Acordemos do negro sonho de três meses. Como vieste aqui? não receias o teu pai?

— O meu pai não saberá que eu vim. Tenciono não procurar ninguém. Demoro-me três dias. O pai pensa que eu estou de cama. Para ir daqui à estalagem ninguém me vê. Faço caminho pelos becos da Sé, e desço à rua de S. Sebastião. E tu consentirás que eu venha aqui todos os dias?

— Magoa-me a pergunta! que mais posso eu desejar! E o futuro, meu Gaspar? o futuro?

— Tenho pensado... Sabes que eu sou filho natural?

— Sei tudo, sei as condições tristes que te impõe o teu pai para lhe sucederes na casa... não me fales nisso que me estala o coração! Há outra mulher que já te conta pelo seu esposo.

— Deixa-la contar. Nunca o serei.

— Nunca o serás?! — exclamou vivamente Joaquina.

— Não! Juro-to pela hóstia consagrada! Não! Se o meu pai me deserdar, lutarei braço a braço com o infortúnio. Vou concluir a minha formatura.

De alguma coisa me há de servir o diploma de bacharel. Ganharei a vida como os que se formam para viverem das letras. Se vês que eu te mereço, serás a minha esposa. Pôde ser que o meu pai me perdoe a desobediência; porém, se me lançar de si com a crueldade de que eu não o julgo capaz, serei digno d e ti e de mim: trabalharei, repartirei contigo, e saberei suportar as necessidades com honra e orgulho. Veja-te eu ao meu lado, Joaquina!. Veja-me eu por tuas mãos coroado e galardoado dos sacrifícios a que o mundo mais importância dá!

— Terás coragem, Gaspar?! — perguntou ela, estendendo-lhe os braços através das grades inflexíveis.

— Se terei coragem! O que não fosse coragem, seria infâmia!

— Que tempo esperarei nesta soledade, meu amor?

— Alguns meses. Depois da formatura, vou a casa. hei de sondar o meu pai; hei de fazer quanto puder para que a minha prima seja a primeira a detestar-me. Se, todavia, se baldarem estes planos, preciso chamar a mim a coadjuvação de alguém que nos desempeça o caminho de casamento. É preciso que o meu pai o não suspeite. Ele pode muito na vontade do arcebispo, e dos desembargadores eclesiásticos. Pela luta a peito descoberto não conseguiria eu nada. Quero ver se o nosso casamento se faz clandestino.

Progrediu o dialogo até que a confidente Eugenia veio ofegante à porta da grade avisar Joaquina que a tia Joana a andava procurando, porque estava o jantar na mesa.

— Ao meio-dia! — exclamou Gaspar.

— Vê tu que suplicio! — disse ela sorrindo — Janto ao meio-dia!

Despediram-se, com promessa para o dia seguinte ás quatro horas da tarde.

Repetiram-se as duas visitas concedidas, retificaram-se os juramentos, trocaram-se tranças de cabelo, enxugaram-se as ultimas lagrimas ao incêndio da esperança.

Gaspar voltou à Universidade, arquitetando castelos por todos os horizontes e nuvens do céu, que lhe parecia de primavera, acidentalmente criada para uso dele.

Joaquina Eduarda fechou-se no seu quarto a escrever incansáveis paginas, que iam ser em Coimbra a leitura preciosa e exclusiva do rapaz que, a falar verdade, não sabia uma lei do Digesto, nem um artigo das Decretais.

CAPÍTULO VIII

Tolera facilmente a saudade o coração feliz e seguro da leal remuneração de quem ama.

Joaquina Eduarda, quando se não deleitava escrevendo a Gaspar, foliava e travesseava com as noviças e religiosas mais fogosas. A tia Joana, cada vez mais desafeta à índole da sobrinha, carecia já de paciência para indulta-la à conta de rapariga criada por bailados e teatros. Primeiro, as reprimendas tinham a brandura cristã de uma santa Tereza de Jesus; depois, já iam molestando com os espinhos da severidade; ultimamente degeneraram em rabugem, como lá diziam da santa algumas dúzias de pecadoras, que, chegadas à idade de D. Joana, enganaram o demónio, e morreram como predestinadas, segundo consta dos fastos legendários de Sta. Clara.

Á força de martelada pela tia, Joaquina calejou. Fugia dela; mas, se era apanhada em corrimaças e alaridos pelo pomar ou no mirante, ou à saída das grades de galhofa, respondia-

lhe com desabrimento, e dizia: Tenho dezoito anos.» A santa velha, interrogada pelo sobrinho, acerca , do comportamento da irmã, respondia: Ela por cá vai indo; mas será bom, sobrinho, que não te esqueças de pedir sempre a Deus que a tenha da sua mão.» Instava o reitor pela enunciação destas palavras; e a tia Joana juntava: Joaquina está nova, e quer folgar. Freira é que tu não deves esperar que ela seja.» Sebastião Godim atribuía ao beatério da velha tamanha austeridade de conceito; ora, como ele não desejava que a sua irmã fosse freira, nem tinha bastante com que dota-la, inquietou-se quase nada com o parecer da tia Joana.

Chegada a Páscoa, voltou Gaspar ao Porto, onde passou as ferias, com o mesmo recato e prudência. Eugenia de Pombeiro prestou-se a coadjuvar diariamente duas felicíssimas horas dos dois próximos noivos. Amavam-se já com a seguridade, confiança e liberdade de esposos separados por seis palmos de parede-mestra interposta a duas rê\as de bom ferro sueco. Mas os corações saltitavam por aquelas grades, como um casal de canários nos poisadoiros da gaiola. Não havia nada a juntar aos

protestos feitos e planos combinados. O casamento havia de fazer-se, o mais tardar, no agosto próximo, dois meses depois de concluída a formatura do nubente.

D. Joana sabia miudamente os passos da sobrinha. Delatavam-na as émulas da formosura dela, as três freiras amadas dos loyos e do arcediago; mas dizia a velha de si para consigo: Se ela aqui dentro não procede bem, que fará lá fora? Vamo-la sofrendo, a ver se Deus lhe dá juízo.» Perguntou ela à sobrinha quem era o cavalheiro que a procurava.

— É um morgado da Amarante — respondeu Joaquina.

— Vem passar o tempo à laia dos freiráticos dos meus pecados!

— Não, minha senhora: o seu intento é casar comigo, se eu me deliberar a casar com ele.

— Pois, se ele é homem temente a Deus, e remediado, casa, casa, minha menina, que esta vida de convento não te serve, nem tu agradas ás senhoras virtuosas desta casa.

— Ora!.. as senhoras virtuosas..— acudia Joaquina galhofando.

— Tu zombas, porque as não conheces. A gente com quem vives essa intendes tu ás mil maravilhas. Ah! Joaquina, Joaquina! não sei o que me adivinha este coração!..

— Visões da minha tia!.

— Ai! meu irmão! se tu vivesses!.

— Estava eu muito feliz na companhia dele.

— Também digo, menina, porque serias mais honesta.

— Pois eu sou desonesta? A tia, com toda a sua virtude, vai-me insultando..— replicou Joaquina impando de orgulho e cólera.

— Não te insulto: profetizo-te grandes desgraças, se não te emendas. Ouviu Joaquina a profecia como se a estética e mumificada velhinha se lhe afigurasse uma Cassandra de mosteiros. Foi dali em grande corrida para o mirante onde a esperava uma chusma de gárrulas senhoras que, voz em grita, aplaudiram a chegada de Joaquina.

O divertimento, daquela tarde, era ouvir a musica de duas serenatas fluviais, como é justo que denominemos dois

concertos musicais em dois barcos, alternando-se nas delicias das rebecas, violas e flautas.

Estas festas vinham ali onde agora atravessa a ponte pensil, à galantear algumas das freiras do mirante. A orquestra era executada magistralmente por frades da Serra, que vinham a ser os galanteadores, acamaradados naquela inocente folia com outros santos varões oratorianos e loyos. As religiosas acenavam, e os cenobitas, os acetas, alargando os cilícios de sobre os rios por breve espaço, acenavam também com lenços brancos.

Neste sobremodo poético divertimento de frades e freiras, apareceu a casta lua a divertir-se também. A loira princesa dos astros retratava-se nas suas límpidas, por não poder vir pessoalmente abraçar os. frades, que tanto se esmeravam em acatar as freiras, irmãs dela na castidade. Em seguida à lua, chegou um barco, batendo a compasso rijo e rápido o bracejo dosaremos. Este barco atracou um dos dois mosteiros flutuantes, e logo do interior saíram quatro homens que bateram nos crúzios da Serra com tamanho e desaforada força, que os ecos da quinta do bispo, na margem direita, responderam à toada cava das pauladas

que deslombavam os frades. Depois, atracaram o barco dos loyos e congregados que aproavam à ourela direita do Douro, e ai, apesar da desesperada defesa, os braços agressores provaram que eram muito mais expeditos na segunda sova. As freiras tinham fugido acossadas pela grita daquela refrega naval, e pelo tilintar da sineta gemedora que as chamava ao coro.

Soube-se depois que os piratas da musica fradesca eram quatro militares, que serviam cavalheirosamente um quinto, a quem um frade loyo roubara a sua freira clara.

Naqueles heroicos tempos o ciúme saia com façanhas deste jaez: o exercito batia-se com os frades, hasteada a bandeira do amor num e noutro campo. Hoje, consoante diz o Sr. A. Herculano, vem ai o frade brincar com o soldado. «O cercilho e o bigode jogam o futuro sobre o tambor posto em cima da ara.» É mau acabarem as freiras enquanto se não extinguirem o cercilho, o bigode e o tambor.

CAPÍTULO IX

De sobra estava D. Joana informada acerca do estudante que requestava a sobrinha. Magoou-se entranhadamente da mentira, e cobrou mais desafeição à incorrigível rapariga. Entraram com ela arrependimentos e escrúpulos, já por ter sido grande parte na ida de Joaquina para o convento, convidando-a e acariciando-a; já por se não explicar claramente ao sobrinho. Assediavam-na as freiras austeras, pedindo-lhe que tirasse dali aquele mau exemplo doutras seculares, e braço poderoso do inimigo para perdição das noviças. Contavam-lhe que na cidade ia um falatório vergonhoso à conta da pancadaria que os frades levaram, e dizia-se que Joaquina Eduarda tinha um grande quinhão naquela desordem, por amor da qual o bispo andava ás más com o João de Almada, governador das armas.

As santas criaturas para chegarem mais de pronto à razão, como vimos, abordoaram-se à calunia. A parte, que Joaquina Eduarda tivera no desastre dos loyos,

congregados e crúzios, foi meramente a de rir muito e zombar indiscreta das monjas que se doíam das contusões dos frades.

Tudo, porém, serviu de afiar os escrúpulos da velha.

Esta carta escreveu ela ao padre Sebastião Godim:

Meu sobrinho. Acabou-se-me a paciência, e a esperança na reforma da tua irmã. Deus me é testemunha do muito que espacei esta resolução, e da mágoa com que obedeço agora à religião, dever e caridade.

Joaquina Eduarda, como já te disse, nos primeiros oito dias foi uma maravilha de sisudeza e gravidade. Rezava todas as noites comigo, e não faltava a hora nenhuma do coro, sendo dispensada de lá ir. Depois, sem mais nem para que, deu em se aborrecer da oração, e nunca mais lhe vi contas nem livro nas mãos. Começou a andar ao tanas por grades de galhofa em companhia dalgumas religiosas que são a vergonha do habito e do convento. E eu, sobrinho, a repreendê-la ora com brandura, ora com aspereza; mas é pregar no deserto.

Depois que eu soube, circunstanciadamente, que ela tinha chichisbéu que passava as tardes na grade, e vinha a isso de Coimbra, onde está a tomar grão de licenciado, não pude ter-me que não a repreendesse muito, até porque me mentiu sem necessidade. Não fez caso, é mandou-me tratar das coisas do céu, e não me intrometer na vida das raparigas. Acho que ela tem razão; mas eu também a tenho para a não querer comigo, que hei de responder por ela primeiro a Deus, depois a este convento, e por fim à minha consciência.

É certo a necessidade que tomes conta dela, porque há menos perigo em guardar uma menina mal ajuizada numa aldeia que num convento. Se ela algum dia se reduzir aos seus deveres, e ao respeito que deve ao nome do seu pai e da sua mãe, que era uma santa, volta com ela então, e eu lhe restituirei a minha amizade. Se, contra o meu parecer, quiseres que ela se conserve aqui, em tal caso, Sebastião, eu faço de conta que não tenho sobrinha. Devo dizer-te que as mesadas, que me enviaste, e eu guardava por não carecer delas para alimentar a tua irmã, não pude deixar de lhas dar para vestidos e adornos proibidos, que, com

mágoa o digo, ela usa contra os estatutos desta casa, respeito ao trajo das seculares. Não tem rei nem roque.

Enfim, esta menina tem condão de sorte má. Deus te guarde, e lhe valha, e a todos nós. A tua tia afetiva e obrigada

Joana do Rosário.

Esta má nova encontrou Sebastião Godim enfermo. Esmagou-o este mais que todos pungente desgosto. Abrasaram-no ímpetos impróprios do seu ministério. Se ele, naquela hora pudesse renunciar as ordens, e aspar das mãos consagradas o cunho indelével do sacerdócio, iria a Coimbra desintestinar os fígados do académico. Tremulo de cólera, escreveu a Pedro de Vasconcelos nestes termos:

Gaspar mentiu como vilão. Não pode ser filho de Pedro de Vasconcelos. À mãe devia de iludir Vossa Senhoria para poder dar nome ao filho dalgum lacaio. Lamento-me de ser padre. Mal hajam os acasos da vida e da fortuna que me agrilhoaram honra e brios ás colunas do altar! Sem mais.

Sebastião Cazado Godim.

O arrependimento sobreveio logo; mas a carta ia já de caminho, e o portador corria, que assim lho ordenara o reitor.

A enfermidade agravou-se com maus sintomas. Umas senhoras de Barcelos avisaram Joaquina Eduarda do perigo do irmão, e pediram-lhe que viesse ajuda-lo a morrer ou a convalescer. Afligiu-se extremamente Joaquina, mostrou a carta à freira, queria partir logo; mas faltava-lhe quem a acompanhasse. Ao mesmo tempo, Gaspar de Vasconcelos dizia-lhe de Coimbra:

Está aqui o meu tio frei João de Vasconcelos, que vem buscar-me de ordem do meu pai. O teu irmão escreveu para lá uma carta infernal. Sabe-se tudo. Tenho a cabeça perdida, e morro só com a ideia de que hei de passar no Porto sem ver-te. Este frade não me deixa, e ele ai vem dizer-me que estão as carruagens prontas. Tem compaixão do teu infeliz Gaspar.» Ficou passada de novas e mais dolorosas lançadas a secular. Desconfiou da tia como denunciante, e insultou-a. Raivou contra todas as inimigas, e pediu aos céus que arrasassem o convento, aquele covil de hipócritas e intriguistas! Soror Joana rezava a

Magnificai, e benzia-se a cada injuria que a sobrinha ejaculava dos fumegantes lábios.

Ei-la, pois, em angustiosas e desesperadas aperturas. Nem tia, nem irmão, nem irmã, nem cunhado, nem sequer o conselho alentador de Gaspar! ao seu ver, o casamento projetado desfaz-se. Pedro de Vasconcelos vai violentar o filho a casar com a prima, ou o encarcera na cadeia, ou o desampara à descrição da miséria. O irmão ressentido e intolerante, por ter sido escarnecido pela deslealdade dela, vai também despreza-la, ao tempo que a tia insultada a está abominando, e que todo o convento conspira a expulsa-la como doida furiosa. Sente-se já torcida e sovada aos pés da desgraça; mas não é Joaquina mulher que se roje aos pés da tia ou da prelada, e das religiosas ofendidas. Cai, soçobra, prostra-se no leito devorada de febre; mas não desprende um gemido, que comisere a freira. Rejeita alimentos, e consolações da velha criada que a serve. Responde em gritos estridentes ás raras amigas que ousam, a despeito da comunidade, procura-la. D. Joana entra, forçada pela caridade no quarto dela, e diz-lhe:

— Venho trazer-te o perdão.

— Quando lho eu pedir! — exclama a febricitante, e volta-se contra a parede batendo com a fronte no tabique.

Sai a velha aterrada, e escreve ao sobrinho, entre outras lastimas, esta frase terminante: *A pobre menina ensandeceu. Que faremos duma douda nesta casa? Vem depressa livrar o convento desta aflição! Estamos todas consternadas!*

Oito dias depois, Joaquina recebeu notícias de Gaspar. O rapaz, logo que chegou à presença do pai, leu o insultante bilhete que Sebastião Godim tinha escrito. Abaixou a cabeça com resignação de mártir; porém, o pai, não contente daquele flagício à sua prosápia, quebrou-lhe nos braços uma grossa bengala da índia, e preparara-se para escadeira-lo com um tamborete de coiro, quando frei João de Vasconcelos, piedoso monge de Tibães, cobriu com o habito misericordioso o sobrinho, exclamando:

— Irmão Pedro, esse bater é assaz brutal! Lembra-te das palavras do divino Mestre a outro Pedro!.

Entre parêntesis: a narrativa de Gaspar não era assim minudenciosa; mas o rigor cronológico requer que eu,

neste lanço, adicione as minhas informações particulares à concisa noticia do académico.

Era seguida, o velho declarou que não queria mais ver o infame que o desonrava. Fr. João levou consigo o rapaz para outra sala, e ordenou-lhe que sem demora se recolhesse para uma quinta em S. João de Rei, para onde iria com um servo da confiança do seu pai.

— Rapaz, juntou o benedictino, se não tomas tento com a tua vida, estás perdido! Olha que o teu pai nomeia a sobrinha sucessora dos vínculos, e tu ficas sem um ceitil.

Agora, o que segue é textual de Gaspar:

Aqui estou neste ermo, sem ninguém que me veja as lagrimas. Abafo, tenho o inferno no coração!. Quero morrer, e falta-me animo para voltar contra mim este punhal, único amigo que me resta!. E receberás tu esta Carta? Eu dei quanto dinheiro tinha ao caseiro, e ainda lhe pedi com as mãos postas que me não atraiçoe. Adeus, adeus, infeliz! Não cessa de entrar aqui o espião, que o meu pai mandou comigo. Como hei de eu receber notícias tuas? Não me escrevas por correio. Oh! que horror de vida este!

Cada vez mais golpeada e mais ao desamparo de amigas, desejava Joaquina Eduarda que o seu irmão a levasse. Parecia-lhe que já a liberdade do convento lhe era inútil, e que mais provavelmente poderia de casa do irmão fazer chegar uma carta a Gaspar. Como a engenhosa desgraça arma traças de se mascarar com os trajos da prospera fortuna, quando Joaquina pensava em escrever ao irmão, apareceu ele, alvoroçado com a ultima noticia de D. Joana. Atormentava-o a demência da pobre menina; já ele a si se arguia de nimiamente zeloso do coração da irmã, de intolerante com a talvez involuntária cegueira dos dezoito anos, e precipitado na denuncia acrimoniosa a Pedro de Vasconcelos. Isto lhe deu vigor e anciã de ir buscar a irmã.

Temia-se ela de desabridas repreensões, quando lhe anunciaram o irmão. Entrou na grada tremer. Levava as faces e olhos tão desfeitos e macerados, e os cabelos em tal desalinho, que o reitor intendeu que Joaquina veramente ensandecera. Falou-lhe amorosamente, e ela, amolecida pelo tom da fraternal piedade, debulhou-se em lagrimas. Os soluços embargavam a voz do padre, enquanto ela,

animada pela compaixão estranha, e carecedora de olhos amigos que a vissem chorar, desafogava em gritos a agonia que lhe serrava o peito.

— Queres sair hoje mesmo, Joaquina? — perguntou Sebastião.

— Hoje mesmo, se te mereço piedade.

— Piedade e estima, infeliz irmã! Não tens mãe nem pi...

— Ninguém tenho, senão a tua comiseração e misericórdia... Aborrecida de maus e de bons... Até a tia Joana, que chamam cá a predestinada, tem-me feito quanto mal pode... Que mal lhe faria eu a esta hipócrita?.

— Cala-te, Joaquina! — interrompeu brandamente o padre.

— Hipócrita, sim! digo-o sem medo de te ofender, porque sei que tu o não és. É uma coisa vil a denunciação de atos que não desonram! Se eu amava um homem tão desgraçado como eu, e lhe cedia da minha vida quanto honestamente podia ceder-lhe, porque foi esta impostora apunhalar-te o coração, e cobrir-me a mim de toda a casta de aflições!.

— Julgou ela que cumpria um dever...—disse o reitor.

— Que dever, Sebastião? Porque não cumprem as santas desta casa o dever de expulsarem daqui as freiras professas, que passam as tardes com os cónegos e com os frades, e com os militares? Eu, que não fiz voto nenhum, e tenho dezoito anos, sou desonesta porque amo um rapaz, que quer ser o meu esposo; e elas— — Está bom, Joaquina —cortou o padre —Não é própria a ocasião para dilatarmos estas praticas. Enquanto preparas a tua bagagem, faz saber à tia Joana que eu desejo vê-la...

— Que embustes não vais ouvir!— acudiu Joaquina Eduarda.

— Bem: ouvirei sem me dispor contra ti. Vai, e demora-te o menos possível, que ainda hoje partiremos.

À conversação de Sebastião com a sua tia foi fria e refolhada. Começou ela carpindo-se da loucura da sobrinha; e, como o padre lhe asseverasse que felizmente a irmã gozava perfeito entendimento, a freira lamentou que ela tivesse uma índole endiabrada.

— É muito nova..— disse ele.

— É muito malcriada, e o que ela é —emendou soror Joana do Rosário — Leva-a, leva-a...

— A isso vim, minha tia; e também a agradecer os benefícios que lhe fez, e a paciência com que a suportou.

— Tem de ser muito desgraçada, digo-to eu t — Ás vezes as pessoas virtuosas, com as suas demasias, concorrem a apressar e a promover a perdição das que apenas venialmente pecam...

— Achas que eu fui demasiada?

— Não, minha senhora; foi o que são todas as pessoas devotas e erradas na justa apreciação da caridade.

— Ora essa!.

— Não se moleste, minha tia; eu quero dizer que se a religião deve ser uma cruz sem alivio, para que é necessária a caridade?! Se tudo é justiça, podemos banir a palavra misericórdia...

— Vens ensinar-me os meus deveres de cristã? Louvado seja o Senhor!. Ele sabe o que eu sofri com a tua irmã.

— São louros que a minha tia tem no céu.

— Brincas comigo, sobrinho?

— Eu nunca digo nada a brincar, minha tia.

O dialogo terminou com poucas frases mais, em que de parte a parte a caridade não era muita.

CAPÍTULO X

Sebastião Godim, avisado do destino e castigo que recebera Gaspar de Vasconcelos, impõe-se o dever de não falar nele a sua irmã, e de escrever a Pedro, desculpando-se das contumélias do seu bilhete. O orgulhoso fidalgo não abriu a carta do padre, e disse ao portador: Desprezo o vilão que insultou as cinzas da mãe do meu filho; diz lá que se Gaspar fosse filho d:um lacaio, já lá tinha ido com a arma do seu oficio sacudir-lhe a poeira da chimarra.» Sebastião Godim ouviu este recado, pouco mais ou menos reproduzido, e disse entre si:

— Eu merecia isto!. Agora, assim castigado, estou mais desoprimido da consciência.

Reanimaram-se as faces aradas de Joaquina Eduarda. A esperança enflorava-lhas de novo, desde que um pobre, a quem ela, desde menina, esmolava, lhe prometeu ir a S. João de Rei levar uma! carta, com todo o recato. Passados dias, o mendigo voltou à reitoria, para uma hora

convencionada, e recebeu a carta com generosa gratificação.

Neste tempo, estava já relaxada algum tanto a espionagem de Pedro de Vasconcelos. O rapaz tinha licença de ir à caça, sob condição de não demorar-se mais de duas horas diariamente no monte: clausula que o obrigava a não jornadear mais duma légua, e a sentinela avisaria, se fosse transgredida.

O mendigo chegou ao anoitecer a S. João de Rei, e pediu gasalhado ao caseiro dos Vasconcelos. Pernoitou no palheiro, e espertou antemanhã com os olhos fisgados nas junturas da porta. Ao repontar do sol, ouviu o latir de cães de caça, e logo enxergou o fidalgo, que de olhos baixos, e muito triste sombra, passava à frente do palheiro, afastando os cães que lhe pulavam ao peito. Abriu de súbito o pedinte a porta, e relanceou os olhos ás janelas da casa nobre. Como não visse ninguém, acenou a Gaspar, que se avizinhou com um presságio na alma. O mendigo deixou cair uma carta ao chão, e desviou-se murmurando:

— Seja pelo divino amor de Deus. O Senhor lhe dê no céu tantos séculos de gloria como os minutos que eu dormi

no seu palheiro.

Gaspar apanhou sofregamente a carta, escondeu-se a lê-la entre um bosque de carvalhos, e dali, rodeando por longe, foi sair ao mendigo no recosto de um outeiro.

Conversou largo tempo com o pobre. Fez-lhe repetir muitas vezes quanto sabia de Joaquina, desde que ela entrara na reitoria, até ao momento em que lhe dera a carta. Conseguiu que o mendigo se detivesse até ao outro dia numa freguesia próxima, e marcou-lhe o local da serra onde deviam encontrar-se. Ao dia seguinte, o portador tomou conta de um volumoso maço de papeis: eram as muitas paginas que o rapaz escrevera em vinte dias de tortura.

Duas semanas volvidas, apareceu o mendigo na reitoria: azou-se-lhe o lanço de entregar a papelada. Joaquina, alvorotada de jubilo, encarava tão agradecida e afetuosa no velho maltrapido, que se não anojou de lhe apertar a mão.

Está, portanto, reatada a correspondência: a mão da insidiosa desgraça soldou os fusos quebrados daquela

cadeia, cuja ultima argola... Deus sabe em que ignominias e catástrofes está chumbada!

Quando aos dois malsorteados amantes começava alvor de esperanças, depois de um mês de escuras angustias, chegou a S. João de Rei o frade de Tibães com jovial carão.

— Boas novas, Gaspar! — exclamou ele — Fiz descer o teu pai lá dos píncaros do seu agastamento. Está outro homem... Sempre é pai! O sangue brada!. Com que, rapaz, é necessário que venhas hoje para Braga, e te ponhas em joelhos aos pés do teu pai, pedindo-lhe perdão... Parece — continuou o frade atentando no rosto inalterável, senão constrangido, do sobrinho —... parece que te não alegrou esta noticia?!

— Não alegra nem entristece — disse Gaspar.

— Ó burro! — exclamou frade João, esmoncando o esturrinho do nariz rubro —Então que belzebu queres tu, senão a amizade do teu pai?!

— Tão desgraçado hei de eu ser com ela como sem ela. O meu pai quer dispor de mim como de um cavalo sobre o qual se lançam ricos arreios. Faz de conta que eu sou um

prego em que se dependura um apelido. Não quer saber se eu tenho alma, se tenho coração, só tenho pensamento. O dilema é este, meu tio: se caso com a minha prima, sou um infeliz abastado; se não caso com a minha prima, sou um infeliz pobre. Aqui o argumento, a distinção, a estrema é o ouro. Querem que eu ame uma mulher detestada, somente porque ela pode cobrir a cabeça de pérolas...

— E as pérolas — atalhou o benedictino — a falar verdade, são, no dizer de frade Tomé de Jesus, a sarna das ostras. Mas, sobrinho, não se trata de pérolas nem de mulheres... que o inimigo as subverta todas. O ponto é que tu peças perdão ao teu pai, e depois o tempo abrirá caminho.

Gaspar reagia ao largo discorrer do frade, porque já lhe era pouco menos de aprazível a vida naquela soledade, desde que ali chegara a carta de Joaquina Eduarda, e a esperança de outras. Em pouco estava o melhorar-se a desdita do rapaz! Dous meses antes, quando ele a via na grade de Sta. Clara, se antevisse uma tal vida, julgá-la-ia incomportável infortúnio.

A ida para Braga era o mesmo que renunciar a facilidade de corresponder-se com Joaquina; e, de mais disto, era ir por peito para uma luta cruel com o pai, por causa da prima. Não obstante, desobedecer a frade João, naquele conflito, era desobedecer ao pai, e dar margem a suspeitas de que a vida na quinta lhe era satisfatória.

A cena estava preparada. Fr. João entrou com o sobrinho na sala de espera; Gaspar ficou sentado num escabelo, e o frade foi ao interior da casa. Dali a coisa de cinco minutos voltou à sala, fingindo que enganava o irmão, e o irmão fingindo que vinha enganado. Gaspar levantou-se, e o velho fez um esgar de espanto, e exclamou:

— Que vejo?!

— É o teu filho que te pede perdão.

Gaspar, dando passos com o mais natural desentusiasmo que um drama joco-sério, aproximou-se do pai, dobrou o joelho direito, e disse:

— Perdão.

— Sai da minha vista, ingrato! — bradou Pedro de Vasconcelos.

— Irmão Pedro! — acudiu frade João, alongando o braço estatuariamente—Depois da justiça a misericórdia. O teu filho pecou; sê tu igual a Deus: perdoa.

— E vem ele arrependido, e disposto a mudar de vida?

— Responde tu, Gaspar! — disse o frade.

— Sim, senhor — tartamudeou o rapaz.

— Levante-se! — disse o pai — Iá para o seu quarto.

Gaspar saiu da sala cabisbaixo. Fr. João voltou-se para o mano Pedro com gesto grave, e disse-lhe:

— Olha que nós ainda não jantamos. Vê lá se a cozinha respira alguma boa nova... Estás contente, Pedro?

— Estou! estou! — exclamou o velho com os olhos afogados em lágrimas — Assim que o vi, tive guinas de abraçar-me nele! Eu quero-lhe das entranhas!. É a minha vida toda este rapaz!..

— Está bom, não chores, homem! — atalhou frei João, limpando os olhos ao lenço do tabaco — Chama a capitulo o que estiver na dispensa, e vê se se amanham por lá umas

frigideiras, que eu ando arrenegado por elas. Quantas me mandas para Tibães todas me come o dom abade.

CAPÍTULO XI

Ao terceira dia de reconciliação, Gaspar, engenhando astuciosos rodeios, pediu ao pai se o deixava ir passar o restante do estio na quinta de S. João de Rei.

— Que gosto é esse, rapaz?! — perguntou o insuspeitoso velho.

— É a caça. Habituei-me à caça, e faz-me muita falta.

— Pois isso não te contrario eu; vai; e espera alguns dias, que eu vou também lá passar uma temporada.

Gaspar fez-se amarelo, e disse:

— Em que há do pai entreter-se? Aquilo é tão só e triste! Não se vê ninguém com que Vossa Senhoria possa conversar...

— Converso contigo, e não tenho pouco que conversar... Antes de ir é preciso que vás visitar a Vila-Verda a tua prima e a tua tia, que já te não viram há seta meses.

— Não será melhor na volta da quinta?—observou timidamente o rapaz.

— Não, senhor: o melhor é agora... Ai! que tu, Gaspar!— disse com mau sorriso o velho — Não acabas de cair em ti...

— Isso é injustiça, meu pai..— acudiu o imprudente, emendando as repugnâncias do coração.

— Ora, vamos! Não acabes de me matar — prosseguiu com brandura o velho — Dá-me o prazer maior da minha vida, minha esperança querida de vinte anos, desde que tu nasceste e que a tua tia casou. Há quatorze anos que a tua prima veio a este mundo, e desde então a minha alegria é pensar que os netos da minha irmã e os meus hão de ser senhores desta casa...

— Eu não estorvo a sua vontade, meu pai; todavia, creio que a sua intenção é que eu termine a minha formatura.

— Nada, não é. Formatura para quê? De que te serve a ti o curso jurídico? Tens sabedoria que farte para ser o que o teu pai e avós foram: um fidalgo independente.

— Mas eu tinha tantos desejos de seguir a carreira da magistratura...

— E quem há de administrar a tua casa e a grande casa da tua mulher? A magistratura é boa para filhos segundos, e nem sempre. A consciência sofre grandes unhadas, filho. O teu tio avo Gabriel Pereira de Castro, chanceler-mor do reino, os últimos anos da sua vida, viveu-os cortados de remorsos por ter dado uma sentença iniqua contra um tal Fulano Soliz que se deixou morrer por suposto crime de desacato para não descobrir o nome da freira com quem corria amores. Foge de sentenciar, meu filho. Não queiras ser vitima nem sacrificador da justiça. Recolhe-te à tua casa com a tua mulher e a tua descendência, e deixa lá o mundo com as suas misérias. A vida melhor que eu conheço, Gaspar, é um homem alegre no seio da sua família, ou então frade em ordem abastada. Vê tu o teu tio frade João que santa consciência!.

— E que santo estomago! — acrescentou Gaspar, sorrindo.

— Dizes bem; e que santo estomago. Pois ai está! Aquilo e que é viver, quando se não tem precisão de transmitir bens de fortuna e apelidos gloriosos para uma honrada posteridade. O grão de licenciado em leis de que te serve a

ti? Deixa-te de quebrar a cabeça com a livralhada. Já sabes que chegue para falar seja de quem for. Tratemos agora em começar teor de vida mais solida.

Tão abstraído estava o rapaz que deixou palavrear difusamente o pai, acerca das solidas delicias do matrimonio. Naquele quarto de hora de introversão, Gaspar delineou um plano extremo, heroico, e o péssimo de quantos o seu mau anjo podia sugerir-lhe. E saiu do seu enleio com muita luz e alvoroço nos olhos, como se ideasse alguma honrada traça, que já a consciência lhe estivesse encarecendo com alegrias do céu.

Dias depois, Gaspar e o pai saíram para a quinta de S. João de Rei. Estava a expirar o prazo em que o mendigo prometera voltar. O dessossegado amante receava que o confidente se houvesse antecipado a rogos de Joaquina Eduarda.

Chegou a almejada carta no dia imediato ao da partida. Pedro de Vasconcelos dormia o sono matinal quando o filho, no mais afogado da carvalheira, lia as intermináveis e ainda assim tão breves paginas do diário dela, escrito por noite alta, a salvo dalguma surpresa do irmão. Na carta de

Joaquina estavam umas palavras que eram o aplauso ao projeto de Gaspar: Fujamos: onde poder ser, unamo-nos, e depois Deus será por nós. Se o teu pai nos não perdoar, pode ser que o meu irmão ou o meu cunhado nos deem abrigo.» O que não entrava no plano do rapaz era o abrigo esmolado do padre ou do juiz de Fora.

Abraçaram-se, pois, os dois alvitres no essencial, deferindo Gaspar a execução para dois meses depois, que tanto era necessário à conjunção de certos acessórios favoráveis ao expediente. Joaquina achou eterna a demora; porém, conformou-se.

Pedro de Vasconcelos preparava uma surpresa ao filho. No dia em que o rapaz fazia anos, ao romper da manhã chegaram à quinta os criados carregados de vitualhas. Depois chegou frade João com mais seis frades, encavalgados em mulas. Seguiram-se algumas das melhores famílias de Braga, parentas dos Vasconcelos. E a ultima família que apeou de uma lustrosa e dourada liteira era a irmã de Pedro e a sua filha, a Sra. D. Paulina Roberta.

Estava na flor dos quinze anos: era já alta de peitos, bem conformada, sadia, escarlate, fogosa, e não despicienda em

sentido nenhum. Abraçou-se no primo, e exclamou:

— Ah o seu ingrato, você porque não tem ido a Vila-verde? Chegou de Coimbra, e não deu parte à mãe nem a mim!

— Desculpa-me, Paulina — disse Gaspar — Cheguei adoentado, e vim aos ares do campo.

— Então porque não foste para onde nós fomos? — replicou a graciosa menina.

— A convivência com um doente deve ser muito importuna, prima!

— Ora! vai-te à fava! Entre primos não há essas cerimonias.

A menina foi mudar de vestido. Pedro de Vasconcelos disse ao filho:

— Não a achas muito galantita e desembaraçada?

— Está uma mulher de encher o olho! —disse frade João com aplauso dos outros frades.

— Então que dizes tu, Gaspar?— instou o pai.

— A que respeito?

— Onde está a tua cabeça, homem?. Querem vocês ver que o deus Cupido já o deixou atravessado da doce frecha.

As damas riram muito da graça mitológica de Pedro de Vasconcelos, que não sabia de fabula muito mais.

— Perguntava-te eu — insistiu o velho — se não achas a Paulina muito galante e esperta...

— Acho, sim: está muito desenvolvida e bonita — respondeu Gaspar com mal sopeada displicência.

— Pois ali a tens, que, para além do mais, segundo diz a mãe, é uma excelente senhora de casa. Que mais pode querer um homem?

— Está próximo o casamento? — perguntou uma fidalga velha.

— Não pode ter grande demora, prima Genoveva — respondeu frade João — A propósito de casamento... Lembra-se a prima dos nossos vinte anos?. Olhe que estiveram as coisas muito dispostas para termos a esta hora filhos e netos casadoiros!.

— Tolices do primo João!— disse a risonha Sra. D. Genoveva, exalando por entre o sorriso um suspiro consagrado ás reminiscências dos seus vinte anos.

Foram festejadas pelo auditório estas galhofas dos dois primos, e logo outra dama perguntou:

— O noivo vai para Vila-verde, ou vem a noiva para Braga, primo Pedro?

— Há de vir a noiva para Braga, que eu não me separo do rapaz. Já agora, o fim da vida quero passa-lo com filhos e netos.

— Está tão calado o primo Gaspar!— observou uma senhora de vinte anos.

— Que quer a prima que eu diga?

— Que esteja contente, e que fale.

— Por ventura estou triste?!. O silencio é a linguagem dos corações felizes.

— Assim, assim, Gaspar — acudiu o jubiloso pai — Assim é que eu te quero ouvir falar... Ai vem Paulina... Olha como ela vem brilhante, a feiticeirinha!

— Que é, tio? — perguntou a menina.

— Estás uma bela rapariga!.

— Ora!— murmurou a pudenda Paulina, abraçando-se numa das mais novas do rancho para esconder o rubor, posto que relanceasse a vista a Gaspar a fim de ver se ele reparava no rubor dela.

Gaspar, no entanto, estava conversando com um frade literato acerca de estudos universitários.

Passaram à casa do almoço, e depois saíram a passear nas sombras da quinta.

— Dá o braço a Paulina — disse Pedro ao filho.

No remate do passeio sombreado de parreira, os dois primos acharam-se sozinhos, e sentaram-se nos bancos rústicos que ladeavam uma fonte.

— Esta frescura é agradável, Paulina — disse Gaspar.

— Isso é: faz muito calor — disse Paulina.

— Eu gosto muito do campo; — disse o inspirado rapaz.

— E eu gosto mais da cidade. A aldeia aborrece logo. Tomara-me eu em Braga! Há lá tanta senhora, tantas brincadeiras e jogos! Lá em Vilaverde aquilo é um fastio de morte. A mãe senta-se nas escadas da capela a conversar com a gente do campo, e entretém-se; e eu não sei o que hei de fazer.

— Porque não lês, prima?

— Ora! já li dez vezes os Contos do Trancoso, e não sei que hei de ler mais, se não forem livros de reza.

— Porque não lês a “Menina e moça”, que é uma historia muito bonita, e o Palmeirim, e o Clarimundo?

— Já lá tive esses livros, que mos levou o primo Villas-Boas de Barcelos. São muito tristes aquelas lastimas da menina que foi levada da casa dos seus pais. Eu antes quero casos alegres; e tu?

— O meu génio é triste, prima Paulina.

— Não gosto disso, Gaspar. Quando eu era pequenina, e tu foste para os estudos, ainda me lembro que andavas a correr comigo ás costas. Lembras-te?

— Lembro.

— Ainda sei o lugar onde brincávamos lá na quinta. Ás vezes ia lá sentar-me sozinha, e lembrava-me de ti com tantas saudades!. Aquele tempo não volta...

— Sim; a infância é como esta água que está descendo da bica, e nunca mais sobe. Mas, passados os gozos da infância, vem os da mocidade; vão-se os da mocidade, e sucedem outros. Podes ser muito ditosa toda a tua vida, prima.

— E tu não?

— Eu, sabe Deus o que serei.

— A mãe disse-me...

Paulina reteve-se, e corou.

— Que te disse a mãe, prima?

— Disse-me... Ora... não digo... tu sabes o que é...

— Ah! sim... já sei... falou-te da nossa união.

— Foi isso.

— Creio que é essa a vontade das nossas famílias. E a tua?

— Também. Quando é?

— Passados poucos meses.

— Quantos? — perguntou ela trejeitando amoravelmente.

— Dois ou três.

— Ai! tanto! E depois vou para tua casa, não vou?

— Sim: e a intenção do pai. Passeemos, prima?

— Pois sim; mas... estávamos aqui tão bem nesta sombrinha!

— Vamos ao jardim que tem lá umas dálias bonitas.

— Vamos.

E, como o braço esquerdo de Paulina Roberta lhe ficava muito perto do coração, a menina automaticamente pesava um pouco mais sobre o braço do primo.

Pedro de Vasconcelos observava-os com enchentes de gaudio. Remoçavam as faces alegres do bom pai. Então

pensou ele que a imagem de Joaquina Eduarda fora de todo em todo banida do coração do filho.

E, todavia, Gaspar sentia-se beliscado de remorsos de ofender, posto que involuntariamente, a mulher da sua alma, a formosa, ao lado de quem Paulina Roberta perdia muito, se não tudo, da sua graça e regular compostura.

Correu delicioso o dia. Os noivos foram brindados tantas vezes quantas instalações de lombo e frigideiras os beneditinos desobstruíram com catadupas de vinho.

Paulina Roberta saiu dali meiga e saudosa como se acordasse nos braços do filho da citérea deusa. Pobre menina..

CAPÍTULO XII

Contente da sua irmã, e solicito em diverti-la de lembranças perigosas, Sebastião Godim frequentava com Joaquina Eduarda a fidalguia de Barcelos, onde, no seculo passado, residiam relíquia do antigo e luzido grupo de solares que ali viveram vida de corte.

Renasceram para a peregrina cantora as ovações e glorias d'Amarante. Para os tristes e apaixonados cantava ela mais meiga e mais do coração em Barcelos. Dantes era a arte: a voz que a si própria se estava ouvindo; agora falava o sentimento: a alma que consigo mesma dialogava.

Acenderam-se paixões súbitas nos peitos de numerosos morgados, e de muitíssimos filhos segundos destinados a frades. Aos primeiros, fechavam-se os olhos de Sebastião Godim; mas sobre os segundos lançava precavida atenção. Porém, Joaquina Eduarda não via uns nem outros.

Um dos mais soberbos de prosápia e haveres pediu-a como quem de antemão entende que seria um dever oferecer-lha. O padre, lisonjeado e alegre com a proposta, revelou-a à irmã, que para logo, dando aos ombros, disse:

— É o mais parvo de todos... Logo vi que seria o mais audaz.

— Audaz! — redarguiu o irmão — pois não sabes que é dos Correias de Lacerda, senhores de Farelões, e que teve um tio secretario de estado?

— Não sabia, nem isso me faz alterar o juízo que faço do homem. Em suma, Sebastião, eu estou bem: não caso.

— Está bom, menina; —disse o padre — nem eu te aconselho, se te repugna o sujeito.

O fidalgo de Farelões, quando soube que a irmã do reitor o rejeitara, pediu perdão aos manes dos Lacerdas e Correias de haver caído em tamanha vilta; e, para estrondear uma vingança monumental, foi a Lisboa, e voltou de lá casado com uma dama descendente do rei godo Ramiro pelo pai, e do rei godo Recaredo pela mãe. A vingança cumpriu-se em trinta dias.

Joaquina Eduarda, quando viu a descendente dos dois monarcas, disse:

— Muito feios deviam de ser os reis godos!

Estas coisas referia ela miudamente a Gaspar de Vasconcelos na sua regular correspondência bimensal. E, sem embargo, do tom zombeteiro com que Joaquina metia a riso os seus pretendentes, Gaspar torcia-se de ciúmes, e exprobrava-lhe que ela se andasse recreando, enquanto ele se comprazia na solidão e ermos desconversáveis de toda voz humana. Por amor destes queixumes, Joaquina resistiu com dissimulados incómodos aos convites do irmão, e encerrou-se entre as suas arvores.

CAPÍTULO XIII

Na carta da primeira quinzena de Setembro de 1763, dizia Gaspar que recebera ordem perentória do pai, já impaciente, para recolher a Braga. Pelo quê, o mendigo, quando levasse para ali a correspondência, no fim do mês, o esperasse à Senhora de Guadalupe. Miudezas são estas necessárias a quem lê convicto da veracidade da historia.

— Vamos a isto! — disse Pedro ao filho, assim que ele chegou — A tua tia insta pela brevidade do casamento, porque Paulina está doente de saudades. Tens varinha de condão, rapaz! Apaixonaste-a logo. Tais coisas lhe disseste...

— Eu não lhe disse nada, meu pai!

— Faz-te tolo!— tomou alegremente o velho — Imagino o que tu lhe dirias, maganão! Eu já de lá venho... O caso é que a menina, desde que foi aos teus anos, segundo me diz a minha irmã, não falia senão em ti, e emagreceu. Vamos a

terminar isto. A dispensa está requerida há três meses: deve estar a chegar. Assim que ela vier, conclui-se este negocio.

— Negocio!.— murmurou o rapaz.

— Casamento, digo eu: e porque disseste negocio tu?.

— Por nada... achei a palavra nada poética...

— Nós não estamos a fazer versos agora, rapaz! Que tem que ver com isto a poética? Hás de sempre ter um pedaço de tolice na cabeça, homem! Bem faz teu tio frade João que te chama ás vezes burro!. Ora, pois. Estamos decididos?

— Estamos: é a vontade do meu pai.

— E a tua?

— Também..— gaguejou Gaspar.

— Falia claro: se não queres, não queres! — retorquiu mal assombrado o velho — Teremos nós ainda o demónio tentador a perseguir-te?

— Não, senhor. O pai está anojado sem razão. Eu que disse para tanta ira?

— Pensei que.... Vamos lá... Desculpa esta rabugice... É o medo de te ver infeliz que me faz injusto ás vezes... Gostas da tua prima, rapaz?

— Gosto muitíssimo.

— Assim é que se responde.

— Queres casar logo que chegue a dispensa?

— Quando o pai quiser.

— Acabou-se. Amanhã vai passar o dia a Vila-verde; vai dar saúde à tua noiva.

Gaspar passou o dia em Vila-verde, e achou a prima a ler o Clarimundo de João de Barros, depois de ter lido o Palmeirim do Morais. A menina, para enfrear o tédio que lhe faziam estas leituras entumecentes, lembrava-se que o primo lhe inculcara os livros. Em verdade, estava ela mais desfeita de rosto e pisada das olheiras. Gaspar, como artista, achou-a quase galante; mas, como amante de Joaquina Eduarda, pareceu-lhe a prima pouco menos de detestável. A desgraça punha-lhe as mãos nos olhos ao malfadado rapaz! Paulina era engraçadinha, afora três vínculos, e um doce coração.

Passou o dia a ler com ela o Clarimundo. Gaspar declamou este relanço de capitulo:

... E chegando (Clarimundo) a Clarinda, foi tamanha a turvação nela, que lhe caíram as luvas das mãos. Clarimundo ainda que não menos a tinha, abaixou-se por elas, e quando lhas deu fizeram tão grandes mudanças nos rostos, que qualquer que nisso olhara conhecera as suas vontades. E porque o tempo não consentia mais, passou por ela, e foram falar a Lindarifa....

— Eu gostava de me chamar Lindarifa — interrompeu Paulina.

Gaspar sorriu-se, e continuou:

... Foram falar a Lindarifa, e trás eles Fendibal, que sentiu naquele momento uma novidade na alma...

— Gosto desse dito: uma novidade na alma — atalhou a menina e juntou: — também eu senti...— e susteve-se.

Gaspar encarou-a com tristeza de bom coração, e prosseguiu:

Nem Lindarifa sentiu menos esta primeira vista, pelo que Deus tinha ordenado ou se fez; porque o falso amor mais se esmera em vontades livres e soberbas contra ele, que naquelas que lhe são sujeitas; de maneira, que nos faz esquecer honra, parentes, fazenda, e a nossa própria natureza por seguir a quem nunca conhecemos, sem a lembrança destas coisas terem tanta força que possa resistir a esta que nos força.»

— Que quer dizer isso, primo Gaspar?— perguntou Paulina.

— A tua inocência não pode intender estas frases, prima... Quer dizer que há paixões que arrastam à desgraça.

— Isso sei eu.

— Sabes?

— Ainda há meses me contou a mãe que uma prima dela fugiu com um capitão, e depois acabou muito pobre a pedir por Lisboa.

— E a tua mãe não lhe valeu à prima?

— Acho que não.

— Então fora melhor que te não contasse a historia da sua prima...

— Porque?!

— Porque te ensinou que havia neste mundo o mal, sem te ensinar que havia também a virtude da caridade.

— Pareces o tio frade João a pregar, primo! — disse a menina cascalhando alegres impulsos de riso.

Gaspar concebeu fundo menospreço do entendimento de Paulina, e fechou o livro.

Dai a pouco jantaram; passearam depois; e, ao entardecer, o rapaz despediu-se a trasbordar de! aborrecimento.

Perguntou-lhe o pai mil coisas da sua noiva. Gaspar disse que vinha encantado dela.

O velho esfregava as mãos, e exclamava:

— Não to dizia eu!.. Aquela menina é a tua felicidade em todos os sentidos! Tomáramos nós cá a dispensa!..

Passados alguns dias, Gaspar, depois de ter dito que estava morto por se ver casado com a sua prima, falou assim ao velho:

— Meu pai, é tempo de descobrir-lhe um segredo, que por indiscreto pejo tenho calado.

— Que é?

— Nos meus dois últimos anos de Coimbra confesso que procedi com pouquíssimo juízo. Arrastado pelo mau exemplo de estudantes ricos e libertinos, gastei mais dinheiro do que o meu pai me dava. Contrai dividas, e a honra exige que eu as pague, porque e já tempo, e a vergonha incomoda-me.

— Ora eu te digo: — atalhou o pai — quando estavas na quinta, vieram aqui ter duas cartas para ti. Como eu andava desconfiado, suspeitei que fossem de certa pessoa, e abri-as. Uma era de um alquilador que te pedia trinta e quatro mil réis, e outra de um estalajadeiro, com a conta de oitenta mil e seis centos réis. Estas contas mandei pagar sem nada te dizer. Se não deves mais, podes dormir sossegado.

— Devo muito mais — disse o rapaz com os olhos baixos — Devo a pessoas briosas que não me pedem o dinheiro; e por isso mesmo mais me obrigam e confundem. Devo, pouco mais ou menos, mil e duzentos cruzados a estudantes de principais famílias do reino.

— É muito dinheiro! — gastaste dessipadoramente, rapaz! — Paciência... pagarei essas contas. Diz a quem é que deves.

— Devo a D. Francisco de Portugal da casa de Vimioso e Valença, e a D. Pedro de Mascarenhas, filho do marques de Fronteira.

— Mandarei pagar.

— Se o pai me quer fazer a vontade num desejo nobre, permita que seja eu o portador das dividas.

— Pois hás de ir a Coimbra?!

— Que tem isso? Vou despedir-me para sempre dos lugares saudosos da mocidade, e abraçar os dois amigos a quem devo a fineza de nunca me pedirem o seu dinheiro.

— Então, quando queres ir?

— Em Outubro na abertura das aulas.

— E demoras-te?

— Seis dias de jornada, e dois em Coimbra, oito dias.

— Está bom. Irás.

No dia seguinte, Gaspar de Vasconcelos foi a Tibães, e disse ao tio frade João:

— Meu tio, venho pedir-lhe um importante favor.

— Que queres? Pede lá, rapaz; mas olha se podes primeiro comer alguma coisa... Queres lombo de vaca? ou arroz de pato?

— Não, senhor, já jantei.

— Então saibamos o que queres.

— Primeiramente pedir-lhe segredo sobre o que vou dizer-lhe.

— Se o segredo não fizer implicância com a honra..— estipulou o frade.

— Não faz.

— Se mo asseveras, prometo segredo.

— Eu devo bastante dinheiro em Coimbra. Desbaratei em dois anos, afora as mesadas, dois mil e quatro centos cruzados.

— Ui! — clamou frade João — Ó homem! em que afundiste dois mil e quatrocentos cruzados?!

— Joguei.

— Ó burro! pois tu jogas?!

— Não jogo: joguei. Endividei-me, e quero pagar dentro de quinze dias. Tive vergonha de dizer a meu pai quanto devia, e pedi-lhe mil e duzentos; e venho pedir ao tio outros mil e duzentos cruzados, com a condição de pagar-lhos depois do meu casamento.

— O pouco que eu tenho, rapaz, teu é ou será — disse o magnânimo benedictino — Esse dinheiro conta com ele.

— E com o segredo...

— Isso está tratado. Quando vos casais?

— Espera-se a dispensa. Eu vou a Coimbra pagar as dividas, e, na volta, naturalmente, casamos.

— Ah! tu vais a Coimbra?.. Eu quero dar uma prenda à tua noiva. Hás de comprar-me no Porto algum objeto douro: pode ser uma gargantilha com uma cruz de diamantes, coisa de valor de cinquenta mil reis, pouco mais ou menos.

Assentaram nisto.

Gaspar disse ao pai que o tio João lhe encomendara do Porto uma gargantilha para a prima Paulina.

— Nesse caso, disse o velho, também quero que compres um anel com um bom brilhante com que a brindes, obra ai de duzentos mil reis.

Somou Gaspar de Vasconcelos as quantias que tinha a liquidar, no acto da partida, e perfez a de reis 1:180$000.

Feita a operação aritmética, foi escrever mais um período na carta a Joaquina Eduarda.

Rezava assim:

Os recursos, com que havemos de passar um ano, já eu tenho certos. Neste ano, dará o mundo muitas voltas, e uma delas será o reconciliar-se o pai connosco, e abrir-nos a casa e os braços. Agora o que eu espero para marcar o

dia da partida, é que tu, minha querida esposa, me esclareças sobre a hora, e mais circunstancias da tua fuga. A mim o mais acertado parece-me que é irem os cavalos do Porto para Barcelos, e aproximarem-se de noite à reitoria para tu não andares muito tempo por maus caminhos.

Nesta ultima carta, que me escreveste, noto na tua linguagem certa melancolia. Falas-me do teu irmão com saudade, e de não sei que pressentimentos amargos! Vê tu que diferença de ti para mim, ingrata! Eu de mim não penso em pai, nem em futuro. Vejo-te somente, formosa luz da minha vida; e à tua luz todas as desgraças possíveis me parecem delicias »

CAPÍTULO XIV

Tratadas as combinações da fuga, e avizinhado o dia almejado de longe, e formidável ao perto, Gaspar não podia explicar-se o quer que era de susto, amargura e desalento que lhe esfriava a resolução. Encarava os olhos do pai, e escondia o aparecimento das lagrimas; olhava para dentro de si, e via-se deforme e suja na consciência e na honra. Mas a este titubar dos espíritos acudia o coração, lampejava a imagem de Joaquina Eduarda, e logo os olhos se enxugavam, a consciência retraia-se, e a honra escurentava-se desluzida pelos incêndios do amor.

Ao mesmo tempo, a irmã de Sebastião Godim, cada vez mais estremecida dele, e cativa da magnânima alma com que o seu benfeitor fingia ter-se esquecido das leviandades dela, olhava-o com tão piedoso e quebrado lume de olhos, que o padre, por vezes, lhe perguntou:

— Que tristeza revela a tua vista! Que tens tu, irmã?

— Vontade de morrer! — disse ela, depois de muito instada.

— Por Deus! — clamou consternado o irmão — que há de novo na tua vida? Ainda, pouco há, tão contente, e folgada por esses campos, e já agora desejosa da morte!. Bem não queria eu que deixasses de conviver com as famílias de Barcelos!. Não podes com esta solidão, Joaquina. Eu bem no sei. Queres outra sociedade, outras comoções...

— Não, meu irmão, não quero.

— Pois então confessa-te ao teu amigo. Que tens?

— Um desgosto inexplicável... uma enchente de lagrimas no peito... Preciso chorar... Deixa-me chorar, e não faças caso disto.

E chorava a sós, enquanto o anjo da desgraça lhe não passava pelos olhos a mão refrigerante, e não afogava no seu tremedal o anjo bom que lhe feria a ela o peito com o toque espertador das suas azas. Depois, era o desapertar-se o peito em doçuras de amante e de esposa, em esperanças de longa vida, com os honestos contentamentos da

felicidade conjugal. Mas então que intervalos negros são estes em almas que tanto se entreamam e uma noutra se absorvem?! Já o poeta Andrade Caminha perguntava:

Maravilhas do amor quem as intende?

Os segredos do amor quem os alcança?

Posto que, no caso sujeito, os segredos são mais da Providencia que do amor.

Gaspar de Vasconcelos recebeu as verbas que perfaziam a quantia de três mil e tantos cruzados. O velho madrugou para despedir-se do filho. O filho refez-se de animo para não delatar a sua comoção ao despedir-se do pai.

— Oito dias, ouviste? Nem mais um! — disse Pedro de Vasconcelos.

— Oito dias..— confirmou o filho.

A fatalidade sorriu-se.

Chegado ao Porto, Gaspar impontou para Braga o mochila com as bestas, expediente louvável para não fatigar os cavalos que o seu pai estimava. Depois com outros cavalos,

foi amanhecer para uma aldeola de poucos fogos, chamada Fameleão, nome de um tamanqueiro, que muitos anos antes edificara ali o primeiro cardenho de uma florente terra, que hoje se chama Vila-Nova de Famalicão. Aqui se agasalhou Gaspar, até ao escurecer, na, pousada dos almocreves; e por volta de meia noite, chegou a Barcelos. Deu folga e comer aos cavalos por espaço de hora. Em seguida, meteu por caminhos decalcados e barrocais até ganhar o alto da serra d'Airó. Desceu ao vale, e parou à entrada duma aldeia, onde se lhe deparou o conhecido mendigo, sentado nos degraus de um cruzeiro.

Apeou Gaspar, deu as rédeas ao arrieiro, mandou que o esperasse, e desceu com o guia por um estreito quinchoso, que terminava no terreiro duma casinha, cuja porta se abriu, assim que os passos se aproximaram. Gaspar entrou à casa duma tecedeira, que lhe ofereceu um banco para sentar-se, e disse:

— Agora vou eu a mais o meu homem buscar a menina, que está à espera. Isto é para bom fim, não é, fidalgo?

— Decerto é — respondeu Gaspar.

— Não que, se não fosse, eu não me metia nisto, que o Sr. reitor punha-me nas galés a mais o meu homem. Eu sou a tecedeira do Sr. reitor, e a menina, há dias, pediu-me para eu a ir buscar quando o fidalgo cá viesse ter, e ela cá mandasse este homem dizer-mo.

— Já sei isso, já sei — atalhou Gaspar— Vão buscar a senhora, que são horas, e o caminho é muito mau para virem depressa.

— Não que a gente não vem pela estrada. Atravessamos umas veigas que vão dar ao passal do Sr. reitor, e a menina salta pela janela da cozinha.

Saíram. Gaspar, gratificando generosamente o mendigo, disse-lhe:

— Quando souberes que eu voltei a Braga, aparece-me que não tornas a pedir esmola. Irás feitorizar uma das minhas quintas com um bom salario.

O pobre beijou-lhe as mãos, e foi à sua vida, contente de haver conspicuamente desempenhado até à ultima a sua missão entre dois amantes daquela natureza.

Ficou sozinho o rapaz encostado ao tear da tecedeira, com os olhos fitos na lua que resplendia com a diurna claridade das noites de Outubro. Lembrou-lhe o pai, e confrangeu-se-lhe alma. Viu-o, àquela hora, dormindo os plácidos sonos do homem bom, senão era que algum sonho acerbo, por amor do filho, o agitava.

Mas Joaquina Eduarda!.. Que é a imagem de um pai dormindo comparada à realidade duma formosa mulher amada e apaixonada?

Joaquina Eduarda!.. Aquela mulher linda, singularmente linda do teatro italiano!

Aquela que todos amavam no baile do Governador das justiças!.

Aquela que transportava as almas nos seus cantares! Aqueles altos espíritos da secular de Santa Clara, que o humilhavam a ele, menos eloquente, menos gracioso que ela.

Defrontem uma mulher assim com a imagem de um pai que dorme, e diga a arte, e diga a natureza quem levará a melhor sobre o coração de um rapaz de vinte anos.

Volvida meia hora, ás duas e três quartos da manhã, ouviu Gaspar um fremir de folhagem seca. Parece que já a viração lhe chegava tépida e balsa mica do respirar da ofegante fugitiva. Desceu o rapaz ao terreiro da casa, e viu nas sombras das arvores próximas um perpassar de visão beatifica, e logo ouviu, num como suspirar de brisa entre murtas, o seu nome.

Correu com os braços abertos, e apertou Joaquina Eduarda quase esvaida no delíquio da ventura, que reduz a alma a pouco menos de aniquilada. Sentou-se no combro do terreiro, com ela sobre os joelhos, e pediu uma gota de água à tecedeira. Joaquina, reclinando o pescoço, voltou o rosto à lua, que a beijou com o mais claro dos seus raios.

— Oh! que formosa! que divina! — entre si pensou Gaspar, quase subjugado pelo instinto esquisito dos beiços no inexcedível prazer do oculo, do primeiro oculo, quero eu dizer, na face virgem deles, ou muito beijada dos querubins e mais potestades invisíveis.

Foi quebranto de momentos o esvaimento de Joaquina Eduarda.

— Partamos? — disse ele.

— Sim, e já! Eu tenho tanto medo à nossa má estrela. vamos depressa! — instou ela.

Gratificada fidalgamente a tecedeira... (porque não, se as peças lhe pejavam todas as algibeiras ao fidalgo?!), levou ele a amada quase em braços, e sentou-a nas andilhas do possante cavai lo. O arrieiro bracejando rompeu à frente, e Gaspar seguia Joaquina, que os caminhos vedavam-lhe ir de par com ela.

Rompeu-lhes a aurora na Isabelinha. Dai entraram por atalhos escusos cobertos de pinhais, até cortarem à estrada de Vila do Conde, evitando assim encontro de pessoas conhecidas na estrada real de Braga. Já por noite chegaram ao Porto, e recolheram-se cautelosamente para uma estalagem de Vila-Nova de Gaia.

CAPÍTULO XV

Saiu do leito Sebastião Godim, consoante costumava, ao aclarar da alva, para rezar matinas e laudes. Feita a oração, disse à criada que mandasse tocar à missa. A criada resmungou o quer que fosse. O reitor perguntou:

— Que diz você, mulher?

— Estou cá a pensar com a janela da cozinha...

— Que tem a janela da cozinha?

— Achei-a aberta.

— É que você a não fechou.

— Isso fechei eu... Assim se fechem as bocas dos nossos inimigos.

— Seria o vento que a abriu— disse o padre.

— Vento não lhe vejo jeito!.

— Fosse o que fosse; falta alguma coisa?

— Que eu saiba, não, Sr. reverendo reitor.

— Então deixe lá isso, e mande tocar à missa.

O padre agasalhou-se no capote de portinholas, e foi indo para a igreja, onde tal qual vez o esperavam as confessadas.

De feito, deteve-se até às oito, confessando. Estava a revestir-se para ir ao altar, quando a criada rompeu pela igreja acima, e de azoada que ia nem se lembrou de ajoelhar e benzer-se à frente do altar mor. Caso estranho que levantou borborinho na igreja.

Entrou lívida na sacristia a antiga serva e afilhada de Fernão Cazado Godim, exclamando:

— A menina fugiu!

— O quê? — disse o padre, deixando cair a casula das mãos.

— Está o quarto aberto, e um papel escrito em cima do bofete.

— Deus me valha! — murmurou surdamente o padre; e, voltado ao sacristão, disse:

— Vá avisar o povo que eu, por motivos urgentes, não posso hoje celebrar missa.

Despiu-se, e saiu pela porta da sacristia, com os dedos das mãos enclavinhados sobre o seio.

— E foi pela janela da cozinha que fugiu...— dizia a criada, seguindo-o, com as mãos postas na cabeça, e dando ais profundos.

Sebastião entrou no quarto da irmã, e foi direito ao bofete. Leu o seguinte:

Perdoa à tua desgraçada irmãzinha, que não pode vencer-se. Escrevo-te cega de lagrimas. Neste momento só a morte podia salvar-me de um crime. Só assim poderia expirar nos teus braços, e no leito da nossa mãe. Perdoa-me, Sebastião, que eu amava muito, amava sem refrigério o homem que padeceu muito por mim, e me fez padecer quanto pode uma grande paixão contrariada por todos. Não me consideres perdida, meu irmão. Espero ainda entrar aqui, bem quista do mundo, e de ti, com o meu marido que tu hás de amar como a irmão. Outra vez te peço perdão, em nome de Deus e da minha fragilidade. Joaquina.

— Perdida! prostituída! — exclamou ele — a minha irmã prostituída! Oh! que infame homem aquele que pode desgraçar aquela criatura!— E voltando-se hirto e desfigurado à criada, gritou:

— Mande aparelhar a égua, enquanto me visto.

Dai a minutos galopava a esporeada égua no caminho de Braga. Sebastião apeou à porta de Pedro de Vasconcelos. Subiu, sem se anunciar; entrou numa sala e noutra, desvairado, olhando aos lados, até que Pedro inadvertidamente se encontrou de frente cora ele.

— O Sr. padre Sebastião..— tartamudeou o velho.

— Que é do seu filho? — perguntou o padre.

— O meu filho foi antes de ontem para Coimbra.

— O seu filho raptou-me esta noite a minha irmã.

— Quê!— bradou um rouquejar inexprimível o fidalgo — raptou...

— Onde está o seu infame filho, Sr. Pedro de Vasconcelos? — repetiu Sebastião, com os braços erguidos em convulsões.

— Já lhe disse... que hei de eu dizer-lhe?. Mentiu-me o ladrão; matou-me o amaldiçoado!.

E, bradando, atirou-se sobre uma cadeira, quase desfalecido.

Sebastião levou as mãos ao rosto, e murmurou:

— Pobre velho!. mas eu sou mais desgraçado!. A desonrada é a minha irmã, o desonrado sou eu!, são os ossos do meu pai!.

E, debruçado sobre Pedro de Vasconcelos, que abafava em soluços, tomou-lhe as mãos, e entre si dizia:

— O meu pai não conheceu a angustia desta hora!. Graças, meu Deus, por mo terdes levado deste mundo, antes de ver uma filha perdida!

Pedro ergueu-se amparado pelo padre, e disse com tardas vozes:

— Como sabe que o maldito raptou a sua irmã?

— Ela o declara — respondeu Sebastião, mostrando a carta.

Pediu o velho ao padre que lesse a carta; e, depois de ouvi-la, disse:

— Vou dar providencias.

— Quais, Sr. Vasconcelos?

— Às do meu dever. hei de pensa-las...

— As do cristão dever sei eu que não carece V. S. de pensa-las — disse o reitor.

— Quais são?

— Não lhes impedir o casamento... Perdoar ao seu filho, salvar a minha irmã, e eu, se Vossa Senhoria Os desprezar, os receberei casados na minha casa, e dar-lhes-ei duas partes da minha subsistência.

— Pois dê..— exclamou o velho — que eu não tenho filho. Que me importa que eles casem?! Como quiserem...— Refletiu instantes, e disse com malicioso sorriso: — Então o Sr. padre Sebastião sabe onde eles param, para lhes levar o aviso de que podem casar? Isto cheira-me a tramoia!

Ergueu-se de golpe o filho de Fernão Cazado, e disse:

— Está explicada a infâmia do seu filho! Explicou-a o Evangelho de Jesus: é o fruto da arvore infame.

Disse, e saiu sem voltar rosto ás bravas e impotentes contorções do fidalgo esmagado por duas enormes angustias para um tempo.

Deteve-se Sebastião em Braga algumas horas, colhendo vans informações do local onde Gaspar pudesse estar escondido. Esfriado o mais ardente da alucinação, reconheceu o padre que o raptor não vinha aproximar-se das primeiras iras do pai. Desapertou a alma à custa de tirar muito pelas lagrimas, e foi caminho da sua reitoria. À hora em que ele vertia novas lágrimas à frente do leito da sua mãe, e da sua irmã, dormia ela o seu matinal e primeiro sono na estalagem de Gaia.

E contava Joaquina Eduarda, dois anos depois, que vira, em sonhos, o irmão ajoelhado à frente do leito da sua mãe, pedindo à virtuosa alma, que à mão do Senhor voara daquele leito, que levasse para si a filha.

CAPÍTULO XVI

Gaspar de Vasconcelos e Joaquina Eduarda não se afadigavam nas jornadas: dir-se-ia que passeavam aprazivelmente no pais, posto que as carrancas do inverno mal quadrassem a excursões bucólicas de amantes ditosos.

Ao fim de três dias chegaram a Coimbra.

Gaspar apresentou-se ao bispo, beijou-lhe reverentemente o anel, e disse-lhe:

— Venho ajoelhar perante V. Ex. reverendíssima, suplicando o sacramento do matrimonio para mim e uma senhora que me acompanha fugitiva da sua família.

— Não sois aquele estudante que dançava o minuete da corte? — perguntou o bispo.

— Sim, senhor.

— Oh! —exclamou o prelado — é impossível o que pedis!

— Impossível?!

— Sim: já recebi avisos do arcebispo de Braga; já todos os bispos devem de estar prevenidos. E o mais é que o corregedor do crime desta comarca já tem ordem do regedor das justiças para a captura de Gaspar de Vasconcelos. Ausente-se de Coimbra, sem demora.

Gaspar decorou. Lembrou-lhe Joaquina no lance da captura, e saltaram-lhe as lagrimas. Condoeu-se o bispo-conde, e disse-lhe:

— Não vades pela estrada real... Que destino levais? para onde ides?

— Nem eu sei, senhor!.

— A melhor e mais segura terra e Lisboa: pode ser que lá encontreis no patriarca o beneficio que eu vos não posso fazer; e talvez que os avisos não chegassem ainda ao cardeal. Apressai-vos na retirada daqui, e sede feliz, que eu duvido que possa sê-lo um filho desobediente.

Voltou temeroso à hospedaria o rapaz, e relatou em anciãs o acontecido a Joaquina Eduarda. Enfardelaram de afogadilho as malas, e saíram. Duas horas depois o meirinho do corregedor fazia buca na estalagem; e,

voltando a avisar o magistrado, recebeu ordem de os perseguir no território da comarca.

Os fugitivos, obedientes ao conselho do bispo, saíram da estrada guiados por condutor liberalmente pago até aos arrabaldes de Leiria. Dai, fiados em novo guia, venceram os pontos perigosos; e, com quatro dias de jornada, chegaram a Lisboa.

Gaspar de Vasconcelos contava com a proteção de alguns condiscípulos, filhos de valiosos fidalgos de Lisboa. Procurou um dos mais arquitetos à família Pombal, e solicitou a licença para o casamento. O patriarca, já prevenido pelo arcebispo bracarense D. Gaspar de Bragança, denegou a licença e invetivou os protetores do mau filho, que deixara o pai em trances de morte. Verdadeiramente se infere desta rede tão depressa urdida, qual era o valimento de Pedro de Vasconcelos com a igreja e com a magistratura, e não menos se delatam as abrasadas entranhas com que perseguia o filho.

Aconselharam-no os amigos a que saísse de Lisboa, antes que o chanceler houvesse denuncia da sua chegada. Gaspar, judiciosamente receoso da captura, e instado por

Joaquina Eduarda, — que mais queria o sossego sem as bênçãos nupciais, que a perspetiva da cadeia ainda mesmo no gozo do sacramento— deliberou entrarem Espanha, e repousar-se enfim de sustos, que lhe agorentavam as delicias do coração.

A cidade mais convizinha, mais própria a devaneios amorosos, e mais poética residência de amantes, sorriu ao rapaz e o chamou a si: era Sevilha. Foram, pois, alegres e descuidados de corregedores e meirinhos, com um passaporte, inventado em Lisboa, no qual os viandantes se chamavam Carlos e Carolina, naturais de Lisboa, casados, e mercadores.

Mobilaram modestamente uma casa nos arrabaldes, acenderam o fogão, e ali passaram o restante inverno, muito sós, muito queridos, muito estranhos ás coisas da pátria e aos desgostos dos seus . Leram D. Quixote, e o Grão Tacanho, e Lazarilho de Tormes, e Gusmão d Álfar ache, e o Diabo coxo. Riram muito nas noites de Dezembro e Janeiro com a chávena de chocolate ao lado, e a lenha a crepitar no fogão. Quando a leitura os enfastiava, abria-se o piano, ou dedilhava na guitarra o rapaz, que em Coimbra

gozara a primazia da fazer falar e chorar. Joaquina ou cantava as modinhas portuguesas, ou as seguidilhas espanholas com aquela voz dulcíssima que transportava o senhor da sua alma. Ás vezes, tocava ela o minuete, e Gaspar executava o passo, como no baile do regedor das justiças; e Joaquina Eduarda perdia-se na musica, de enlevada na agilidade graciosa dos saltos.

Ora, se a felicidade não era aquele viver, se aquelas delicias não eram o prazer novo que o sibarita não chegou a descobrir, então não sei eu que haja gozar neste mundo!.

Espertaram as aves, degelaram-se os gomos das arvores, tapizaram-se os prados de boninas, o Guadalquivir espelhou-se para retratar as formosas sevilhanas. Saíram os amantes do seu esconderijo, e andaram pela cidade a ver os quadros notáveis, os palácios, os jardins, os monumentos, as decorações majestáticas da velha Híspalis.

Em alguma dessas paragens encontraram uma família portuguesa da Beira, de apelido de Cunhas, Távoras e Noronhas, aparentada com Távoras, e fugitiva de Portugal, desde 1758, época do suplicio dos duques d’Aveiro, Távoras, e Atouguias.

Facilmente se relacionaram. Francisco da Cunha Noronha e Távora tinha senhora e filhas. Vivia com medianas posses, hauridas de alguns parcos bens que a sua mulher linha em Castela. Os grandes haveres dele no reino tinham sido confiscados, bem que o fidalgo visiense fosse de todo estranho à tentativa de regicídio contra D. José 1.° Na hipótese de que os seus patrícios eram o que eles diziam ser — filhos de mercadores de Lisboa, que viajavam recreativamente — hesitaram, por algum tempo, os Cunhas em se relacionarem com intimidade de visitas; porém, a precipitação de Gaspar denunciou a fidalguia da sua origem, quando, numa pratica sobre a restauração de 1640, e da parcialidade do clero a favor dos interesses de Castela, disse ele que odiava o seu tio-avô D. Francisco Pereira Pinto, bispo do Porto, por não querer exercer o bispado com a nomeação, que já tinha do usurpador Filipe, confirmada pelo legitimo rei. Francisco da Cunha pediu explicação deste parentesco; e o rapaz, que já se não temia da perseguição, e algum tanto se desvanecia com ser considerado nobre, relatou particularmente ao fidalgo beirão a sua epanáfora amorosa.

Vem a ponto a nossa admiração sincera: Cunha Noronha e Távora hesitava em receber na sua sala o filho do mercador casado com a filha doutro mercador; e facilitou a sua casa e intimidade das suas filhas ao descendente do bispo, sem embargo da sua desonesta convivência com uma senhora raptada! Incongruências das raças ilustres, posto que Francisco da Cunha era bom homem, e a sua família uma santa gente, meninas bem ajeitadas e virtuosas, que não sabiam ler nem escrever nem contar.

Mas não eram insensíveis ás delicias do canto. Abraçavam-se em Joaquina Eduarda a beija-la, quando ela cantava as seguidilhas, mormente umas,, cuja letra aprendera na Gitanila de Miguel Cervantes Saavedra, romancinho donde pode ser que Victor Hugo haja talhado a sua Esmeralda da Notre Dame de Paris.

A musica saíra do engenhoso talento de Joaquina Eduarda como enxame de borboletas dentre perfumadas moitas de flores. À letra dizia assim:

Gitanica, que de hermosa

Te pueden dar parabienes,

Por lo que de piedra tienes

Te lama el mundo preciosa

Desta verdad me asegnra

Esto, como en ti verás,

Que no se apartan jamás

La esquiveza, i la hermosura.

Entre pobres, i aditares

Como nació tal beleza?

O como crió tal pieza

El humilde Mançanares?

Dizes la buena ventura!

Y dasla mala contino,

Que no ván por un camino

Tu intention, i tu hermozura!

De cien mil modos hechizas,

Hables, cales, cantes, mires,

Ó te acerques, ó retires,

El fuego de amor atizas.

Nesta ultima copla cantada com feiticeira galanteria, Gaspar tinha inveja dos beijos com que as meninas Cunhas pediam a Joaquina a repetição. E o pai das meninas, batendo as palmas, exclamava:

— Viva a sereia! Viva a sereia!

CAPÍTULO XVII

Francisco da Cunha instava Gaspar a escrever ao pai.

Não sabia o rapaz de que expressões pudesse engenhar uma carta para o seu pai. O coração contente do gozo que fruía, negava-lhe incentivos para sinceramente confessar-se réu de culpas que tão doces lhe eram. A gaveta do contador ainda tinha ouro, que Joaquina administrava com discreta economia.

— Mas o futuro, Sr. Gaspar? — observava-lhe o Cunha— Que há do meu amigo fazer, quando se lhe exaurirem os recursos que trouxe? Espera £ que o seu pai o venha procurar?

— Nem ele sabe onde eu estou.

— E, se souber, crê que ele solicite a reconciliação?

— De modo nenhum.

— Então espera que o seu pai faleça nestes próximos meses?

— E, se falecesse, deixar-me-ia excluído da herança.

— Pois ai tem! Pense no seu futuro com esta senhora. O amigo escreva ao pai, e ela ao irmão. Tratem de obter licença para se reabilitarem perante Deus e da sociedade, e muito principalmente para terem a subsistência certa, e defendida de contingências desagradáveis.

Joaquina Eduarda escreveu ao irmão poucas palavras em que revelava certo bem-estar na posição que escolhera. Dizia ela:

Não te peço piedade que não há para que a mereça; qualquer que seja o meu destino, jamais a pedirei; porque, se fiz mal, justo é que me aguente com os efeitos. O que te peço é perdão das mágoas que te causei, meu bom mano. E este perdão, peço-to enquanto sou feliz. Se alguma imprevista calamidade me esmagar, não pedirei nem sequer perdão...

Gaspar escreveu uma longa carta, friamente pensada, com todos os lugares patéticos d uma engenhosa retórica. Raro

romancista lhe ganharia em frieza de animo na redação da sua comovente narrativa.

Partiram as cartas.

Pedro de Vasconcelos, quando lhe entregaram a volumosa missiva, carimbada em Sevilha, e reconheceu a letra do filho, mal podia sustê-la nas mãos convulsas. Resolveu queima-la fechada. Vacilou ao pé da fogueira, e apertou-a com frenesi, como se dentro daquele maciço de papel viesse o pescoço do filho.

Abriu-a, depois de esconder-se ás atenções do capelão e dos criados.

Leu, sem laivos de comoção. Apertou-a entre os dedos para espedaça-la; mas susteve-o a ideia de mostra-la ao mano frade João.

Veio frade João de Tibães, chamado com urgência.

Leu a carta em tom declamativo, releu fragmentos, que lhe tocavam, todos encomiásticos, bufou como quem suspira, e disse:

— Não sei o que te hei de dizer, mano Pedro. Tu és pai: faz o que quiseres e entenderes. Eu cá, como tio ofendido, e cristão caritativo, perdoo-lhe...

— Ele a ti que mal te fez? — atalhou Pedro, irritado.

— A mim... Afalar verdade... nenhum. Ele é que diz que eu fui para ele sempre bom.

Cumpre saber que o honrado frade cumpriu a promessa de não revelar que emprestara mil e duzentos cruzados ao sobrinho. Pedro ignorava esta ribaldaria do filho.

— Eu, cá de mim, — bradou o fidalgo — não lhe respondo. Diz-lhe tu, se quiseres, que eu morri para ele.

— Isso é supérfluo. Se lhe não respondes, entendido está que morreste para ele, mano Pedro. Escuso eu de lhe dar parte.

— Então que quer esse vilanaz? — perguntou Pedro ao frade, como se os essenciais relanços da carta carecessem de clareza.

— Quer licença para casar, e perdão de não casar à tua vontade.

— E pede-me licença o bigorrilhas? Sabe que eu não quero, e intenta obrigar-me a querer?. Esta é de cabo de esquadra, mano João.

— Pedro! — redarguiu o benedictino — muito bem sabes que eu fui a Coimbra buscar o rapaz, que eu fui leva-lo à quinta de S. João de Rei, e finalmente não perdi lanço de lhe pregar a conveniência de casar com a nossa sobrinha Paulina. É isto verdade ou não?

— É: quem to nega?

— Ora bem: Eu, no meu modo de ver as coisas à luz da filosofia cristã, intendo que o domínio dos pais sobre os filhos não pode estender-se até ao coração, salvo quando a paixão solta e desenfreada os leva a praticar atos e alianças desonrosas para os seus pais. Contrariar um rapaz em matéria de casamento com fulana para o casar com sicrana, é o mesmo que priva-lo de ser bom marido da primeira, e obriga-lo a ser mau marido da segunda. A rapariga, com quem teu-filho quer casar, segundo tu mesmo me disseste, é filha de um antigo fidalgo de Viana do Minho. Como aliança de sangue, visto está que não suja o teu; como aliança de haveres, questão e essa muito outra, que não

tem que ver com a moralidade do acto... Não te estejas a atrigar, mano Pedro, que eu vou concluir. O teu e o meu bom pai, que Deus haja na sua presença, exercitou em mim o absoluto império que tu quiseste exercitar sobre a sensibilidade afetiva do teu filho. Assas lembrado deves estar que eu amei com singular afeto uma rapariga de mediana extração. O pai, quando me conheceu inclinado naquele rumo, chamou-me a contas, e disse-me: casar com a prima Genoveva, e já, ou entrar no convento de Tibães, e já!» — Pois seja para o convento de Tibães, e já—respondi eu. Qual foi o resultado, mano Pedro? Fizeram-me um péssimo frade; a consciência mo diz; podendo ter eu sido um excelente marido, se me deixassem casar com a mulher da minha seleção.

— Historias! — exclamou Pedro de Vasconcelos — Se casasses com a filha do chapeleiro, a esta hora que serias tu? O pai dos netos do chapeleiro, um valdevinos sem respeito nem dinheiro. Assim és sempre o filho de Simão de Vasconcelos, e vestes o habito que os filhos segundos da casa dos teus avós vestiram sempre, exceto os que morreram armados na Africa e índia, que foram muitos. Se

não foste bom frade, se não és dom abade de Tibães, como foram os teus tios, e porque não tens querido fazer as asneiras com cautela e manha como os outros. Em fim, mano João, eu não me estou a afligir à conta deste amaldiçoado rapaz. Não quero saber dele. Paulina é a minha herdeira. Procuro-lhe marido, na roda dos parentes, e hei de achar-lho digno e excelente. Lá está a pobrezinha cheia de paixão: é o meu dever remediar o mal que fiz.

— Bem. Não queres mais nada de mim?

— Não.

— Fica-te com Deus, e lembra-te sempre que és pai. í Ao outro dia, foi Pedro de Vasconcelos a Tibães.

— De que bordo estás? — perguntou frade João.

— Pensei toda a noite. As tuas palavras: lembra-te sempre que és pai» abalaram-me.

— Graças a Deus! E então?

— Escreve ao rapaz; diz-lhe que venha para casa.

— E a mulher?

— A mulher.,.

— Sim: que há de ele fazer à rapariga?

— Que a meta num convento.

— Os conventos não são recoletas de convertidas, mano Pedro. E quem te diz a ti que ela quer entrar em convento?

— Pois então que vá pô-la na casa donda levou.

— Valha-te Deus! —exclamou frade João—Agora vejo que as minhas palavras te abalaram inversamente do que eu desejava! O que o teu filho pede é licença para casar.

— Não na dou í já disse! — bradou o fidalgo — E tu, João, pareces-me um homem sem juízo nem probidade.

— Merces, mano Pedro! — disse seraficamente o frade— Pois deixa em paz o homem sem juízo nem probidade.

Pedro de Vasconcelos voltou-lhe as costas, e saiu.

Sabido é, portanto, que não teve resposta a carta de Gaspar.

Quanto à de Joaquina Eduarda, a historia é mais breve. Sebastião leu as poucas linhas da sua irmã] chorou, dobrou a carta, e continuou a rezar o oficio da nossa Senhora nos versículos, que diziam:

Deus noster refugium et virtus: adjutor in tribulationibus, quce invenerunt nos nimis.

Propterea non timebimus de um turbabitur terra et transferentur montes in cor maris....(*)

Finda a reza, escreveu:

«Filha da minha santa mãe e do meu virtuoso pai! A misericórdia do Senhor se amerceie de ti.

Padre Sebastião.»

[(*)O nosso Deus é refugio e esforço: favorecedor nas tribulações, que com excesso nos tem assalteado. Por isso muito temeremos, ainda que seja comovida a terra, e os montes transferidos ao meio do mar.]

CAPÍTULO XVIII

Não se afligiu Gaspar com o já esperado silencio do pai; nem Joaquina Eduarda se comoveu grandemente das breves e compungentes palavras do irmão.

Reinava ainda o ouro e o contentamento.

Joaquina estava sendo uma nova maravilha na cidade que proverbialmente o é. Endeusavam-na homens e mulheres. Queriam-na nas suas tertúlias as principais famílias para quem o ignorado enlace dos dois prendados e gentis filhos de Portugal era honestíssimo. Gaspar esse então, por amor da leveza dos pés no minuete, andava nas palmas. Os calcanhares, tão fatais para Aquiles, eram nele dons para muitos amores e triunfos, se ele tivesse corações sobresselentes para regalo das requebradas sevilhanas.

Derivaram alguns meses, e o ouro ia escasseando, e Francisco da Cunha, a quem os meios faltavam para poder

abrigar das privações aquela descuidada gente, redobrou de instancias com o rapaz para abrandar o pai.

— Já tenho pensado nisso — disse Gaspar com sincera gravidade — Eu começo agora a ver a ladeira, e escondo de Joaquina estes pensamentos; mas ela adivinha-os, e começa a entristecer-se. O meu pai não me respondeu. Quem sabe se ele terá morrido? Vou escrever a meu tio frade João.

Apesar do propósito, Gaspar envergonhava-se de escrever ao tio, por causa daqueles mil e duzentos cruzados, que prometeu pagar, quando casasse com a prima Paulina. Aguilhoado, porém, pelos ditames da necessidade ameaçadora, escreveu.

Fr. João de Vasconcelos condoeu-se das, por ventura, encarecidas lastimas do sobrinho. Respondeu, referindo-lhe a prática e diligencias que fizera com o inflexível irmão. Acabava por lamentar o seu destino, e chorava-se por não ter mais dinheiro que umas vinte peças, que lhe mandava, prometendo martelar ainda no animo duro do pai.

Gaspar acreditou nas virtudes do tio João, e reforçou a gaveta esvaecida de calor mineral.

Escreveu outra carta ao pai. O benedictino, desta vez, não foi consultado. Pedro de Vasconcelos, ouvida a pitonissa da sua chamada honra, escreveu:

Receberei Gaspar na minha casa; mas solteiro. Prontifico-me a dar à criatura, que ele tem consigo, uma pensão anual que a sustente num recolhimento, enquanto a sua família a não sustentar. Ou isto, ou nada. Não respondo a mais carta nenhuma, contrária ao que levo dito. Braga, 20 de Janeiro de 1765. Pedro de Vasconcelos.

Gaspar desfez com os dentes esta carta. Joaquina apenas pode ler a palavra: recolhimento.» Pediu e implorou explicação daquele termo. Gaspar, muito suplicado, reproduziu o resumo da carta. Joaquina, sem leve trejeito de dor ou espanto, disse:

— Onde o teu pai escreveu recolhimento» deveria por sepultura» — local em que eu lhe seria muito menos dispendiosa.

Aceso em ira, o arrebatado rapaz replicou ao pai deste teor:

Gaspar, filho de Alaria Pereira, responde ao sedutor de Maria Pereira, que é menos vilão que o seu pai.

Sevilha 31 de Janeiro de 1765.

Ao ler estas linhas, Pedro de Vasconcelos sentiu nas fontes as garras da morte, e no seio as do remorso. De feito, Maria Pereira tinha sido seduzida, e a vingança da pobrezinha estava ali escrita naquele papel. Pesou-lhe na cabeça a clava de ferro que faz dobrar os joelhos. O velho caiu para orar; mas o demónio da ira amparou-o na queda, ergueu-o, e assoprou-lhe à alma incêndios de furor.

Corre alucinado de sala em sala; manda chamar o corregedor do crime, e pergunta-lhe se pode fazer prender o filho em Sevilha. O magistrado cita-lhe os tratados negativos, e ministra-lhe boas doutrinas. Exaspera-se o velho, ruge, tarda-lhe a língua, lesa-se-lhe o braço que vai levantar amaldiçoando o filho, e cai abatido pelo primeiro insulto apoplético. É chamada a medicina, e logo a religião, representada pelo benedictino. Ceda enfermidade, aquietasse o espirito, e passados quinze dias, Pedro de Vasconcelos levanta-se convalescente.

— Fr. João vira a carta do sobrinho. Escreveu-lhe muito de espaço; a ultima linha dizia: cada vez te considero mais perdido, meu desgraçado Gaspar!» Vão correndo os dias.

Entrou a tristeza as portas da casinha em que, quinze meses antes, os arrobados amantes pensavam que se alojara com eles a eterna alegria. Surpreendiam-se num olharem-se mutuamente com lagrimas. Abraçavam-se, infundiam-se animo, fantasiavam esperanças vindas de acasos, acasos vindos de Deus, de um Deus benigno que eles imaginavam amparador de duas pessoas boas e infelizes que se amam.

Já as noitadas por salas os entediavam, e com pretextos fugiam delas.

Francisco da Cunha adivinhava a mágoa que os nobres peitos calavam. E confrangia-se de compaixão, porque estava pobre, e de Portugal, onde ele solicitava a liberdade dos bens e prova da sua inocência, não recebia alguma nova que o habilitasse a dizer àqueles infelizes: Vinde para a minha casa.» E os dias iam correndo, e as migalhas daqueles três mil e duzentos cruzados já não abonavam a sustentação de um mês.

Gaspar abraçou-se no fidalgo da Beira, e disse-lhe sufocado de soluços:

— Diga-me em que hei de ganhar dinheiro?

— Na pátria diria: aqui, não sei. Pergunta é essa que eu tenho feito a mim mesmo, algumas vezes, quando as minhas filhas estão remendando a minha roupa branca, e lavando à noite os vestidinhos com que aparecem no dia seguinte.

— Mato-me! — exclamou de golpe Gaspar.

— Miséria! — redarguiu Francisco da Cunha — Seja homem, senhor! Espere... Eu vou escrever ao seu pai.

— Não lhe responderá — disse o rapaz.

— E eu não me ofenderei. Nada se perde, e podemos ganhar.

— Eu não aceito a proposta vilã de fechar num recolhimento Joaquina, quando ele a repita.

— Pôde ser que venha outra mais aceitável. Espere. O Sr. Gaspar está em extremo apuro?

— Não, senhor. Ainda não temo a fome alguns meses. Joaquina já fechou o piano e quer vende-lo. Arrancou do

pescoço e orelhas o ouro, e quer vende-lo. Eu vendo tudo para ampara-la... Vendo-me a mim!

— Que desesperação a sua!.— atalhou o expatriado — Bem se vê, amigo, que está pouco apalpado pela desgraça. Não sabe ainda o que ê a perspetiva duma forca, e depois o desterro com esposa e três filhas criadas na suprema abundancia, e de repente lançadas na pobreza!.. Alente-se, Gaspar!

E o mais é que o rapaz entrou na sua casa animado.

Quando chegou à sala, viu um homem ao lado de Joaquina Eduarda, contando duzentos duros. Era o comprador do pianoforte, que o tinha vendido por quatrocentos.

O comprador saiu, e Gaspar murmurou com o peito varado de angustia:

— Vai-se o teu piano?

— Que tem isso, Gaspar? Ouvirás a minha voz desacompanhada de musica. E hás de gostar dela ainda assim. Ora escuta... E, a sorrir, cantou uma copla da seguidilha dileta, cuja toada inventara nos dias felizes:

De cien mil modos echizas,

Hables cales, cantes, mires,

Ó te acerques, ò retires,

El fuego de amor atizas.

E, estreitando-o muito ao seio, exclamou:

— Tu choras, fraco?

CAPÍTULO XIX

O amor dá-se mal nas casas ameaçadas de pobreza. É como os ratos que presentem as minas dos pardieiros em que moram, e retiram-se. A comparação é por de mais plebeia em matérias tão afidalgadas como são estas do coração; todavia, imolemos a polidez à verdade.

O amor é de condição muito desprendida dumas baixezas que nós rasamente chamamos almoço, jantar, ceia, aconchego, comodidades, e guarda-roupa abundante. Assim que ele dá tento de que o seu vizinho, chamado espirito, pensa distraindo naquelas coisas vulgares, começa a enfastiar-se, a franzir o sobrolho, a estorcer-se, a ver por onde há de fugir. O amor quer o monopólio das faculdades da alma. Se o intelecto o desdenha para se exercitar era estudos graves, o caprichoso arrufa-se, e vinga-se dos sábios fugindo para os corações dos tolos, que, tal qual vez, se senhoreiam dos espíritos das mulheres dos sábios, desastre de que o sapientíssimo Marco Aurélio se queixava

numa carta à sua muito desonesta mulher Faustina. Cito um imperador para consolação da gente má, ignorante dos eminentes camaradas de infortúnio, que a historia lhe oferece.

Quando este despeito se dá com as inteligências absorvidas pela paixão do saber, que fará com os ânimos preocupados do prosaísmo da receita e despesa?

Está este lameiral chamado terra infamado de misérias que fazem chorar. Mulheres sem honra nem pão; criancinhas sem mãe nem cama; homens sem coração nem remorsos; Lages salpicadas de sangue de desesperados que se matam; bancas de anfiteatros cobertas de cabeças separadas dos troncos; hospitais que sorvem podridão e revessam Cadáveres. A gente vê isto, e passa. Não se inquirem causas. A filosofia viu tudo, e disse: «corrupção congenial da humanidade.» A religião viu, e disse: «Caridade e misericórdia.» Os poetas viram e disseram: «Manon Lecaut, Cláudio Gueux, Margarida Gauthier.» A filantropia viu e disse:« Não façamos nada a favor dos que pendem à miséria, mas dê-se-lhes asilos e pão, depois que tombarem no abismo.» Filósofos, religiosos, filantropos e

poetas param em volta dos monturos sociais a contemplarem as fezes. E, porque o aspeto da desgraça tem tal qual magnitude, embora repulsiva, os contempladores não esquadrinham de tamanhos efeitos uma causa, ao dizer, insignificante. Pois eu encaro em tudo isto, e lembra-me o que pensava Francisco da Cunha Noronha e Távora, observando a sombra triste de Gaspar e as cores quebradas de Joaquina Eduarda: «É o amor que vai fugindo à vanguarda da pobreza.» Estes pedaços esfacelados da humanidade, estas mulheres que se laceram e não choram, estas criancinhas acamadas na rua que acalentam a fome ao rugido noturno das carruagens que rodam, tudo isto que está a pedir uma providencia melhor, são as ruinas dumas galerias luxuosas donde o amor fugiu, quando a miséria assalteou os vestíbulos. Tudo isto é uma agonia horrendíssima de corações que amaram, de filhinhos que não acharam leite em seios onde os corações tinham morrido na garra do desespero. Oh! que escarnio seria a dadiva do viver, se não viesse com a certeza da morte!

As caricias que Joaquina recebia do seu amado algoz eram já aquecidas pela memória da paixão extinta. E não se iludia ela. Quem pode enganar a mulher que começa a desconfiar da felicidade no amor? Joaquina Eduarda de si mesma se espantava, sentindo-se transportada pela tristeza aos braços de uma saudade que a levava aos loureirais do paçal do seu irmão, ás florestas solitárias e rumorosas das margens do Cavado! Tinha dor e pejo deste sentir. Calava-o, sufocava-o, e tão depressa olhava em fito os olhos tristes de Gaspar, que assim aquela amada e maldita saudade lhe tirava do peito anciãs sem desafogo.

E passaram dois arrastados meses nesta mútua e aflitiva contemplação, raras horas cortadas de intermitentes alegrias, emprestadas pela esperança do bom sucesso da carta que Francisco da Cunha escrevera a Pedro de Vasconcelos.

O fidalgo bracarense, prestando homenagem aos heráldicos apelidos que assinavam a carta, respondeu. Após breves linhas, em que historiava o procedimento ingrato e ignóbil do filho, trasladava o bilhete petulante com que ele respondera à proposta. Depois, acrescentara: Diga-me V.

Exa. que homem de bem consentiria que outro homem de bem lhe pedisse por tal filho?» Francisco da Cunha ocultara esta resposta de Gaspar, e replicou em mais pungitiva suplica.

Pedro de Vasconcelos não respondeu; mas o frade de Tibães, conhecedor desta correspondência, enviou ao sobrinho vinte peças, havidas de empréstimo do dom abade, e escreveu-lhe:

Não contes com o teu pai, nem se canse o honrado Cunha. A tua prima vai casar. Os vínculos dos Vasconcelos vão para o teu primo Lopo de Vilar de Frades. O teu pai reserva os bens livres, e falia em recolher-se a Tibães, depois das escrituras nupciais. Ontem me disse ele: Se esse desgraçado voltar aqui um dia, e eu tiver falecido, deixarei a no teu poder dinheiro com que ele possa dotar-se e professar ri um convento. Ao menos que vá para onde resgate a alma das penas eternas. Que hei de eu fazer-te, infeliz? Já me lembrou ir falar com o irmão dessa senhora; mas disseram-me que ele saíra da reitoria, e se recolhera ao convento de S. Domingos, com o propósito de vestir o habito. Vê tu, Gaspar, quantas mudanças, quantas

infelicidades, procedidas duma cegueira, que a desgraça te arranca dos olhos agora com ferro em brasa. Se essa menina quisesse voltar para o convento de Santa Clara, eu iria ao Porto intender-me com a virtuosa tia, e moveria neste negocio o bispo D. António de Sousa, que foi da minha criação neste mosteiro. Quererás tu leva-la a essa grande prova de juízo, e compaixão pela sorte de ambos? Responde-me...

Joaquina Eduarda viu a carta, e disse:

— Porque me mostras esta carta, Gaspar?. Queres que eu faça a vontade ao teu tio?

— Não — respondeu o rapaz, com menos intimativa do que esperava Joaquina.

— Esse não dos lábios — acudiu ela — é um sim do coração?!.

— Que suspeita essa tão injusta!— balbuciou Gaspar.

— Que grande desgraçada eu sou! — exclamou Joaquina soluçando nas palmas das mãos, com que tapava o rosto.

O rapaz abraçou-a com estremecida piedade, e não proferiu mínima palavra consoladora.

— Diz ao teu tio que não quero entrar no convento! — exclamou ela de súbito, desatando-se-lhe dos braços.

— Direi...; mas porque te afliges assim? que culpa tenho eu desta proposta do meu tio?

— Nem eu te culpo! — disse ela muito quebrada e quase desfalecida — És também muito desgraçado, meu pobre Gaspar!.. Sei avaliar as tormentas que vão na tua alma...

A chegada de Francisco da Cunha interrompeu este coloquio dilacerante. Joaquina levantou-se, e entrou no seu quarto. Chorou, enquanto a febre lhe não queimou os olhos. Quando Gaspar a procurou na alcova, e a quis tirar à sala onde o fidalgo desejava vê-la, Joaquina Eduarda já não podia segurar-se em pé. A febre aturdia-lhe a cabeça e abrasava-lhe as faces.

CAPÍTULO XX

Se Gaspar necessitasse duma alma consoladora, e pudesse com ela suavizar as raladoras consumições, Joaquina Eduarda não era certamente dotada da índole branda e paciente que santifica os anjos da bonança à beira das almas atormentadas. Sobejavam-lhe a ela dores, saudades, remorsos, e pressentimentos terríveis: carecia de paz e coragem para ser ameigadora de sofrimentos alheios. Logo que o homem, em cujos ombros a débil criatura se amparava, desfaleceu, é natural que Joaquina sucumbisse com ele. Se Gaspar, fingidamente ao menos, sustentasse exteriores animados, ela, como todas as mulheres, faria milagres de força e conformidade. Na posição de Joaquina Eduarda, nenhuma mulher seria mais animosa, entrevendo já o abandono, a miséria, ou a esmola recebida, num convento, de mão inimiga, que assim lhe pagava a desonra e o silencio.

Iniquamente Gaspar intendia que a pobre menina devia ser menos egoísta do seu bem-estar, e condoer-se de quem por amor dela sacrificara tanto. O desvairado rapaz não via ali naquele leito a mulher que tantos maridos ilustres desviara com o seu desdém para guardar-lhe para ele, e incondicionalmente, um coração com todas as fibras intactas; não via ali a esconder o rosto em lagrimas na dobra da coberta aquela mulher que parecia a divinização da beleza, e o galardão dos olhos que a fitavam, e por bem pagos se davam de que ela se deixasse contemplar. Não. O que ele via era a mulher que o fascinara e perdera. E — oh baixíssima vileza da alma do homem! — já ele se espantava da sua fascinação e da cegueira com que se deixara perder!

E mais ainda. O desgraçado lembrava-se da sua prima Paulina. Ama-la não podia; mas ouvia uma estúpida voz interior a dizer-lhe que devia conformar-se à vontade do pai, e aceitar uma esposa, que lhe não seria jamais na vida empeço aos gozos da mocidade.

E, no entanto, Joaquina, enleada também nos seus pensamentos, recordava-se da infância, das caricias maternais, das barbas brancas do seu pai, do cadáver que

lhe tiraram dos braços, da ternura do irmão, dos silêncios daquela aldeia que ela, noite alta, quebrava com as melodias da sua voz.

E, ao cair destes sonhos onde levantava a saudade, via-se num leito em alcova triste, e aos pés desse leito via ura homem com a fronte escondida entre as mãos.

— Gaspar!— dizia ela maviosamente.

— Que é, menina?

— Tens saudades do passado?

— E tu?.

— Tenho. Pois não hei de ter?.. Quando éramos ambos felizes... E mais tu pensavas que o não eras... Dizias-me que o inferno se te abrisse aos pés, se eu me desencontrasse do teu caminho... E que mal fizemos, meu amigo... Tanta gente a querer salvar-nos...

— Como o arrependimento te punge!.. atalhou magoado o rapaz.

— E a ti, não, Gaspar?. Que silencio!. Então porque te ofendes?!

— Tu não compreendes a minha vida, Joaquina?! — perguntou ele de sobressalto e num tom de repreensão.

— Compreendo, compreendo, Gaspar... Não te irrites.

— Parece que me queres fazer responsável das más entranhas do meu pai!.

— Eu não...

— Vês que as minhas tristezas, meu suplicio incessante, é a falta de meios... e acusas-me porque eu não sei como se pode viver sem recursos...

— O que eu sei é que se pode morrer sem eles — disse Joaquina serenamente, abrindo um sorriso de sincera resignação.

— Oral., que resposta!. —resmungou ele acremente.

Joaquina suspirou, e expediu um ai mal abafado com a roupa que puxou para o rosto.

Condoeu-se penetrantemente Gaspar: acurvou-se sobre o leito, e beijou-lhe os olhos, proferindo suplicas de perdão com as mais veementes expressões da alma que se confessa desonrada e desprezível.

Joaquina sorriu-lhe cariciosamente, e murmurou:

— Não te aflijas com o futuro que eu morro cedo. Depois irás para o teu pai, e ele te restituirá o amor e os bens. Espera mais algum tempo, que eu tenho a alma da minha mãe empenhada no meu resgate e no teu.

— E desejas morrer, Joaquina? — exclamou ele com imensa dor.

— Desejo morrer, antes que me mates o coração. Quero morrer a amar-te... e presságio que, se viver alguns meses, acabarei odiando-te.

— Porque?

— Porque me hás de abandonar, e hás de faze-lo sem motivo que te absolva. Dantes me dizias que te não fazia medo o infortúnio; desafiavas a desgraça a experimentar a tua dedicação. Tinhas valor, quando ele era desnecessário. Hoje, nem queres ver se podemos descer devagar ao fundo do abismo... aterras-te e precipitas-me contigo.

— Pois que hei de eu fazer?! Diz-me o que hei de eu fazer, Joaquina? — clamava ele com as mãos postas.

— Não sei... não sei..— murmurou ela ansiadíssima — Quem me dera morrer, meu Deus!

— Uma ideia feliz! — exclamou Gaspar de Vasconcelos com veemente vivacidade — Uma inspiração!. Nós podemos viver trabalhando; mas havemos de sair de Sevilha. Aqui, onde representamos e convivemos com as primeiras famílias, não faremos rir o mundo com a mudança de vida; mas iremos para outra cidade. Eu ensinarei dança, e tu piano e canto. Lutemos, Joaquina; sejamos nobres aos olhos um do outro, com tanto que a sociedade ignore os nossos apelidos. Tens coragem?

— Tenho! — disse ela com transporte—Reanima-te, meu amor, que a tua enfermidade é o único impedimento que nos atalha.

— Eu estou boa daqui a horas. Olha... não te parece que estou mais febril?! E terás tu valor para prova tão cruel, Gaspar? Poderás sofrer os dissabores da dependência... tu!.. afeito ás pompas, à representação, à liberdade!..

— Tenho. Vou dar esta boa nova ao nosso amigo Cunha. Deixo-te menos infeliz?.

— Deixas-me alegre, meu Gaspar!. Vejo que és um homem d’alma!.

Francisco da Cunha escutou o plano, que o entusiasta expendia com júbilos de bom coração. Sorriu-se e disse:

— É mais um elo que a desgraça está forjando para a cadeia de duas nobres vitimas. Não se iludam, pobres rapazes; não se iludam. A Sra. D. Joaquina Eduarda ao quarto serviço que fizesse no solar dalguma soberba espanhola, e ao quarto menospreço que lhe fizessem os lacaios das educandas, preferia morrer. E o Sr.? Pelo amor de Deus!, o homem que escreveu ao seu pai um bilhete, cujo traslado eu vi, poderá tolerar que o pajem dalgum degenerado neto de Gonçalo de Córdova lhe venha dizer que espere no pátio enquanto o aprendiz de dança não acorda?! Não se enganem, os meus desditosos amigos!.

Gaspar não replicou. Voltou com alma espedaçada ao leito de Joaquina Eduarda, e disse-lhe:

Francisco da Cunha despersuadiu-me. Pensemos noutro expediente.

CAPÍTULO XXI

Nenhum expediente de servir premiou a laboriosa imaginação de Gaspar de Vasconcelos. Todavia, Francisco da Cunha, que não pensava menos que o seu deplorável amigo, saiu com o seguinte alvitre, comunicado a Gaspar, a ocultas de Joaquina Eduarda.

— É bom, dizia o fidalgo, que ela o ignore enquanto o meu amigo se não resolve a pratica-lo. Cumpre-lhe, no extremo em que está, romper por um acto extremo, Sr. Gaspar. O seu pai está muito ofendido: Vossa Senhoria justificou a severidade dele, ultrajando-o; e desarmou as pessoas que lhe quisessem agora irrogar a ele demasia de severidade. Benefícios de medianeiros é loucura espera-los. Terceiras pessoas não vingam obra proveitosa neste caso.

Resta um recurso: é ir o Sr. Gaspar lançar-se aos pés do seu pai.

— Por motivos insignificantes, disse o rapaz, me quebrou ele nos braços uma bengala.

— E depois abraçou-o, e presou-o com mais ternura. Que tem que ele lhe quebre outra bengala nos braços, com a condição do remir desta má posição?

— E que espera V. Exa. do meu pai?

— Que o deixe esposar esta menina, e os acolha na sua companhia.

— Não viu que ele deu a casa para um sobrinho, e vai recolher-se a Tibães, e reserva o preço do meu cativeiro num convento?

— Esses desígnios vai o meu amigo destruir com a sua presença.

— Respeito o seu alvitre; mas espero dele mais um lance miserável da minha infernal vida.

— Se eu tivesse alguma confiança no seu juízo, replicou o velho, desistia do meu projeto; porém, como não tenho nenhuma, insisto em que o tente.

— Cumprirei, se Joaquina o não contrariar.

— A minha mulher é que se encarrega do propor à Sra. D. Joaquina Eduarda. A menina vem ser da minha família, enquanto o Sr. Gaspar estiver ausente. Nós a distrairemos com as esperanças que já se me antolham realizadas prosperamente. Além de que, na hipótese de que o Sr. Pedro de Vasconcelos é rebelde às suas suplicas, Vossa Senhoria Lança mão de um recurso desprezado. Comove o seu ótimo tio frade João a que lhe dê ou lhe empreste recursos para concluir o seu curso jurídico. Assim que o meu amigo obtiver o grão, já pode ganhar pão mais ou menos abundante na pátria. Se eu alguma hora lá tornar, e readquirir os amigos que tive, conte com a minha proteção para entrar na carreira da magistratura. Não se lhe aclaram mais bonançosos os horizontes do futuro? Diga lá.

— O meu pai perseguir-me-á enquanto eu não abandonar esta pobre menina.

— Não ouso aconselha-lo a que minta ao seu pai — disse pausada e reflexivamente Francisco da Cunha — senão dir-lhe-ia que a Sra. D. Joaquina Eduarda teria um talher entre os das minhas filhas enquanto Vossa Senhoria carecesse de meios para sustenta-la independente do seu pai.

— Beijo-lhe as mãos, meu honrado amigo — exclamou Gaspar, abraçando-o com a efusão do reconhecimento.

— Vai a Braga, não vai? — atalhou animosamente o fidalgo.

— Se Joaquina consentir...

A esposa de Francisco da Cunha passou a manhã do dia imediato com a enferma. Empregou habilmente rodeios que modificassem a impressão da surpresa. Joaquina ouviu-a primeiro com sobressalto, depois com uma serenidade mais dorida que a inquietação. Escutou as ultimas expressões, e disse:

— Ele vai; mas não volta aqui.

— Jesus! que ideia! — exclamou a dama — A senhora tem receios muito injustos deste cavalheiro!

— Não é dele que eu receio... é da fatalidade do meu destino. Mas que vá, que me diga, sem temor de magoar-me, que vai.

Entrou ao quarto depois Gaspar de Vasconcelos, com os olhos húmidos. Joaquina acercou-o de si, e disse-lhe:

— Vais fazer um enorme sacrifício: pões debaixo dos pés do teu pai o nosso pobre orgulho. Não importa. Se tens força, eu a terei para sofrer na minha alma as dores humilhantes da tua. Eu queria dizer-te que por amor de mim não te aviltasses até haveres pejo da tua queda; mas temo magoar-te, Gaspar... temo, senão dizia-te: se a tua felicidade está em me abandonares, abandona-me; obedece ao teu pai.» — Vê que me apunhalas o coração! — interrompeu Gaspar, beijando-lhe as mãos.

— Então perdoa-me. Vai, e cumpre o que a tua alma te mandar... Mas eu fico doente, meu querido amigo; fico doente, e muito só neste mundo... Tomarei eu a ver-te, Gaspar?. Terei eu morrido, quando voltares?!.

E, sentando-se na cama, rompeu num chorar que lhe cortava os fios da vida.

E o consternado rapaz de joelhos sobre o leito, com a face dela estreitada ao seio, articulava umas vozes que os soluços entrecortavam.

O primeiro homem e a primeira mulher, que sofreram aquelas angustias, que perguntas fariam ao criador?

Provavelmente estas, que são de um santo:

Porque não morri eu dentro do ventre da minha mãe?

Porque não pereci tanto que sai dele?

Porque foi concedida luz ao miserável, e vida aos que estão em amargura de animo?

Por acaso tens tu olhos de carne?

Ou vês tu as coisas como os homens?

CAPÍTULO XXII

Chegou à portaria do convento de Tibães Gaspar de Vasconcelos, e perguntou por frade João. O frade da portaria reconheceu-o, e disse-lhe:

— Seja bem vindo o filho prodigo.

— Queira a vossa reverendíssima chamar...

— O seu tio ou o seu pai?

— O meu pai está aqui?! — exclamou Gaspar.

— Há seis dias entrou para aliviar aos pés da cruz o fardo das angustias... Deus perdoe a quem lhe encheu a medida do sofrimento... Qual deles avisarei?

— O meu tio, se me faz o favor.

— Pois espere que vai abrir-se.

Saiu o frade, e Gaspar entrou no pátio interior da portaria.

Passados minutos, desceu frade João. Gaspar abraçou-se-lhe nos joelhos, sem desatar palavra dos lábios convulsos. O frade alevantou-o, e levou-o consigo para a sua cela, silencioso como as imagens dos santos que pendiam em painéis nas paredes dos longos dormitórios.

Entrados à cela, disse frade João:

— Já sabes que o teu pai está aqui. As escrituras fizeram-se há nove dias para o casamento da tua prima. Quando, porém, avisaram Paulina de que estava marcado o dia das bênçãos, ela respondeu que não casava. O teu pai cobrou disto grandíssimo desgosto, e para logo mandou preparar aqui a sua aposentadoria para o restante da vida. Encontras, pois, o pobre velho no acume das aflições, que lhe preparaste. Agora diz-me tu se lhe trazes alguma nova dor. Queres falar-lhe? Ele ignora que estás aqui.

— E falia de mim? — perguntou Gaspar.

— Pouco e terrivelmente. Chama-te o azorrague da Providencia divina, o abutre que ele criou no coração para lho dilacerares febra a febra. Vê, pois,, nestas circunstancias, o que vens dizer a este moribundo.

— Venho pedir-lhe perdão — balbuciou Gaspar, trespassado do terror que as expressões e gestos do venerando monge incutiam..

— E depois?. Tu não vinhas aqui simplesmente pedir perdão ao teu pai. Vens pedir-lhe recursos? Falia verdade, que a deves à amizade do teu tio.

— Sim, meu santo protetor, eu venho pedir a meu pai perdão, recursos, e misericórdia, porque a fome já bateu à minha porta.

— Que fizeste à irmã de Sebastião Godim?

— Está em Sevilha.

— Recolhida?

— Em casa de Francisco da Cunha, daquele nobre sujeito que escreveu a meu pai.

— Vens, por tanto, pedir recursos para voltar a Sevilha?

— Que hei de eu fazer àquela desditosa senhora, meu tio?

— Não mo perguntes, desgraçado. O que te eu direi é que não queiras ver o teu pai, se lhe não podes dar uma

nova consoladora.

— Mas eu quero vê-lo, embora seja expulso da sua presença — exclamou Gaspar.

— Verás... Mas não sei se o previna, se o surpreenda. Espera aqui: eu vou ao quarto do teu pai.

Voltou, pouco depois, frade João, e disse:

— Dorme.

— Poderei vê-lo? — acudiu Gaspar.

— Podes, e até quero que ele, ao despertar, te veja.

Entraram pé ante pé na cela.

O velho dormia encostado a travesseiras altas sossegadamente com os braços cruzados. Uma das mãos segurava umas folhas de papel manuscrito. Gaspar avizinhou-se subtilmente, e reconheceu a carta suplicante, a primeira que lhe escrevera de Sevilha.

Foi-lhe de bom agouro este encontro.

Contemplou as cavadas feições do pai, que, em dois anos, tinham precocemente envelhecido. As alvíssimas barbas

cobriam-lhe o peito. As costas das mãos descarnadas, com os tendões encorreados sobre os ossos, eram cadavéricas. As lagrimas derivavam a quatro nas faces do filho. E a consciência dizia-lhe: O que tu fizeste do teu pai, e daquela mulher feliz e pura, e do irmão virtuoso e extremoso daquela mulher... e o que fizeste de ti, algoz de quatro existências!» Descerrou Pedro de Vasconcelos os olhos: encarou Gaspar; estremeceu; espancou da fronte a visão daquele sonho; seguiu os menores gestos do irmão e do filho; viu este que ajoelhava, e o outro que estendia o braço e abria a mão sobre a cabeça do sobrinho.

— Que é?. que vejo eu?. —exclamou Pedro# sentando-se de salto na borda do leito.

— É o nosso Gaspar disse com alegre sombra frade João.

E Gaspar, aproximando-se do pai, ia a tomar-lhe a mão. O velho saltou ao pavimento, desviou-se, e recuou ao filho que o perseguia de joelhos.

— Alto ai! — bradou o velho, alongando contra ele os braços— Que quer este monstro? que vem aqui fazer este

parricida? — Prosseguiu Pedro, interrogando frade João, e outros frades que tinham entrado, atraídos pelos brados.

— Pedro! — disse o benedictino — Jesus Cristo não repulsava assim os pecadores...

— Sr. Vasconcelos, pois que é isto? — Perguntava um dos monges, postando-se à direita do rapaz ajoelhado.

Outro monge pegou da mão do velho, e disse:

— Esta mão não fere, abençoa: na casa do Senhor as tempestades da ira são sacrilégios.

— Deixem-me por caridade! — exclamou o fidalgo — João, pela boa sorte da tua alma te peço que me não percas a minha... Leva-me daqui esta infernal tentação. Eu não posso perdoar ao filho que me chamou arvore infame. Fora dos meus olhos!

Fr. João tomou do braço do sobrinho, empuxou-o a si, e disse-lhe: vem.» E, no dormitório, continuou:

— Isto esperava eu; mas era inevitável a explosão; agora esperaremos outro lanço.

Entraram na cela. Gaspar sentia na sua alma o brigar de dois sentimentos avessos: compaixão do seu alucinado pai, e cólera de se ver tão rancorosamente expulso. Excruciava-o já o arrependimento de sair de Sevilha. Ali, naquele horrente silencio do mosteiro, e tristeza do cubículo em que o tio o deixou, é que as saudades de Joaquina Eduarda lhe alanceavam o coração. Figurava-se-lhe mudada para imprevisto inferno a sua vida, e já acorrentado ao poste de um cárcere. Temia-se de algum tirano procedimento do pai, fazendo-o lançar em ferros. Ao par destes sobressaltos, lampejava-lhe perante os olhos a imagem de Joaquina, enferma, atribulada, e carecida da comiseração da família que lhe dera abrigo.

Neste trance de incomportável angustia, entrou frade João de Vasconcelos, dizendo:

— Lá deixei o dom abade com o teu pai. É um santo varão que tem instinto do céu nas palavras que diz. Entretanto, conversemos, Gaspar. Ainda não percebi bem o teu intento nesta vinda. Tu que queres, filho? Pensas em te reconciliar com o teu pai?

— Pois decerto... se eu o conseguisse...

— Mas... essa senhora... que parte ainda tem ou terá na tua vida? Fala-me verdade como a Deus: estás solteiro?

— Como a Deus, lhe juro que estou.

— E pensas em casar com ela?

— Se o pai mo consentir...

— Ora ai está! Justo seria que o consentisse; mas não fales em tal... Se o teu pai te dissesse: recolhe-te à minha casa de Braga; estás perdoado » que farias tu?

— Que faria eu?, que faria?— repetiu Gaspar sem poder estremar resposta das confusas ideias.

— Sim: pergunto — insistiu o frade — se voltarias para Espanha, ou chamarias a tua desgraçada companheira para Portugal.

— Pois que poderia eu fazer senão uma dessas coisas? — perguntou o rapaz aflitivamente.

— Em tal caso, a reconciliação seria de má fé por tua parte, e o ódio depois recrudesceria. Dou-te um conselho, infeliz rapaz: vai-te nas boas horas: não caves mais na sepultura do teu pai.

— Mas eu careço de subsistência! — bradou Gaspar com a ousadia que dão as torturas — Tenho fome, tenho direito a pedir a este homem, que me deu o nacimento, que não me deixe morrer de fome e vergonha.

— Falia menos rijo, sobrinho — atalhou brandamente o frade — Tu és réu, e assumes catadura de juiz. Humildade, humildade, senão está tudo entornado. Continuemos a conversar placidamente: senta-te, e não chores. Guarda as lagrimas para melhor azo. Ora, diz-me: essa senhora não está fatigada de ser infeliz? A Providencia ainda lhe não abalaria o animo para desandar deste mau caminho em que de mãos dadas vocês se lançaram? Nunca te mostrou desejo de recolher-se num convento com a sua subsistência segura, como tantas damas ilustres hão feito, como o fez no nossos dias aquela Sra. D. Mariana de Sousa, que houve dois filhos do infante D. Francisco , e morreu nas ruinas da sua cela de Sant'Ana de Lisboa, quando foi do terramoto?

— Eu não sou o infante D. Francisco , meu tio — contrariou Gaspar — Sou um homem igual em nacimento a D. Joaquina Eduarda Cazado Godim, e valho menos do que ela, porque não tenho apelido de mãe...

— Eu não estou debatendo genealogias, rapaz — retorquiu frade João com apostólica serenidade — O sabido é que não desistes de casar com ela...

— É um dever, um preceito de Deus.

— É. E mais te digo, filho, que se eu pudesse remediar as tuas necessidades, dizia-te: casa com a senhora a quem deves reparação.» Mas tu que já sabes a minha pobreza fradesca, e por ventura saberás que devo o pouco com que te remediei as mais urgentes faltas, não é para mim que vens, é para o teu pai. Em verdade te digo que não sei artes nem eloquência com que possamos trazê-lo da braveza, em que o viste, aos teus interesses, e desejos, aliás louváveis. Farei sentir ao prelado o teu intento; ele que se empenhe em tira-lo a limpo, que eu de mim não sei nem valho para tanto. Volto ao teu pai, e depois aqui. Olha lá: queres tu jantar, homem?

— Não me fale em comer, meu tio.

— Tu comerás, filho. O estomago é déspota entranha que protesta contra as paixões das outras.

CAPÍTULO XXIII

— O dom abade ordenou que fosses agasalhado na hospedaria do convento—disse frade João, quando voltou — O prelado quer que vás à sua casa. Vem comigo.

— Já sei o que vou ouvir, meu tio — observou Gaspar — Venham todas as angustias! Vamos.

— Ouvirás, e farás o que intenderes. À ordem não é dominicana. Espero que te não ponham no potro da tortura..— redarguiu frade João sorrindo, sem decompor a gravidade do aspeito.

Acolhido benignamente pelo dom abade, que o conhecia desde menino, Gaspar, beijando-lhe a mão, disse:

— Espero que V. reverendíssima não esteja do lado dos meus inimigos.

— Quem são os teus inimigos, pateta? Anda para aqui, senta-te ai, e conversa comigo enquanto frade João vai para

junto do teu pai. Vamos a saber: a desgraça apalpou-te deveras, não é verdade?

— Sou muito infeliz...

— Pois então basta do ser. Entendes tu que a tua felicidade está em casar com a mulher que seduziste ou te seduziu? Responde.

— Devo fazê-lo...

— E queres fazê-lo?

— Certamente.

— Pois então eu me responsabilizo pela inteira indiferença do teu pai neste casamento. Casa quando quiseres. Eu mesmo faço saber ao sereníssimo D. Gaspar que o teu pai não impede, nem quer saber que impedimentos possam existir. Se vieste ao conseguimento disto, "venceste a demanda.

— Mas, Sr. D. Teotónio..— balbuciou Gaspar.

— Que é, menino?

— Eu sou pobre como V. reverendíssima sabe...

— E então?

— Esperava que o meu pai se condoesse desta situação, e me desse as migalhas que lhe sobejam.

— São, por tanto, duas as pretensões com que vieste: licença para casar, e dinheiro para subsistir. É isto?

— Sim, senhor.

— O segundo requerimento é indeferido. O teu pai não te dá nada.

— Positivamente?

— Positivamente nada.

— Bem! — disse Gaspar erguendo-se de golpe — Não tenho que fazer aqui. Desejava despedi-me do meu tio, e retirar-me.

— Senta-te.

Gaspar hesitou: o dom abade puxou-o pelo braço, e sentou-o.

— O teu pai não pode viver muito — continuou o prelado — Engana-o, que eu absolvo-te, homem. Diz-lhe que

esqueceste essa criatura, contemporiza enquanto ele vive; e, falecido o teu pai, casa, porque terás grandes haveres, com que premiar a dedicação e o sacrifício da senhora. Sacrifício digo, porque é mister que ela, no entanto, esteja recolhida em convento. Se lhe faltam meios, tê-los-ás abundantes que lhe dês. Entras na administração dos bens do teu pai; sobejar-te-ão recursos com que a tenhas mimosa em convento de primeira ordem. Que me dizes?

— Mentirei a meu pai — respondeu sem espaçar meditações.

— É a mentira louvável, donde promanam três boas ações: restauras a tal qual alegria do teu progenitor; sanas a chaga do remorso que te deve lavrar nas entranhas; e, dando desde já posição honesta à senhora que amas, asseguras-lhe um porvir honrado, considerado, e abundante dos bens da fortuna. Estás, pois, resolvido?

— Estou, Sr. D. Teotónio; mas necessito que a vontade da minha pobre amiga se não revolte contra este alvitre.

— Se se revoltar, não te ama: quer perder-se e perder-te.

— Não é assim, perdoe-me reverendíssima.

— É assim, perdoe-me a vossa toleima. E, se te quer perder, tem tu dignidade que te salve. Escreve-lhe. Disse-me o teu tio frade João que está muito na vossa intimidade um honrado e sisudo fidalgo. Dá-lhe procuração para que ele corra lá com as despesas do raciocínio se for necessário convence-la em juízo de que o não tem.

— Respeite o infortúnio, senhor! — clamou com fidalga altivez o rapaz — as suas palavras são facetas de mais quando se trata de uma mulher para cuja morte eu estou conjurando.

— A isso não respondo — redarguiu severamente o dom abade.

— Mas perdoa.— disse brandamente Gaspar.

— Perdoo. Se eu pudesse rir-me dos infelizes, não saia da minha casa a negociar estas transações que destoam do meu oficio.

— O oficio dos virtuosos é baixarem a todos os abismos donde saem gemidos — disse Gaspar, abraçando-o.

— Amanhã espero conseguir que o teu pai te receba. Gaspar, fita-me bem!. Olha que eu vou mentir àquele ancião. Faz que Deus me não puna o crime, pondo tu a virtude nos efeitos dele... Vai para a cela de frade João. Escreve, Tens o teu quarto na hospedaria. Até amanhã.

Gaspar escreveu até noite alta.

CAPÍTULO XXIV

Na vinda para Portugal, o saudoso viandante escrevera de todas as paragens a Joaquina Eduarda e a Francisco da Cunha.

Sem embargo da veemência amorosa das frases, Joaquina, de cada carta que lia, murmurava sempre:

— Ele não volta cá.

O fidalgo beirão argumentava com as rasões tiradas do contexto mesmo das cartas.

— Não volta cá! — recalcitrava a pobrezinha, com os olhos de vidente cravados numa visão hórrida que lhe vazava na alma as fases da desesperança, esta quinta-essência dos tormentos dos condenados.

Raros dias se levantava do leito, onde rodeavam as filhas de Francisco da Cunha. Joaquina, contemplando-as uma vez, disse:

— Que imensa caridade o poder da religião!. Como estes anjos de pureza se avizinham de mim... da mulher....

E sentiu-se como estrangulada.

As meninas Cunhas inclinaram-se-lhe sobre o seio, e enxugaram-lhe as lagrimas.

Contava ela os dias em que já podia ter a primeira carta de Braga. Chegaram duas muito volumosas. O prudente fidalgo leu primeiro a sua, e exultou. O plano de Gaspar, ideado pelo dom abade, pareceu-lhe excelente. Era pensamento que ele, pouco mais ou menos, já tinha aventado. Correu alegre a entregar a Joaquina Eduarda, que nesse dia se erguera menos alquebrada, a sua carta.

Joaquina leu, e disse:

— Profetizei Não volta cá. Não me enganei, meu Deus, não me enganei!

Esta exclamação, com os braços estendidos ao céu, foi seguida de um súbito acesso de frenesi.

E então bradava:

— Convento!. convento!, a esmola do convento!. Não quero! já disse que não quero!. Atira-se com uma mulher para dentro dumas grades com uma ração de pão!. Para que? Para esquece-la!. Infame piedade!.

— Oh senhora!— exclamou o velho, saindo-lhe de frente nas voltas vertiginosas que ela dava — Atenda-me, Sra. D. Joaquina!.

— Eu sabia... sabia isto!— prosseguiu ela, como surda e cega ás vozes e movimentos do espavorecido fidalgo — São os costumes da fidalguia!. Fecham-se na clausura as mulheres que estorvam os planos da riqueza e da representação. Isto é atroz!. Mas eu não aceito a morte de agonias mais prolongadas. Morrer é um instante. E, morrer sem o ferrete duma vil dependência, é morrer nobremente, é morrer como ele, o ingrato, não pode viver!. Não lho disse eu, Sr. Francisco da Cunha?, não lho disse eu?. O meu Gaspar não volta cá!.

E lançou-se ao seio do velho debulhada em lagrimas.

Francisco da Cunha expendeu convencido quantas rasões favoreciam o projeto de Gaspar. Leu-lhe a sua carta que,

mais logica e concludentemente, esclarecia as vantagens de esperarem, pouquíssimo tempo, uma felicidade segura. No tocante ao convento, dizia o rapaz que faria muito porque fosse Vairão, onde, todos os dias, se podiam trocar as cartas, e talvez falarem-se.

Joaquina Eduarda, ouvidas com aparente serenidade a carta e comentários do velho, disse com ar de zombaria: -

— Tudo isso que ai está escrito é uma miserável embuçada à minha crença. Pois eu não dei direitos a ninguém de julgar-me assim... Sr. Cunha, Gaspar respirou o ar da antiga liberdade, sentiu estremecer o coração ás reminiscências da sua mocidade... vê-me aqui às suas sopas, meu benfeitor, e tem piedade, e talvez sente o desaire de me deixar assim... No auge da sua magnanimidade, dá-me um convento, como Pedro de Vasconcelos dera há vinte anos um convento à pobre seduzida, mãe daquele filho. Aqui tem o exemplo da virtude paternal! É o que é. Mas eu não sou Maria Pereira: sou Joaquina Eduarda, filha de Fernão Cazado Godim!

— Que delírio, menina! — atalhou Frâncico da Cunha — Eu começo a duvidar da sua rasão!

— Não duvide, por quem é! — replicou a desvairada — Eu só aceito a piedade dos meus. Vou escrever a meu irmão, minha irmã, a meu cunhado e a minha tia. Eles que se combinem todos para me darem uma enxerga e um caldo... Mas não! — bradou ela com exaltado exaspero — Não peço nada a ninguém, não quero nada de ninguém! Quero morrer, porque a minha vingança é morrer!.

As filhas e esposa de Francisco da Cunha seguravam-na naqueles ímpetos em que os cabelos lhe saiam arrancados entre os dedos. Consideravam-na já atacada de loucura, e ora faziam pé atrás de atemorizadas, ora com meiguices de muito amigas e impulsos de compaixão a tomavam nos braços. Ao cabo de infernizado debater-se, Joaquina Eduarda caia desfalecida para o seio delas.

Esperavam as intermitências do sossego para lhe abrirem o entendimento ás rasões plausíveis de Gaspar. Pediam-lhe que animasse o seu extremoso amigo a não desistir do intento. Que não entrasse no convento, e vivesse em companhia delas, até à hora em que a Providencia lhe recompensasse as dores da ausência.

Joaquina beijava as faces e mãos das condoídas senhoras, e murmurava:

— Não me demoro neste mundo. A desgraça não há de gozar-se muito tempo da sua vitima. Resignam-se com o abandono as infelizes que perderam pouco; mas eu perdi o meu irmão... aquele santo!. Que escura vida lhe deixei!. Em que desamparo!. Lá está amortalhado no convento, donde vê as janelas da casa onde nascemos. Vê a varanda em que o nosso pai se assentava olhando sobre o mar, contando das suas batalhas aos amigos e aos filhos. Vê de lá a gelosia do quarto em que ele expirou. Fui eu que o fechei ali naquele sepulcro ao meu pobre Sebastião... E porque, meu Deus? porque me perdi eu assim!.

A pertinaz surdez de Joaquina Eduarda a reflexões e alívios seria motivo de enfado para Francisco da Cunha, se nele o condoimento não excedesse a pauta ordinária da comiseração.

CAPÍTULO XXV

Voltemos ao mosteiro de S. Martinho.

Gaspar de Vasconcelos atirara-se vestido sobre o catre ao romper da manhã, pontualmente quando os proverbiais sinos de Tibães começavam a dobrar a finados. Naquela noite passara desta vida um monge.

Triste alvorada aquela! O coração em trevas, o espirito quebrado da prostração corporal, e aquele pungentíssimo ulular do bronze, e a toada lúgubre dos monges no saimento ao longo dos dormitórios. Gaspar abriu a janela da sua alcova, e sorveu ar com o peito em arquejos, como se o ambiente do quarto lhe empestasse os pulmões. O céu estava nubloso, e o vento sul regelava-lhe as faces, sem lhe refrigerar o ardor da cabeça. A hospedaria tinha saída para a cerca, e lá pelas clareiras do arvoredo se tinham passado alegres dias da meninice de Gaspar, quando o tio o levara a estudar humanidades naquele colmeal de ciências. O rapaz discorreu por entre as arvores, sem atentar nos lugares

conhecidos, ou fugindo-os instintivamente. Figurava-se-lhe desterro, e paradeiro de condenados aquele ermo contemplativo do qual frade Bartolomeu dos Mártires dizia que ali era o lugar de respirar e beber vida, louvando o criador de tudo.

O criador, naquela hora, para Gaspar de Vasconcelos, era um princípio de ironia barbara, um arbitro de caprichosa flagelação.

Já o frio lhe coava aos ossos. Era de Dezembro a manhã, e o vento ramalhava nos esgalhos desfolhados da mata. Fr. João entrara de manso à casa hospedeira, para não despertar o sobrinho. Como o não visse, mandou-o procurar na cerca. Encontraram-no tiritando e encolhido no oco de uma arvore, onde, vinte anos depois, Francisco Justiniano Saraiva, que o leitor melhor conhece por frade Francisco de S. Luiz, ministro, patriarca, e cardeal, se comprazia de sestear nas tardes de Julho. Emerso do seu torpor, Gaspar foi conduzido à cela do tio, que se espantou do rosto macerado do rapaz.

— Que olhar é esse, Gaspar?! Não dormiste? — perguntou o frade.

— Não dormi... Quem adormeceu docemente foi o frade que está sobre terra... Tomara eu também cair naquele sono...

— Pois eu não, rapaz — disse frade João — apesar da monotonia da minha já muito comprida vigília em redor das Lages da claustra... Já fui saber do teu pai: encontrei lá o dom abade; deixei-os ficar. O rostodo teu juiz pareceu-me de bom agouro. A nossa batalha é apagar o feixe de raios que tu acendeste com aquela maldita carta!. Que demónio te inspirou aquilo?. Abriste a ferro o coração do velho, e verteste-lhe a peçonha do remorso na chaga! Para que lhe falaste da tua mãe, cuja morte ele tanto chorou, e por tanto chorar te amava a ti como doudo!? Valha-te Deus!. Aquilo não se escrevia para um ancião de setenta anos, que muitas vezes acordava lavado em lagrimas, de sonhar com a tua mãe, o seu alecto único neste mundo!.

— E, ainda assim, não me perfilhou!— interrompeu Gaspar.

— E não sabes porque, homem? Eu lo digo: não foi a filáucia do nacimento nem a transmissão dos vínculos que motivou essa aparente desconsideração para contigo. Foi

persuadir-se o teu pai que, não te legitimando, te dominava mais e tinha debaixo da mão, e assim evitava que a tua mocidade se desbaratasse em paixões ruinosas da alma e remordentes da consciência na velhice. Esta foi a mal pensada precaução do teu pai. Oh! tu não sabes como ele te quis e quer! Poupa este resto de vida ao lastimável velho. Não sacrifiques tudo à mulher, que amas; dá ao teu pai um pouquinho do teu coração. Ela é nova, e ele está à beira da sepultura. Essa senhora que espere, enquanto o ancião se encosta ao teu seio filial!

Os olhos de frade João reviam lagrimas. Gaspar não chorava; mas o abalo interno impelia-o a ajoelhar com sincera dor diante do pai. Joaquina Eduarda figurava-se-lhe vitima muitíssimo menos credora de lastima, defrontada com o velho, em fins de vida, sem hora de contentamento, esperando a morte debaixo daquelas abobadas, cercado de homens já amortalhados. Nestas preocupações, afervoradas pelo dizer pungente de frade João, o encontrou o recado do dom abade que o chamava ao quarto do Sr. Pedro de Vasconcelos.

— Ótimo! — exclamou o frade contentíssimo — Ótimo! Viva a natureza e o dom abade que fizeram o milagre! Vamos, Gaspar.

Abeirou-se o rapaz do leito do pai, que o fitava serenamente. Ajoelhou, beijou-lhe a mão, e balbuciou muito comovido:

— Meu pai, se pode perdoar-me....

— Posso — disse o velho — O que eu não posso é padecer por mais tempo. Se vens assistir ao meu trespasse com pena deste cadáver que estás vendo, o Senhor te abençoe; se me reservas mais outro golpe. Deus te leve para longe da minha agonia.

— Juro-lhe, meu querido pai, que serei digno do seu perdão! exclamou sentida e conscienciosamente Gaspar.

— Sobre este Cristo! — disse solenemente frade João tomando o crucifixo do oratório.

— Juro! — proferiu Gaspar, pondo a mão sobre a imagem.

E, neste lance, a imagem de Joaquina Eduarda figurou-se-lhe ao lado da imagem do Salvador. Foi visão que lhe traspassou o seio, e nublou de negro a vista.

— Ajudai-me a vestir — disse Pedro de Vasconcelos.

Saiu do leito, sentou-se ansiado, e chamou para junto dele o filho, que o abraçou pela cintura, ajoelhando-se. O velho inclinou o rosto à fronte do filho, e chorou.

Aproximou-se o dom abade com um solene passo, e disse:

— Ireis hoje para a vossa casa, os meus amigos. Já mandei aparelhar a minha carruagem. Não vos quero hoje aqui, porque é dia triste; os responsórios e os sinos é coisa importuna em Tibães. Lá para a primavera vinde aqui passar uma temporada, se quiserdes, com o vosso irmão e tio, e com toda esta fradaria que vos presa. Toca a vestir, Sr. Pedro de Vasconcelos, que vai o almoço para a mesa.

CAPÍTULO XXVI

Recolhidos à casa de Braga, ao segundo dia da festejada reconciliação, Pedro de Vasconcelos, falou ao filho desta forma:

— Gaspar, eu sei que a irmã de Sebastião Godim está em Sevilha, favorecida pelo expatriado Francisco da Cunha, cujas virtudes admiro. Não aprovo que essa senhora continue a viver na dependência de um estranho. O dom abade disse-me que ela, aconselhada por ti, se recolheria num convento de Espanha ou de Portugal. Deixo à tua escolha o convento, com tanto que não seja em Braga. Dirás o dinheiro que queres remeter a Francisco da Cunha para assegurar boa casa e tença abundante a essa senhora.

— Não tenho a certeza, meu pai, de que ela aceite a proposta do convento — disse Gaspar.

— Mal faz, se a rejeita — volveu o velho—E, rejeitando-a, que farás tu?

— Não posso responder-lhe, meu pai... Farei o que a sua boa alma me disser que faça. Esperemos a resposta.

A resposta de Joaquina Eduarda eram quatro linhas incluídas na longa carta do fidalgo beirão. Diziam:

Agradeço a piedade dos teus. Não entro na clausura. Não tenho coração que dar a Deus. Como não sou estorvo à felicidade de ninguém, deixem-me chorar livremente fora de ferros, e esqueçam-me. A mim, para te esquecer, basta-me a separação duma pedra, que é a porta da eternidade. Adeus, Gaspar.» Alguns períodos da carta de Francisco da Cunha explicavam o laconismo acre de Joaquina. Rezavam assim:

.... A primeira impressão da sua judiciosa proposta foi irritante; nem podia ser outra. O tempo e a reflexão espero eu que suavizem o espirito da Sra. D. Joaquina Eduarda. Não cesso de aproveitar a oportunidade de advogar a causa de ambos. No próximo correio pode ser que eu lhe dê melhores notícias. Não desanime Vossa Senhoria no seu salutar projeto. Eu não vejo caminho mais desabafado por onde fujam desta angustiada situação.

A Sra. D. Joaquina, a meu ver, escreve-lhe palavras aflitivas. Tenha paciência: desconte-as na veemência da paixão, e espere que os ventos caiam, e o coração acalme.

Faz-me grande dó vê-la tão quebrada de cores, e recolhida num cismar que dantes lhe não via; isto, porém, é dor passageira. as minhas filhas prometem arranca-la da tristeza.

Hoje tive animadoras noticias de Lisboa. O marques de Pombal mostra-se inclinado a ouvir os defensores da minha inocência. Se os acreditar, mandará levantar o sequestro dos meus bens. Acontecendo isto, pedir-lhe-liei ao meu amigo que escolha o convento em Viseu, porque a Sra. D. Joaquina será ali frequentemente visitada por a minha família. Se assim tivesse acontecido, Vossa Senhoria e ela teriam na minha casa, depois de legitimarem a sua união, lugar de filhos.

Gaspar mostrou lealmente as duas cartas ao pai. Leu Pedro de Vasconcelos as linhas de D. Joaquina Eduarda, e disse:

— É caprichosa esta menina!. As mulheres que deveras amam costumam sacrificar-se mais. Pouco ou nada se lhe

dava a ela que a pobreza e a ignominia te despenhassem!

Gaspar não proferiu um monossílabo.

Dai a pouco, o velho, que estivera lendo refletidamente a carta, continuou:

— Eram muito mais sinceras as minhas lagrimas e saudades, filho!. Que tom de orgulho!.

Como não sou estorvo à felicidade de ninguém, deixem-me chorar livremente fora de ferros, e esqueçam-me. Digna de ser esquecida é a mulher que prefere chorar onde a vejam... fora de ferros. Que amor tão avaro da paz, da honra, da felicidade do homem amado..

E o rapaz não contradizia nem com o gesto ás reflexões algum tanto injustas do pai.

Leu Vasconcelos a carta do expatriado, e confirmou o bom conceito que o fidalgo lhe merecia, lastimando não obstante que um pai de família, protegendo tão afetuosamente uma menina fugitiva com um filho desobediente, estivesse dando um ruim exemplo de tolerância a suas filhas.

Já Gaspar ouvia desagradavelmente as considerações do velho, bem que proferidas com brandura e delicadeza, como se desconfiasse da cura radical do filho.

Passaram alguns dias sem notável sucesso. Veio nova carta de Sevilha, volvida uma semana. Francisco da Cunha lastimava-se de não poder arrancar Joaquina da solidão do seu quarto, e receava desmancho no juízo da pobre senhora. Referia alguns dizeres disparatados dela, e acessos de raiva contra as próprias meninas que a rodeavam de caricias e desvelos, decaindo depois da exaltação, em ternuras e choro, pedindo de mãos postas que lhe perdoassem.

Gaspar não mostrou esta carta ao pai. Assaltaram-no anciãs de fugir para Sevilha. Chegou a meditar no furto de porção grande de dobrões, que deviam existir nos contadores do velho.

Subjugou-lhe a reflexão os ímpetos, a reflexão que já pode subjugar corações após dois anos de amor e de infortúnio. Cogitou em lançar-se aos pés do pai, suplicando-lhe licença para casar com Joaquina Eduarda. Foi a Tibães, e confessou

ao tio o seu intento. Fr. João levou-o ao quarto onde estivera o pai, tirou o crucifixo do santuário, e disse-lhe:

— Juraste sobre este Cristo!

— Qual Cristo?—bradou blasfemando, Gaspar — Não há Deus! Este horror da minha vida é a negação da Providencial..

Fr. João pôs-lhe a mão na boca, e disse com solenidade majestosa, realçada pelo habito:

— Essas impiedades nunca saíram de boca de homem debaixo destas abobadas! Cala, cala, miserável, que és o mais eloquente testemunho de que há Deus! Cuspiste na cara do teu pai, perdeste uma mulher, envenenaste a vida inteira do irmão dessa mulher... e querias ser feliz? Há Deus, há Deus, blasfemo! verme insultador! Átomo de lama que ousas chegar à face do Altíssimo! Ajoelha, covarde nos infortúnios que voltaste contra ti, ajoelha, e emudece a língua impia! Resistes? não te prostras, alma embrutecida por paixões baixas? Eu peço a Deus que se digne perdoar-te!

E ajoelhou frade João com o Cristo nas mãos, e os lábios inclinados sobre a face ensanguentada da divina imagem.

Bagas de suor frio ressumbravam do rosto de Gaspar.

Foram cinco pavorosos minutos da sua vida aqueles!

O rapaz achegou-se do tio, e quis levanta-lo nos braços. Parecia êxtase o olhar contemplativo do monge no rosto de Jesus. Não cedeu ao impulso, nem aos rogos. Gaspar retraiu-se um pouco transido de religioso terror. Passados minutos, ergueu-se o frade, e disse:

— Eu pedi a Jesus para que te resgatasse desse cativeiro da alma, ou ta separasse do corpo que ta quer perder.

— Não, meu tio! — exclamou Gaspar — Eu quero salva-la! quero honrar a mulher que perdi...

— Mas matas o teu pai...

— À responsabilidade desse delito involuntário não me faria réu perante o tribunal divino.

— Então os parricidas são laureados no reino da gloria? E os transgressores dos juramentos podem jamais nobilitar-se neste mundo?

A argumentação do monge claudicava nestas duas interrogações enfáticas. Fr. João era mais sublime na oração que admirável na dialética.

CAPÍTULO XXVII

O dom abade, ouvindo ler as cartas vindas de Sevilha, aconselhou friamente, obrigando o rapaz ao cumprimento da sua palavra. Prezava-se ele de conhecer bastante o coração dos homens, e alguma coisa o coração das mulheres; rasão de ter entrado no mosteiro aos trinta anos, para não ver mais no mundo uma pérfida alma que vestia peregrinas formas, e fizera barato delas ás seduções doutro homem.

Claro é que o sexo das delicias e das perfídias não podia contar com um estrénuo defensor na pessoa monástica e avelhentada de D. Teotónio Moniz Barreto. Mulheres mortas de paixão, dizia ele que não conhecia nenhuma, tendo vivido dez anos na corte e na roda mais suscetível de morrer de amores por irão ter objeto serio para distração. Que esta doudice dos amores — dizia ele, citando Sá de Miranda — nasce da ociosidade e nela se mantém.» — Olha, Gaspar amigo — continuava o dom abade, sacudindo

a piparotes o tabaco da manga — Eu entrei aqui neste mosteiro com uma cara de enforcado ao sair do oratório. Pensei e todos pensaram que vinha largar quatro ossos que trazia a carregarem-me sobre a alma. Os primeiros quinze dias passei-os a caldos temperados com lagrimas. Ao cabo do primeiro mês, em vez das lagrimas, tomava a galinha com o caldo. No fim de três meses fez-se-me uma pele nova e elástica, ao ponto de se me avolumar esta barriga, que vês, no fim do noviciado. Quando professei, rapaz, vivia tão alegre que a minha vontade era subir ao minarete da torre, e gritar de lá urbi et urbi que se fizesse toda a gente frade bento se queria ser fez. Dir-te-ei mais que eu era literalmente um asno. Fazia versos à imitação dos do padre Chagas de infausta memória como poeta, e de eterna veneração como santo. Deliciava-me do ouvir encarecer o pé duma mulher com aqueles versinhos, que eu achava invejáveis e bastantes a criar a reputação de um Camões épico de pés pequenos. Olha que ainda me recordo!. Por mais que tenhas dito de um pequenino pé, hás de ficar envergonhado disto:

Instante de jasmim, conceito breve,

Átomo de açucena presumido, ...

Suspeita de cristal, susto de neve.

Já chamaste para um pé suspeita de cristal? e susto de neve? e instante de jasmim? Pois eu, meu homem, sou do tempo em que se amavam mulheres que tinham assim os pés, e pude esquece-las todas, e correr-me de pejo das parvoiçadas que escrevi talhadas por estes moldes da Fénix renascida. Cheguei aqui abarrotado de estupidez, e encontrei grandes letrados, sábios herdeiros dos tesouros do grande seculo de D. Manoel e João 3.° Comecei, a estudar as ciências desde o alfabeto; e, se não vinguei dar pela barba aos mestres, consegui renovar o coração em amor à sabedoria, e olhar do outeirinho onde se alteou a minha alma instruída para as mesquinharias que deixei lá em baixo na lama dos caminhos trilhados pelo comum dos homens. Não vás tu pensar, rapaz, que eu te estou convidando a ser frade. Em tempo aconselhei o teu pai a que te deixasse criar e crescer muito entre nós, a ver se te afeiçoavas a estes costumes; porém, assim que te demos pronto de humanidades, parecias melro de bico amarelo que pilhou a porta da gaiola aberta. Bom foi que te

revelasses a tempo, e mau foi que o tributo ao mundo tão cedo e usurariamente o recebesse o desengano!. Ora pois, meu Gaspar, isto redunda em dizer que a Sra. D. Joaquina não morre de saudade. É a minha opinião. Se tão cedo recomeças a mortificar o teu pai com lastimas, eu não te quero ver mais, porque és mau homem, e mentiste-me. Não sei que mais te diga, a não ser que esperes, e trates de procurar alguma diversão. Tens tu livros? Vai à biblioteca, e escolhe por lá. Sobre receitas para curar o amor relê o Ovídio, que é catedrático na matéria, e o bispo Guevara que cita em abono das suas ótimas doutrinas Samocracio e Nigidio, que não escreveram nada, que se conheça. Se queres consultar os casos funestos do amor, estuda Hercules e Mitrida, Meneláo e Dorta, Pirro e Helena, Alcibiades e Dorbeta, Demofonte e Filis, Anibal e Sabina, Roderico e Florinda, António e Cleópatra, Gaspar de Vasconcelos e Joaquina Eduarda. Enfim, menino, dice puer. Estuda nos livros, e em ti. E, se ainda te lembra o teu Virgílio, aplica ás mulheres o que o mantuano diz dos ramos da arvore consagrada à Juno infernal: Primo avulso non déficit alter.

Gaspar sorriu-se, e disse:

— Obrigado reverendíssima, Sr. D. Teolonio. Se não vou feliz da presença de V. reverendíssima, vou instruído!

— Então joga-me ironias, seu ingrato!— acudiu de boa sombra o prelado. Ora venha merendar comigo e com o seu tio frade João na minha cela.

— Graças, Sr. dom abade. O meu pai espera-me com o jantar. Eu perdi o habito de merendar em Janeiro.

— Isso e epigrama ao estomago dos frades? —disse o jovial D. Teotónio— Pois vai com Deus, e volta com santa Maria, quando quiseres... Agora muito serio: juízo!.

Seguiram-se-lhe ao desamparado rapaz dias de abafadora tristeza, e noites de cruelíssima insónia. Difícil lhe era já trasladar ao papel as negruras da alma. Era um atormentar-se que lhe infernava todas as horas, e nem sequer lhe deixava uma com o preciso sossego para escrever. As noites, sobretudo, eram-lhe incomportáveis, as noites infinitas, no seu quarto, sem voz humana que piedosamente lhe abrisse d’alma torrentes de lagrimas, o sangue dela! Ouvia, apenas, no quarto próximo, o suspirar

e gemer do pai, que também velava as noites, como todos os velhos, e mormente os tristes, que parecem estar esperando alvoroçados o arraiar do dia eterno. Nas vigílias de Pedro de Vasconcelos era grande parte o ver ele aumentar-se a tristeza do filho, o refugiar-se nas solidões da casa, e o desmedrar cada dia a olhos vistos, passando alguns em que nem de leve provava alimentos.

E compadecia-se.

Mas não tinha o céu um anjo que baixasse ao coração daquele homem? Não seria tão de Deus o toque, a inspiração que o levasse a dizer ao filho: dá-me essa pobre menina como filha! Vai traze-la, como sol da tua alma, ás trevas desta casa e deste viver! Que eu não morra, sem que vos veja a estudar no meu rosto a alegria refletida da vossa, a consciência radiosa da felicidade que vos dei!» Não: o anjo não desceu. Aquele homem devia contas a Deus, e precisava do suplicio de duas criaturas para salda-las. A expiação d um que delinquiu arrasta vitimas, que o exemplo despenhou. Altos segredos!

CAPÍTULO XXVIII

Joaquina Eduarda recebia cartas breves, mas sucessivas. Transluzia nelas froixa luz de esperança, porque, em verdade, no sentimento de Gaspar pouquinha luz vasquejava. A morte do pai era um lampejo que, a intercadências, lhe iluminava futuros. Mas moderadamente exultava o rapaz ao vê-los a tão incerto e rápido clarão. Já se lhe tinham esfriado na alma os entusiasmos. Quebrara-o a desgraça, e pode ser que também a insofrida, única, e injusta carta de Joaquina. O infortúnio não vingara totalmente acalcanhar-lhe o orgulho, que a desconsideração da infeliz lhe ferira. Não obstante, escrevia-lhe com a verdade e angústia da saudade e do remorso.

As suspeitas de Francisco da Cunha eram acertadas. Joaquina desvairava por visualidades e delírios de conversações com as filhas. Algumas vezes desatava em risadas convulsas, referindo casos jocosos do convento de

Santa Clara, principalmente o da sova que levaram os frades no rio Douro, e outros episódios irrisórios dos amores das freiras. De súbito, passava à descrição da sua fuga, e aos sustos da jornada por atalhos. Depois, pedia à imagem do irmão que a não perseguisse, e a deixasse morrer encostada ao seio dele. Ria-se-lhe em seguida o semblante, e cantava as seguidilhas da Gitana do Cervantes. Por último, caia em síncope, e adormecia ansiada. Ao despertar, tinha recobrado o juízo, e conversava com serenidade não menos temerosa que a excitação da loucura.

A medicina contemplava o espetáculo miserando, e dava aos ombros confessando-se ineficaz. Só pode restaura-la a presença do homem que a reduziu a isto» diziam os médicos.

— As notícias são excelentes, Sra. D. Joaquina — disse-lhe o fidalgo — o seu futuro sogro está doem-te, e é de presumir que não dure muito. Brevemente aqui nos aparece Gaspar.

— Não volta aqui! — disse ela — Porque não vem ele?

— Se viesse já, ficavam sem recompensa os sacrifícios que ambos têm feito! Que é uma demora de dois ou três meses? Eu não julgo necessário que a menina entre em convento. O melhor é esperar na nossa companhia que ele venha. Provavelmente estaremos em Viseu, quando os estorvos desaparecerem. Robusteça-se para irmos embora. Os meus negócios em Lisboa vão decidir-se favoravelmente.

— Deus permita! — acudiu Joaquina — Eu queria deixa-los muito felizes, quando morresse. São tão dignos do serem!

— E sê-lo-emos todos. Gaspar há de mudar a sua residência para Viseu. Conviveremos lá como convivemos aqui.

— E eu hei de cantar muito — interrompeu ela, tirando alegres notas da voz sempre clara e forte, como no vigor da saúde. Eram as trevas da demência que lhe caiam na alma.

E então choravam as senhoras, e o velho fugia com o coração lanhado, já resolvido a pedir a Gaspar que, a todo o custo, viesse salva-la.

Num destes trances, bateu à porta de Francisco da Cunha um frade dominicano. Conduzido à sala, disse:

— É em casa de Vossa Senhoria que está uma senhora portuguesa chamada Joaquina Eduarda Cazado Godim?

— É aqui onde está essa senhora. Vejo que a vossa reverência é português.

— Sou português, senhor. Ser-me-á permitido ver Joaquina Eduarda, minha irmã?

— A sua irmã! — exclamou Francisco da Cunha — É o irmão dela! O chorado daquela aflita alma!.

— Pois ela sabe que eu vivo?. Não me lerá ela já ouvido para me correr aos braços?

A esta pergunta respondeu o cântico das seguidilhas.

E frade Sebastião, com assombro, disse:

— Muito feliz é ela que pode cantar!. Pensei que a viria encontrar muito quebrada pela desdita!.

— A sua irmã tem intervalos de demência, senhor; agora está numa dessas horas negras.

— Demência! — clamou o frade, com as mãos postas — Posso vê-la, Sr. Cunha?

— Sim, senhor. Vamos.

Avizinhou-se da alcova frade Sebastião. A douda encarou nele com os olhos cravados, e um jeito de afastar a cabeça. Aproximou-se mais o irmão, e ela fugia-lhe ate encostar-se à parede. Sebastião apenas disse:

— A minha irmã! — e caiu sobre uma cadeira, murmurando muito baixinho: — Mataram-ma, está morta... já não é ela!

— A minha irmã! — repetiu Joaquina — Que voz!. que som de voz!..

Levantou-se o frade, tomou-lhe as mãos ambas, e, por entre soluços, balbuciou:

— É a voz do teu Sebastião! Joaquina, olha bem para mim... Eu sou o teu irmão, o teu querido amigo, o teu eterno amigo, o teu segundo pai, a voz misericordiosa do Senhor que te falia pela minha boca! Joaquina!.

E ela, expedindo um grito estridente, atirou-se ao seio do irmão, arrancando vozes inarticuladas.

Seguiu-se o habitual desfalecimento. Sebastião transportou-a ao leito, e sentou-se à beira do travesseiro, com a barba ajustada ao peito, e as mãos nas fontes.

As senhoras olhavam-no com religioso respeito. Francisco da Cunha hesitava de esperta-lo daquela letargia.

Volvida a si, Joaquina encontrou os olhos do irmão. Saltou do leito, e ajoelhou-se-lhe aos pés inclinando a face ao pavimento. Sebastião levantou-a, saiu com ela do quarto, sorriu com muitíssima brandura, e disse-lhe:

— Aqui me tens, minha pobre menina. Queres voltar às nossas arvores do Minho? Vamos. Vem recomeçar a vida no teu paraíso, que eu despirei este habito para tornar contigo ás solidões onde fomos felizes.

— Pois, sim: vamos..— murmurou ela com olhar espasmódico, e um sorriso pouco menos de idiota.

Sebastião olhava fitamente nela com indizível assombro. Aqueles gestos e ar da sua irmã não tinham que ver com os espíritos, vida e graças doutro tempo.

Poucas mais palavras se trocaram os dois desaventurados. Fr. Sebastião saiu a hospedar-se no convento dos dominicanos, prometendo voltar no dia seguinte para combinarem o dia da partida. Joaquina ouviu isto insensivelmente, e já quando o irmão descia as escadas, dirigiu-se a ele para lhe beijar sofregamente as mãos.

Á tarde, Francisco da Cunha procurou o frade no convento, e disse-lhe:

— Venho visita-lo; mas um objeto mais importante que a cerimoniosa urbanidade me traz aqui. Peço licença para intervir nas suas deliberações, respeito a levar para Portugal a sua irmã. Não pense V. reverencia que a Sra. D. Joaquina Eduarda esqueceu Gaspar de Vasconcelos...

— Não?! — interrompeu o frade — Fui enganado então... E eu refiro a Vossa Senhoria O que há passado. O prior do meu convento de Viana recebeu recado do dom abade de Tibães, para que eu lhe falasse num determinado dia. Muito longe de conjeturar esta chamada extraordinária, fui a Tibães, e ai soube da exposição do prelado que a minha irmã estava em Sevilha e Gaspar em Braga; que a fome os tinha separado, e tão somente uma maior desgraça os

reuniria; e acrescentou que eu cristãmente devia estender mão piedosa a minha irmã — conselho que eu dispensava. Ouvido isto, voltei a Viana a pedir licença ao meu prior para esta jornada, e aqui estou.

— O dom abade — disse Cunha — não mentiu, a meu ver. Foi omisso em explicações, e V. reverencia pronto em interpretar o mais natural, quando estes desenlaces se fazem. A sua irmã está, segundo o juízo dos médicos, a decair em completa loucura; todavia, se Gaspar de Vasconcelos aqui viesse, a infeliz restaurava-se. Supondo que V. reverencia a conduz para o Minho, há grande perigo na reincidência dos passados desatinos, porque, repito, não se separaram inimigos: houve uma convenção a que não faltou Gaspar; e da parte da sua irmã uma suspeita que a reduziu à lastima em que a vê. Claro é, penso eu, que ela ainda o ama muitíssimo, e que o avizinharem-se um do outro nesta ocasião é avizinha-los ambos de mais fundo abismo. Além de que, a sua mana está em muito melindroso estado de saúde; não a considero capaz de jornadear, nem V. reverencia está, julgo eu, nas especiais circunstancias de velar a convalescença duma louca, não falando no

deperecimento das forças, e grave achaque de peito que vai declarando. Venho, pois, instar com o Sr. frade Sebastião a fim de que permita o demorar-se mais algum tempo a sua mana em companhia da minha mulher e filhas. Brevemente vamos todos para a minha casa de Viseu, porque muito próximo espero sentença que me restitui a pátria e bens. Logo que a Sra. D. Joaquina Eduarda se recupere, eu e alguma das minhas filhas vamos acompanha-la onde V. reverencia ordenar. Isto lhe peço em nome da rasão e do melindre que requer o curativo desta senhora.

— Condescendo muito agradecido à sublime caridade de Vossa Senhoria — disse o frade — Não há duvidar: aproxima-los é grave erro; a minha irmã ficaria a três pequenas léguas distante de Braga. Forra-me Vossa Senhoria mortificações maiores, e à pobrezinha dá-lhe uma família que a defende nos seus caridosos braços. Em virtude disto, Sr. Cunha, irei amanhã receber as ordens de Vossa Senhoria e despedir-me da minha irmã.

— E não dispensaria V. reverencia despedir-se?.— perguntou o fidalgo — São aflições inúteis. Eu lhe direi a ela que o seu irmão voltou a Portugal a preparar-lhe

acomodações, visto que as antigas já não existem. Esta esperança pode converter-se-lhe em pensamento fixo, e, como tal, divertir-lhe o animo da lembrança de Gaspar. Quem sabe se o melhor começo de cura é este? Experimentemos, Sr. frade Sebastião.

— Pois sim, meu respeitável senhor; — obtemperou o frade — eu não irei despedir-me dela; mas Vossa Senhoria terá a bondade de lhe entregar este pouquinho dinheiro, que me é desnecessário na jornada e no convento — E, dizendo, oferecia-lhe um embrulho de moedas douro.

— De que lhe serve o dinheiro a ela? — atalhou o fidalgo, recusando aceita-lo — Talvez dissessem a V. reverencia que eu vivia pobremente?.. É certo: apenas livrei do sequestro uns bens insignificantes que a minha mulher herdara em S. Tiago, e deles temos vivido com severíssima economia, e relativa miséria. Sem embargo, os amigos de Lisboa, ao verem aproximar-se a restauração dos meus haveres, ofereceram-me dinheiro, e eu já fiz os saques, por maneira que ouso pedir a reverencia que me não prive da satisfação de ter a sua irmã por hospeda.

Sebastião Godim inclinou a cabeça, e apertou ao seio o magnânimo beirão, o tipo que ainda se não perdeu dos lusitaníssimos fidalgos daquelas montanhas, gente de um coração tão à flor dos lábios e tão lavada alma, que não os vedes sem estranheza, nem os deixais sem saudade.

CAPÍTULO XXIX

Gaspar de Vasconcelos recebia esta carta dias depois:

Meu amigo. Aqui veio frade Sebastião Godim, no propósito de levar a sua irmã. Anunciaram-lhe o desamparo em que ela estava, e desligação de Vossa Senhoria Consegui que o excelente homem deixasse ficar a sua irmã na nossa companhia até convalescer da enfermidade d'alma e corpo. Obtive o consentimento, e frade Sebastião voltou ao seu mosteiro de Viana.

Agora, Sr. Gaspar, corre-me obrigação rigorosa de lhe dizer que, enquanto o futuro não se prosperar, é da honra de Vossa Senhoria não perturbar o sossego que por ventura os meus cuidados possam restituir aos atribulados espíritos desta infeliz.

Qualquer passo que Vossa Senhoria dê, que não seja legitimado pelo casamento, é inconvenientíssimo, e despropositado. Causar o meu amigo a morte do seu pai,

sem com isso ganhar o melhoramento da sua fortuna e da Sra. D. Joaquina, será uma crueldade das que se não podem desculpar com a palavra amor. Pouco sei do coração dos homens; todavia, oferece-se-me tratar que Vossa Senhoria já não está cego desta paixão, porque a desgraça lhe iluminou os olhos. E, por tanto, conforme-se, e triunfe, como homem, dos seus instintos de piedade, que, no caso sujeito, são nocivos. Não roube terceira vez a esta senhora o mais sagrado esteio, único e só que ela tem — o esteio fraternal.

Breve iremos para Viana. as suas cartas em toda a parte as prezarei deveras, e mais gratas hão de ser-me quando Vossa Senhoria me disser que é feliz, sem causar dissabores a ninguém. Que a felicidade, à custa de lagrimas alheias, é uma traição aos nossos gozos: é um licor saboroso em taça de prata, com as passas no fundo, passas que a final somos obrigados a tragar. Deus o guarde por muitos anos, meu estimado amigo, e sou, etc.

Foi numa daquelas horas de torvo desesperar, que esta carta passou fechada das mãos de Pedro de Vasconcelos ás do filho. Leu-a o rapaz, e empederniu-se, cravando os olhos

cegos de lagrimas no papel que não podia reler. O velho observava-o andado.

— Que é? — perguntou o pai — Que é, filho? Deus não se compadecerá de ti?

— Compadeceu!—disse Gaspar—acabou tudo! Aqui tem... —E, dando-lhe a carta, passou a fechar-se no seu quarto. Ai se deteve alguns minutos, e saiu de ímpeto, com o rosto abraseado, em demanda do pai. Encontrou-o relendo a carta — digamo-lo tristemente—com intimo contentamento. Pôs-se-lhe em joelhos o filho, e exclamou:

— Ainda é tempo, meu pai! ainda é tempo!.. Deixe-me casar com essa desgraçadíssima senhora.

Pedro de Vasconcelos encarou-o sem vislumbre de piedade, solevou-se da cadeira em tremuras, e bradou com voz desencavernada:

— Casa! Casa na capela deste edifício porque à está o meu jazigo. Quero que se abra a minha sepultura ao mesmo tempo!

— Oh! que entranhas!..—clamou Gaspar, e fugiu da presença do pai, bradando no interior do palacete: — Que

entranhas!. que coração de ferro!.

Por noite alta, Gaspar de Vasconcelos ainda não tinha recolhido ao seu quarto, e o ancião passeava na vasta sala dos retratos, monologando frases incongruentes, e olhando como apavorado, para a sua sombra. A luz froixa de um castiçal verberava lampejos trémulos no retrato de Simão de Vasconcelos, pai dele. Acaso, circunvagando a vista, Pedro encontrou os olhos coruscantes daquele retrato, os quais o seguiam sinistramente de angulo para angulo do salão. Parou, contérrito e transido, o velho, preso daquela fascinação dos olhos penetrantes do seu pai. Então lhe entraram como frecha na memória da alma os padecimentos daquele velho, nos seus últimos anos, infligidos pela vida libertina do filho, pela desonra a que ele vitimara uma família honesta, roubando-lhe a filha única, a mãe do filho que lhe era agora amor e flagelo. Fugiu dali, como a esconder-se no seu quarto, e na passagem, chamou para a sua beira o capelão, que pela primeira vez da sua vida fora interrompido no sono das duas horas da manhã.

O padre estremunhado ouviu-o três quartos de hora em silencio.

— Que diz a isto, padre Joaquim? — perguntou o velho:

Arregalou o padre os olhos picos, e respondeu:

— Fidalgo, o melhor é deixa-los casar. É o que eu fazia no caso de Vossa Senhoria.

— Vá-se deitar! — replicou o colérico Vasconcelos— O capelão levantou-se, fez uma cortesia, e foi-se deitar, murmurando:

— Tanto se me dá que casem como que os leve a breca! Já se não pode dormir nesta casa!

CAPÍTULO XXX

Ao romper da manhã, Gaspar de Vasconcelos entrava na quinta de S. João de Rei, e escrevia ao pai estas linhas:

Se o meu pai consente que eu me recolha para um quarto desta casa, aqui esperarei a morte. A rainha presença é-lhe odiosa, porque eu não pude ainda reduzir a cinzas o coração. Eu de mim Iam bem me convenci de que o meu pai é cruel, e não posso ama-lo. Reduza-me à fome, se quer. Da miséria me não temo eu já, porque sou sozinho a sofrê-la. A desgraçada achou um irmão, eu não achei ninguém. Dizem-me que a minha mãe tinha um irmão, que fabricava chapéus; se me faltar valor para sofrer a fome, irei pedir pão ao irmão da minha mãe. Beijo-lhe as piedosas mãos, senhor, como filho e escravo,

Gaspar.

Lida a carta, partiu, como era de esperar, um lacaio com a liteira para Tibães. Fr. João era o sempre invocado nas

tragédias da família. De Braga, seguiu a liteira para S. João de Rei.

Gaspar tinha ido para a serra, e recolheu por noite. Encontrou o tio a cear a mais gorda galinha da capoeira, e a laca de presunto menos entreveado. Sentou-se a n canto da casa, e assistia silencioso à silenciosa deglutição do monge.

Acabado o repasto homérico, e entoada a ação de graças, o frade disse ao sobrinho:

— Vamos lá, se estás para conversar.

Fecharam-se na sala. Fr. João disse, espevitando os dentes com um palito de marfim:

— Vi o teu pai na cama, vi a carta do Cunha, e vi a tua carta. O teu pai está ali, está na sepultura.

D. Joaquina, mais dia menos dia, está com o irmão. Saibamos agora o que vai ser de ti. Aminha paciência está quase esgotada. Tu és o homem mais trabalhoso que veio a este globo!. Que queres fazer?

— Quase nada: morrer.

— Não se morre assim.

— Em Roma e Grécia antigas, morria-se por menos. Eu li Catão e Séneca.

— Cala-te, pagão! tu devias ler o Evangelho.

— Também li essa historia: acho-a menos verosímil que Séneca e Catão.

— És um burro! Quem te deu as Cartas filosóficas e as Cartas inglesas de Voltaire, que estão no teu quarto?

— Provavelmente comprei-as.

— Fizeste bem... Mata a fé, e veremos o que te fica, desgraçado!

— Fica-me a certeza.

— De que?

— Do nada.

— Isso é muito saudável... Vamos, porém, à questão principal. Ficas aqui?

— Se o meu pai me não manda expulsar...

— Não manda; pede-te, e não ordena, que vás para Braga.

— Se não ordena, fico aqui.

— E, se eu te peço que vás, Gaspar?

— Que vou eu fazer em Braga, meu tio? A vida lá é-me insuportável. Aqui estou só, fatigo-me, despedaço-me de rochedo em rochedo, atiro-me aos fraguedos dessas serras, e consigo adormecer de prostrado. Nem este desafogo me querem deixar?

— Fica, pobre rapaz! És digno de muitíssima piedade!. Fica: eu de madrugada irei com essa má nova ao teu pai.

E decorreram seis meses sem que Pedro de Vasconcelos avistasse o filho, com quanto lhe enviasse criados, cavalos, armas, e dinheiro superabundante.

Gaspar via com indiferença estes preciosos enfeites das vidas felizes. Ao abrir da manhã, com um pouco de pão e queijo na bolsa de caça, galgava aos visos, dos montes, e por lá se ficava até noite. De volta, ceava outro pedaço de pão e queijo; recolhia-se ao seu gabinete, e dormia escassamente.

Há muito tempo que não chorava. Um dia, porém, como encontrasse na serra o mendigo, que três anos antes lhe trazia as cartas de Joaquina Eduarda, abraçou-se nele em choro desfeito.

Perguntou o pobre se a senhora tinha morrido.

— Morreu! — disse Gaspar e apertou o passo para embrenhar-se num matagal.

Neste tempo, Francisco da Cunha estava já redintegrado nos seus abastados haveres. O marques-rei mandara-o recolher e cobrar do erário o rendimento dos bens sequestrados em 1758. Ainda assim, o contentamento daquela família era agorentado pelo espetáculo de um senhora douda, sem remédio, sem esperanças ao parecer dos médicos. À demência de Joaquina Eduarda subiu de ponto, desde que o irmão, visto numa hora lucida, desapareceu, e os dias, e meses voltaram sem ele.

— Fez-lhe medo a minha desgraça! — exclamava ela.

A demasiada e indiscreta comiseração do fidalgo foi muito neste desastre. Se a deixasse ir com o irmão, se a deixasse chorar e recordar-se nas margens do Cavado, por "Ventura

aquela alma voltaria à luz; aqueles cruelíssimos espinhos da sua vida reviçariam ainda alguma flor das que se criam e medram ao orvalho de Deus. Inexorável desgraça a daquela mulher, que até nas boas almas se insinuava, sob capa de caridade, para atira-la à extrema baliza do seu império!

Singularidade que enchia de dor quem ouvia cantar divinalmente a pobre louca! Dor e espanto daquela formosura de cadáver, entoando, ora triste ora alegre, os cantares monásticos da semana da paixão, ou as seguidilhas voluptuosas de Espanha. As senhoras Cunhas entrajavam-na primorosamente; e ela deixava-se vestir com marmórea quietação. Ia com elas à sala, sentava-se ao piano, erguia-se para sentar-se no canapé, e não respondia a pergunta nenhuma, salvo ás da família que ela denominava os seus querubins.

E, no concurso de cavalheiros que afluíam a ouvi-la, havia um de apelido de Melo e Nápoles que se entrou duma paixão invencível daquela mulher morta, que tinha uma hora de ressuscitada, quando as teclas do piano a galvanizavam. Este cavalheiro chorava na ausência e na

presença dela. Votou a Deus que lhe levantaria um templo, se alvorecesse luz de rasão naquela eterna noite.

Como Francisco da Cunha usava chamar-lhe a sua sereia, Joaquina era assim conhecida de fidalgos e humildes em Viseu. Diziam: a SEREIA apareceu ontem na sala; a SEREIA teve um acesso depois que cantou.» E o povo, na sua linguagem cândida e pitoresca, dizia: Vimos hoje a SEREIA numa janela do palacete: olhava para o céu que parecia uma santinha.»

CAPÍTULO XXXI

Soube Gaspar de Vasconcelos que Joaquina Eduarda estava perdida. Esta nova já lhe não achou coração vivo. Foi colosso de ferro que lhe esmagou cabeça e peito.

Viram-no, uma noite sair de casa, os criados. Era já no inverno de 1766. Rugia a tormenta fora nos arvoredos. Os servos seguiram-no de longe, porque o temiam, e podiam segui-lo de perto, que a negridão do céu, o estridor do vento e das cachoeiras não os denunciavam. Viram-no subir uma encosta, ao cimo da qual se achava a lomba da serra, até decair sobre um barrocal profundo. Estugaram o passo, receosos de que o amo se despenhasse. Ele pressentiu-os, e aperrou uma clavina. Fizeram pé atrás, e proferiram palavras suplicantes. Gaspar arrojou a clavina, e despenhou-se.

— Está morto! — conclamaram todos, correndo à borda do precipício. Alguns mergulhavam a vista nas trevas, enquanto outros desceram a quebrada para rodearem o

outeiro até entrarem à garganta. Não o viram, nem ouviram gemidos.

Conjeturaram que o amo tinha ficado entre a penedia, que se interpunha a meio do alcantil, sobressaindo ao nível da aresta. Desceram os mais corajosos retorcendo e cravejando os dedos nos sargaços, e fendas das rochas. Encontraram o corpo de Gaspar entalado na cavidade aberta entre duas fragas. Ergueram-no eles, e sentiram-lhe o calor do bafo. Escorria-lhe sangue da cabeça e do pescoço. Uns correram a buscar cordas e escadas para guindarem o moribundo ou o cadáver, enquanto outros foram chamar cirurgião, e avisar o pai.

Foi custoso içar aquele corpo inerte, que, a cada empuxão que lhe davam, arrancava um grito rouco, e reversava golfos de sangue.

Transportaram-no ao leito. O cirurgião curou-lhe as feridas principais, declarou, porém, que se não morresse logo, pouco viveria, porque tinha, entre o queixo inferior e a clavícula uma saliência, que o cirurgião denominou tumor sanguíneo, e nós hoje denominaríamos aneurisma. As

fraturas da cabeça, com quanto profundas, não lhe amolgaram o cérebro.

Gaspar assistiu com os olhos abertos e silencioso à cura das feridas: não desprendeu sequer um suspiro, que parecesse gemido. Quando, porém, viu entrai o pai ofegante e quase em braços dos lacaios, fechou os olhos, e murmurou palavras ininteligíveis. Em seguida ao pai entrou frade João, e chamou-o. Gaspar encarou nele, e disse:

— A expiação o maior. O seu Deus não está ainda satisfeito..— E fechou novamente os olhos, quando o pai se aproximou.

Fr. João olhou para o espaldar do leito, e viu debaixo do travesseiro um livro, que tirou. Estava aberto, com uma página dobrada. Eram as cartas de Séneca. A página assinalada dizia:

Há nada mais insipido que ser delicado no morrer? Digno e generoso ê o homem, cujo acabar da sua mão está. Vede com que bravura se embebe um punhal! A coragem com que se ele despenha ás profundezas do mar, ou de alto a baixo por sobre espantosos fraguedos! Quando todos os

recursos lhe escasseavam, ainda tinha do seu com que dar-se a morte, para ensinar ao universo que o morrer está no querer. Pensem o que quiserem desta ação; mas concedam que a mais torpe morte é preferível à mais brilhante servidão.

O frade fechou o livro, e disse entre si:

— Tinha perdido a fé!. E não teve mãe, cujas orações lhe lembrassem naquela hora!..

Pedro de Vasconcelos mandou sair os criados do quarto. Aproximou-se do filho, e disse-lhe: — Casa com Joaquina Eduarda, e vem com ela para a companhia do teu pai.

Gaspar, sem descerrar as pálpebras roxas, disse:

— Não escarneça sobre dois cadáveres!. Joaquina Eduarda está morta, e eu vou morrer.

— Ela morreu?! — exclamou o velho voltado para o irmão.

— Doida sei eu que está... Estará morta para a razão.— respondeu o frade.

— E que me querem agora?—perguntou Gaspar exagitado, revolvendo a língua pelos lábios ressequidos — Que me querem agora?

— Salvar-te a alma, se não podermos mais — respondeu frade João.

— A alma!— replicou o suicida, sorrindo ferozmente — a alma é este sangue maldito que me abrasa as artérias!.. Eu queria uma pessoa que me ajudasse a morrer! Queria a minha mãe!. Onde está a minha mãe, Sr. Pedro de Vasconcelos?. Onde está a filha do chapeleiro?, a Maria Pereira?!. Unja-me o rosto com algumas das lagrimas que ela chorou aos seus pés!.

— Jesus, valei-me! — exclamou o velho.

— Gaspar! tem piedade!— suplicou fervorosamente o frade.

— Pois deixem-me! deixem-me, que eu quero morrer desamparado como ela, sem pai, sem mãe, sem amigos!

Pedro de Vasconcelos estrebuchava na sala próxima prostrado sobre um escabelo em anciãs de morte.

Fr. João ajoelhara aos pés do leito do sobrinho, e orava com a face de rojo.

CAPÍTULO XXXII

Pedro de Vasconcelos e o irmão assentaram residência em S. João de Rey. O pai escutava a respiração do inferno; do limiar da porta, encoberta pelo reposteiro, não passava. Os médicos recomendaram-lhe a remoção de causas que excitassem o doente, sob pena de sobrevir uma febre traumática. Ora, o aparecimento do pai incendia-lhe o rosto, e exasperava-o em contorções e vertigens.

Fr. João era o enfermeiro, e o apostolo. Ministrava-lhe os linimentos do corpo e da alma. Os primeiros iam operando eficazmente; os outros pareciam a semente da parábola que caiu sobre pedra. As chagas fecharam; mas o distendimento da artéria subclávia não se retraiu. A aneurisma estava formada. Tinha ali a morte certa para uma hora imprevista. Poderia viver meses, ou ainda anos, se o não sobreexcitasse alguma forte comoção física ou moral.

Ao fim de trinta dias, levantou-se. Fr. João, como lhe visse no rostoinsólita serenidade, disse-lhe:

— O teu pai quer ver-te.

— Aqui estou ás ordens de quem quiser ver-me — respondeu Gaspar.

— Não o trates com desabrimento — observou o frade.

— O meu pai está castigado: é necessário que dois réus do mesmo crime se abracem, e não se dilacerem.

Saiu o monge e voltou com o irmão.

Gaspar levantou-se da poltrona, e inclinou a cabeça perante o pai, que lhe incutiu dó. Era a decrepitude repulsiva. Já parece que as herpes lhe corroíam as faces.

— Venho despedir-me de ti, filho—disse muito comovido o ancião—É tempo de acabar... Deixo-te, e vou para Braga.

O filho apertou-lhe a mão compadecido, e murmurou:

— Adeus, meu pai. A tragédia está finda. Digamos agora como os autores romanos: aplaudi, homens!» Se o meu pai me antecipar na saída deste mundo, rogo-lhe, em nome da

minha mãe, que me deixe uma esmola com que eu possa recolher-me para um convento.

— Convento! — exclamou frade João — Por ventura desceu um raio da graça divina à tua alma, Gaspar?

— Não desceu raio de coisa nenhuma — respondeu Gaspar — Escolho o mosteiro porque é lá a solidão e o esquecimento porque não verei lá mais as testemunhas desta enorme calamidade, destes vestígios de sangue, que hão apagar-se à porta do mosteiro dos paulistas da serra de Ossa.

— Serra de Ossa! — contraveio o monge — Que ideia é essa? Convento pobre e austero...

— Que tenho eu com as riquezas dos outros conventos? Enquanto à austeridade, eu não tenho já liberdade que sacrificar.

— Essa ideia há de desvanece-la a suplica do teu pai. Quererás que eu ajoelhe aos teus pés?— disse Pedro de Vasconcelos.

— Não, senhor: não me humilhe, nem" me faça mais desgraçado com a sua humildade, meu pai. Porque me não

há de consentir que eu viva só, e procure num mosteiro um pouco de sossego para esta pobre alma?

— Embora o faças, meu filho; mas escolhe outra asa, e outro habito.

— Que faz a diferença das mortalhas?. Bem... eu tiro a partido que não seja Tibães, nem mosteiro em cidade.

— Irás para Grijó... serás cónego regrante de S. Agostinho; mas enterra-me primeiro.

— Poupemo-nos, meu pai — redargui Gaspar. Irei para Grijó; e, se lá o raio divino me iluminar, pedirei a Deus que lhe alongue os dias, e lhos doure de contentamentos.

Pedro fitou os olhos aguados no irmão. Fr. João, como inspirado a súbitas, disse:

— Deixa-o ir, Pedro; deixa-o ir: ê Deus que o encaminha.

E, com efeito, era Deus que o encaminhava... Em poucas horas se aviaram licenças para a entrada do noviço no mosteiro dos Crúzios de Grijó.

A fatal nova chegou à quinta de Vila Verde, onde uma menina de dezanove anos, aquela Paulina Roberta, de tão

alegre condição e exuberante saúde, se definhava e ia como anjo corrido da desgraça a esconder-se na sepultura. Ninguém falara dela a Gaspar, nem ele perguntara pela doce alma que rejeitara o esposo eleito pelo tio. A mãe tinha-a entre os braços, e via de dia para dia o ir-se apagando a sua luz, a sua filha única.

Chegou, pois, a nova do destino de Gaspar a Valverde.

Paulina pediu à mãe, que a levasse a despedir-se do primo. E juntou:

— Não lhe pedirei mais nada neste mundo.

Entraram à casa de Vasconcelos, quando Gaspar se despedia do pai e do tio.

Fr. Mo, chamado fora, voltou a dizer que estava na sala a sua irmã e Paulina, para se despedirem do primo e sobrinho.

Gaspar entrou na sala; e, ao ver Paulina Roberta, estremeceu.

— Espantou-se!— disse a menina sorrindo — Admiras-te de me ver assim, Gaspar também tu estás muito mudado!

— Vejo que padeces, prima... Que é?—-disse ele.

— Há três anos — respondeu a mãe — Há três anos que a vejo finar-se. Foste tu — rompeu a mãe em gritos e lagrimas — foste tu que mataste a minha filha!..

— Oh mãe! — exclamou a menina, impedindo-a de prosseguir.

— Em que a matei, minha tia?.— objetou Gaspar — Por ventura, Paulina...

— É a minha mãe — acudiu a menina — que tem aquelas ideias... Que culpa tens tu na minha doença, primo? Mãe... pelo amor de Deus, não chore assim, que me faz piorar!

— Santo Deus! — exclamou Gaspar com as mãos agarradas na fronte — Santo Deus, que mal fiz eu à Providencia para perseguição tão incansável!..

E, como delirante, fugiu da sala, afogado de soluços, e desceu ao pátio, onde o esperava a liteira, e dois lacaios com os machos à rédea.

O esbofado frade João de Vasconcelos seguiu-o, e ajudou-o a embarcar na liteira.

Quando saiu à rua a locomotiva, abriu-se uma janela do palacete, e Gaspar ouviu a voz da prima, que lhe dizia:

— Primo, olha que eu vim para me despedir... E então... adeus! o meu primo, adeus!.

E recolheu-se, amparada nos braços da mãe. Sete dias depois deste transe, o cadáver de Paulina Roberta descia ao jazigo da família, situado na capela daquele palácio. A mãe conseguiu do irmão que lhe cedesse um quarto, com porta para o interior do coreto donde os fidalgos assistiam ã missa. Duas vezes cada dia foi ela ver do rotulo do coro o mármore que fechava os ossos de Paulina; mas, ao fecharem-se três meses de saudade, a pobre mãe mudou de quarto para o leito glacial da Cilha.

CAPÍTULO XXXIII

Fr. Sebastião Godim, no correr do ano de 1767, passou em Viseu duas temporadas, hospedado em casa de Francisco da Cunha. Eram sensíveis as melhoras de Joaquina Eduarda. Os desvairamentos daquela abrasada fronte aplacavam-se quando a mão do frade lhe tocava; as sincopes eram menos espaçosas, se a enferma caia extenuada nos braços do irmão.

Esperançou-se a medicina, aconselhando frade Domingos a permanecer o mais tempo que pudesse junto da irmã.

Quisera ele transferi-la para a casa paterna de Viana; mas a família Cunha contradizia o intento alegando, com o beneplácito dos médicos, que a desconvivência duma família carinhosa lhe seria nociva ao progredimento da cura, e que a posição cativa do irmão a forçaria à soledade, e, pelo conseguinte, ás reminiscências agravadoras da loucura.

Como disse, voltou segunda vez a Viseu o frade. Mais sensível se manifestou a cura de Joaquina. Exultaram todos, quando ela, depois de estar-se recordando atentivamente com dois dedos ajustados aos lábios, perguntou de golpe:

— Mano Sebastião, que é feito de Maria Amália?! Há muito tempo que não sei nada da minha irmã...

— Está em Pernambuco, para onde o nosso cunhado foi despachado corregedor.

— Nunca te escreve?

— Tive uma carta.

— Pergunta por mim?

— Pergunta...

O frade mentira discretamente. Maria Amália, consciente da fuga da irmã, recebeu ordem do marido para não mais falar dela, nem consentir que lhe falassem. Este requinte de honra não contrariou a esposa. Maria cumpria à letra as ordens do marido, e apagara da sua alma os derradeiros vislumbres de amizade e piedade da irmã.

Começou Joaquina, depois que o irmão a enganou, a recordar a beleza de Maria Amália, o donaire da sua presença, as alegrias da sua vida, bem que tivesse um marido muito mais idoso. Notou os defeitos que maculavam algumas excelentes qualidades dela, e observou que a soberba de ser formosa a cegava a ponto de pensava que as outras mulheres eram tão soberbas como ela.

Estas reflexões justas indicavam inteireza e claridade de juízo. Fr. Sebastião deliciava-se, escutando-a.

, É verdade que, nalgumas conversações, passava bruscamente do acerto ao disparate; ainda assim, as nevoas eram passageiras, e o espirito desnublava-se assim que o irmão a espertava daquele adormecer-se d’alma em escuridade súbita.

Decorridos dezoito meses, depois que Joaquina Eduarda passara de Sevilha para Viseu, frade Sebastião, confiado na quase completa cura da sua irmã, tratou com Francisco da Cunha ir ao Minho, a fim de secularizar-se, reassumir a posse da sua reitoria, recompor como noutro tempo o interior da residência, e levar a irmã para si. O fidalgo acedeu, vencido pelas rasões terminantes de frade

Sebastião, tirando a partido que iria ele e uma sua filha acompanha-la, segundo estava prometido.

Deliberado assim, por assentimento de Joaquina Eduarda, o frade despediu-se alegremente da irmã, e foi ao Minho diligenciar as coisas que se retardaram três meses.

Em Fevereiro de 1768 avisou ele Francisco da Cunha de estar tudo a ponto de receber os seus presados hospedes e a sua pobre irmãzinha.

Escrevendo a Joaquina dizia ele :

...O tempo a está agreste; mas daqui a pouco florescem as tuas arvores. Mandei alimpar os canteiros que estavam a monte. Lá encontrei ainda as raízes que tu semeaste há seis anos. Novamente as enterrei: quero que elas te festejem ainda, e te reconheçam nesta primavera. Anda-se agora em construção d aquele tanque entre os loureiros, com que tu andavas sempre a fantasiar delicias. Lá para Junho já hás de tê-lo rodeado de escabelos de cortiça e coberto de maracujás. Já sacudi o pó do teu piano, que o reitor o meu substituto guardou, e respeitou com tal excesso de

melindre que as aranhas urdiram pacificamente as suas teias em volta dele.

Leu Joaquina, com lagrimas, estas cariciosas amizades do irmão, e sentiu anciãs de se ver no seu ermo, a sós com o amparador, com o enviado do Senhor misericordioso.

Preparou-se para a partida, com promessa de voltar a Viseu no inverno seguinte.

Alguns cavalheiros concorreram a despedir-se de D. Joaquina Eduarda desde a antevéspera da saída. Entre estes, faltou o mais assíduo nos saraus de Francisco da Cunha, aquele Melo e Nápoles em cujo seio almejara o primeiro amor à formosa cantora, à douda divina, que fazia chorar com os trenos de Jeremias, e rir com as seguidilhas de Miguel Cervantes. Perguntou Joaquina Eduarda por ele, em cujos olhos tantas vezes se vira espelhada nas Lágrimas. Disseram-lhe que vivia muito encerrado na sua camara, e muito dessaboreado da vida.

— Pois diga-lhe — rogou ela ao cavalheiro interrogado — que eu nunca me hei de esquecer de que o vi chorar por mim.

— E de que foi amada por ele como ninguém mais o será nem foi neste mundo — juntou o cavalheiro.

Joaquina espasmou os olhos no rostodo sujeito, e desatou uma casquinada de riso arrepiador, e logo exclamou:

— Amada! amada eu... Eu! Falarem-me a mim em amor!. Pois eu não me perdi?!, eu não fui atirada à lama por aquele rapaz gentil que não voltou mais.

O delírio prosseguiu. Recaíra a infeliz nos acessos desde muito apaziguados. Seguiram-se dias terríveis, e tornaram as desesperanças da cura. Dilatou-se a partida para mais tarde. Já o padre Sebastião Godim se dispunha a voltar a Viseu, quando recebeu a fausta nova das melhoras da irmã, bem que os médicos davam como impossível a perfeição da cura, conjeturando lesão cerebral irremediável.

CAPÍTULO XXXIV

O noviço de Grijó passara o ano cio noviciado, entre os companheiros e os mestres, com a reputação e respeitos de um grande desgraçado. O arcebispo bracarense D. Gaspar recomendara ao dom abade de Grijó que se houvesse muito singularmente com aquele noviço, não o compelindo a rezas e cerimonias. Acrescentava que era prudência e caridade esperar que a divina Providencia influísse no animo de Gaspar de Vasconcelos o amor ás coisas de Deus e à vida propriamente.

Com recomendação de tal porte, o noviço nem levemente era espertado do seu torpor e abstraimento.

Concluído o prazo do noviciado, Gaspar vestiu o habito, com a indiferença de quem muda de trajo. Acolheu-se outra -vez à sua cela D. Gaspar, cónego regrante de Santo Agostinho.

Depois de professo, poucos dias decorridos, recebeu carta de frade João de Vasconcelos, pedindo-lhe que acudisse ao chamamento do pai que estava em perigo de morte, com um terceiro insulto apoplético. O frade crúzio, no mesmo ponto, pediu licença ao prelado, mostrando-lhe a carta do tio. Aprestou-se a liteira do mosteiro, e partiu.

Aproximou-se do leito da agonia do pai, e ajoelhou, beijando-lhe a fronte. Ergueu-se, tomou da mão de um frade carmelita um livro chamado o Diretor fúnebre, e folheou até achar a página intitulada: *Do modo de ajudar a bem morrer*. E leu, voltado para o crucifixo, que dois castiçais iluminavam: *Delicta juventutis, et ignorantias ejus, qucesumus, ne memincris, Domine: sed secúndúm rnagnam misericordiam tuavi metnor esto ilius in gloria claritatis tuce*. (*) E prosseguiu, até ao final do psalmo: *Retribue servo tuo*..

[(*) Não te lembres, ó Senhor, dos delitos e cegueiras da mocidade dele. Antes, conforme a tua grande misericórdia, lembra-te dele para o acolher ao esplendor da tua gloria.]

Pedro cerrara as pálpebras como para arrancar da vida. D. Gaspar aspergiu água-benta sobre o leito e sobre os

circunstantes. Os sinos dobraram à agonia na igreja próxima, e logo em todas. O moribundo já não podia dizer a palavra Jesus, que o filho proferiu três vezes. Aqui faleceu a coragem ao rapaz. Dobraram-se-lhe os joelhos, e inclinou-se com os lábios sobre os do pai que já não bafejavam. Ajoelharam todos, e frade João de Vasconcelos, com a voz convulsa entoou os formidáveis versos do Responsório:

Subvenite sancti Dei, ocurrite Angeli Domini, sucipientes animam ejus. O fer entes eam in competiu Altissimi... (*)

[(*) Vinde, santos de Deus, correi anjos do Senhor, a receber esta alma e a depô-la na presença do Altíssimo.]

Gessou o troar da agonia nas torres, e começou o dobre a finados.

CAPÍTULO XXXV

Quinze dias passados depois deste sucesso, saíram de Viseu, em direitura a Barcelos, D. Joaquina Eduarda, Francisco da Cunha, e uma filha.

A enferma cobrara muita lucidez de espirito na semana ultima e anterior à jornada. O fidalgo saiu animado pelos médicos, e mais ainda pela quietação e judiciosas ideias de D. Joaquina.

Ao terceiro dia de jornada anoiteceu-lhes nos Carvalhos; e, como chegassem por volta das dez horas a Vilanova de Gaia, resolveram pernoitar na estalagem da terra, como coisa indiferente a viandantes que não tinham demora no Porto.

Joaquina Eduarda reconheceu, logo à entrada, a hospedaria em que pernoitara na primeira noite da fuga. Mostrou certa hesitação em subir as escadas, e um revolver temeroso de

olhos, em que reparou a filha do fidalgo, que a levava pelo braço, ao lado da lanterna do estalajadeiro.

Subiram ao sobrado da estalagem. Joaquina dispensou-se de cear, e recolheu-se ao seu quarto com uns ares de conturbação ou medo, cuja explicação ela não deu ás reiteradas perguntas de Francisco da Cunha.

Ora, o quarto que lhe deram, aconteceu ser pontualmente o mesmo em que tinha passado a primeira noite da fuga. Assim que entrou, e deu de olhos no leito, cobriu-os com as mãos, e esteve assim quieta, imóvel, largo espaço naquela postura. Sentou-se, quando se sentia vergar ao chão desamparada, deixou pender os braços, e logo o rosto se lhe cobriu de gotas de suor frio. Os olhos não ousava ela ergue-los sobre o leito; mas, relanceando-os temerosa, aos ângulos da parede, viu um painel da Senhora das Dores. Ajoelhou; e, como não pudesse orar. abateu o rosto até ao pavimento, e abafou os gemidos colando os lábios à tabua. Esforçou-se para levantar-se e fugir daquele quarto. Erguida, sentiu um vágado que a fez cair sobre o leito. Ressaltou vertiginosamente como se a mordesse a farpa duma víbora e foi de encontro ao castiçal, que se apagou no

roçar do vestido. Palpando as paredes, e proferindo já palavras desatinadas, esbarrou com as mãos no espaldar do leito, e refugiu gritando, até bater de costas na porta, que facilmente cedeu ao empurrão.

Acudiram ao ruido e aos gritos o fidalgo, a filha, e a gente da estalagem. Encontraram-na caída no corredor, com a face ensanguentada: ferira-se na chave de uma porta, quando a sincope a derrubou.

Tomaram-na em braços a senhora Cunha com as mulheres da casa, e trasladaram-na para sobre o leito de que ela fugira. Com breve demora de letargo. Joaquina, espertando, circunvagou os olhos pávidos; e, como reconhecesse o local, escabujou nos braços da amiga, exclamando:

— Morro, morro aqui...

Não a entendiam; porque ela cessava de gritar a revolver-se, e dizia extravagancias com o seu timbre de voz natural, e cantava as seguidilhas gesticulando com os braços à feição de bailarina sevilhana.

Francisco da Cunha, prevenido pelos médicos, saiu a comprar uma poção opiada, e ministrou-lha em chá. Joaquina Eduarda bebeu cantarolando, e ficou, dai a pouco, prostrada.

A senhora Cunha passou a noite à beira do leito, e o pai a passear no próximo corredor.

Ai, pelo romper da manhã, Joaquina levantou um alio choro, exclamando:

— E Gaspar nunca mais voltou!. Ó meu amor, porque não quiseste mais saber de mim? Ó maldito de Deus, e amado da minha alma, que não morreste de remorsos e piedade!

Fez estranheza a Francisco da Cunha esta angustiadíssima invocação ao homem de quem ela, raras vezes, articulava o nome, nos delivramentos.

— Ela ainda o ama! — disse a menina, quase em segredo ao pai.

Joaquina sorriu-se, e disse:

— Se eu ainda o amo!, amo, amo! é o amor da mulher que deseja ver morto o seu algoz!

Como o pensamento era absurdo, o fidalgo entendeu que o delírio continuava.

Sobreveio uma febre ardentíssima. O medico chamado ordenou uma copiosa sangria. Executou-se a sentença. Copiosamente dessangrada, Joaquina esvaiu-se tão mortalmente ao parecer, que Francisco da Cunha gritou que a tinham assassinado. E não havia esperta-la daquela modorra. Chorava o velho, julgando-a a trespassar; a filha, abraçada aquela, chamava-a a gritos, levantando-a para si.

Os reagentes vitais deram-lhe sintomas de vida. Joaquina abriu os olhos, e murmurou baixinho:

— Estou melhor... Vamos embora, vamos para o meu irmão.

— E terá vigor para a jornada? — perguntou o Cunha. — hei de ter: os meus queridos anjos hão de ajudar-me a entrar na liteira... Depois...

E, quando fazia um jeito de sentar-se, recaiu muito cortada de alentos, dizendo:

— Não posso... Morrerei aqui?.

Os mais hábeis médicos do Porto, chamados pelo fidalgo, foram de parecer que a enferma não podia jornadear sem perigo certo. Contradizia o Cunha argumentando com dois anos de sofrimentos iguais, sem todavia seguir-se tamanho quebranto de forças.

— Foi a sangria que a reduziu a isto! — exclamava o velho.

— Seria, não duvidamos — diziam os médicos— mas o certo é que a vida foge-lhe do pulso, e nós não temos outro indicador da força vital. Deixe-a estar alguns dias...

— Mas ela quer partir já.

— Não lhe faça a sua vontade.

De Vilanova de Gaia, saiu um portador para Barcelos a chamar o padre Sebastião Godim. E, no entanto, Joaquina Eduarda pedia a brados que a tirassem daquela estalagem.

Por volta do meio-dia; repetiu-se um mais longo delíquio, piorado em sintomas de morte.

— E morrerá sem confissão nem sacramentos esta senhora? — perguntou a estalajadeira ao fidalgo.

— Eu não me posso convencer de que ela está perigosa; — disse Francisco da Cunha — porém, bom será que se lhe ministrem os socorros da igreja...

— Que fazem bem, e não mal — concluiu a mulher, e desceu ao pátio no propósito de mandar chamar o reitor.

Neste comenos, parou à porta da hospedaria uma liteira, com um passageiro em hábitos de frade crúzio. Os liteireiros pediram pão e vinho para os machos. O frade não queria apear, e pareceu à estalajadeira que ele escondia o rosto entre os braços, cobrindo a cabeça com as mãos.

Perguntou ela para um criado se a sua reverendíssima era crúzio, e como se chamava.

— É o Sr. D. Gaspar de Vasconcelos — respondeu o criado.

Acercou-se da liteira, e disse-lhe:

— V. reverendíssima vai doente?

— Não, mulher, não vou.

A estalajadeira disse de si para consigo: Eu já vi muitas vezes esta cara!» — Se V. reverendíssima fizesse a esmola de apear um instantinho para absolver uma criatura que está em artigos de morte...—continuou ela.

— Aonde? — perguntou o cónego.

— Lá em cima num quarto. Vou mandar chamar o Sr. reitor; mas afigura-se-me que ele foi para a cidade.

— Eu vou — disse D. Gaspar.

— Pois venha com a graça de Deus!. que pena me faz aquela senhora! ir-se tão nova deste mundo!.

Subiram.

E o frade, ao avizinhar-se do quarto fatal, tremia como o condenado em presença do patíbulo.

A estalajadeira entrou adiante a anunciar a vinda de um Sr. frade crúzio de Grijó.

Francisco da Cunha saiu à porta a recebe-lo com as honras devidas a monge daquela categoria.

É indiscritível o lance! Gaspar reconhece o fidalgo, e vibra dos lábios uma expressão, um som, uma conglobação de

gritos inexprimíveis num só grito. Francisco da Cunha reconhece-o, e estende-lhe os braços, clamando:

— Não entre, não entre, por quem é!

— Pois que? — tartamudeou Gaspar — a minha suspeita é certa?. Quem está a morrer, Sr. Cunha?

Nisto, Joaquina Eduarda ressalta do leito como se um ferro ardente a trespassasse dos colchões até ao seio. A horrorizada amiga quer segura-la, chamando o pai. Gaspar rompe ao quarto, levando à frente de si o velho. Joaquina com os olhos a saltarem-lhe das orbitas, os braços estirados e trementes, a boca rasgada e aberta na expressão pavorosa do terror, corre para ele, exclamando:

— Acode-me!, acode-me, Gaspar!

O frade recua; cinge-se hirto com a parede; arranca um rugido soturno que devia ser o nome daquela visão; carrega com as mãos ambas sobre o coração, e resvala morto nos braços de Francisco da Cunha.

Rompera-se a ultima membrana do saco aneurismático: foi a onda de sangue represado que o afogou.

CAPÍTULO XXXVI

Joaquina Eduarda foi arrancada de sobre o cadáver, no qual enrocara os braços, e fixava os olhos com uma fixidez horrível. Transferiram-na a outra alcova, inteiriçada, rígida e fria como morta. O povo, alarmado pelos gritos da estalajadeira, entrava em chusmas até ao interior dos quartos. Ao convento de crúzios da serra chegou a nova da morte do frade, e ao Porto o boato de um suicídio ou assassínio.

Concorreram os crúzios e os magistrados simultaneamente. Averiguada a morte instantânea de D. Gaspar de Vasconcelos, o cadáver foi trasladado à igreja do mosteiro da Serra.

O corregedor, ouvindo a exposição de Francisco da Cunha acerca das antecedências que prepararam aquela catástrofe, disse que mais felizes teriam sido os dois criminosos e já punidos amantes se ele os tivesse capturado ali naquela estalagem quatro anos antes; e que o não fizera

por comiseração de D. Joaquina Eduarda que ele tinha conhecido e admirado em casa do seu colega o corregedor de Pernambuco Silva Pereira.

Um respeitável cidadão de Vilanova, conhecedor da tragédia corrida na estalagem, e da curiosidade importuna da populaça, que não desistia de ver a senhora douda, por amor de quem morrera o frade, procurou Francisco da Cunha, e rogou-lhe que sem demora se passasse para a casa dele, que partia com os muros do convento das religiosas de Corpu-christi sobre o rio Douro. Aceitou o Cunha este valioso serviço, e fez entrar Joaquina numa cadeirinha de mão. O atribulado fidalgo alimpava o suor da fronte, e dizia: Estas enormes desgraças acabam com a vida! Depois de sete anos de expatriação, venho gozar na pátria estas delicias!..» Joaquina Eduarda saíra da cadeira como entrara: um autómato impassível. Rodearam-na de compassivos afagos muitas famílias de Vilanova, porque o infortúnio, aos olhos das pessoas mais superciliosas em pontos de honra, tinha santificado aquela mulher.

A demente circunvagava os olhos por todas as fisionomias estranhas com um ar de desconfiança e susto; se, porém,

encontrava os da menina Cunha, abria um sorriso de consolada segurança.

Os médicos recomendaram que a deixassem deitar e sossegar. Levaram-na para um quarto cujas janelas abriam sobre a praia. Lançaram-na sobre o leito, e ficou a sós com ela a filha de Francisco da Cunha.

Pensava esta senhora que a sua amiga recairá em profundo dormir; escutou-lhe a respiração serena e regular; e abriu subtilmente a porta da alcova para dizer ao pai que Joaquina adormecera. Voltou de novo ao alcance da respiração, e viu-lhe os olhos abertos.

— Estás melhor, filhinha?— perguntou a menina.

— Que horrendo sonho!.—murmurou Joaquina.

— Sonhaste?.

— Sonhei que o via morrer à minha frente.

— A quem?

— Gaspar... Sonhei que o via morrer naquele quarto em que me ele disse: fulmine-me o céu, há hora em que eu me esquecer do que te devo.» Sonhei que o vi morrer naquele

quarto!. Como ele estava vestido!. que horrível visão!. que rosto o dele!. estava velho!. eu ia para abraça-lo, e a dizer-lhe: acode-me, acode-me,» e então... caiu, caiu... morto!. fulminado!. Que sonho, meu Deus!.

E aqui expediu um grito estridulo que incutiu pavor na senhora que a escutava lavada em lagrimas.

Concorreu muita gente à porta do quarto: as senhoras da casa entraram, e Joaquina exclamou:

— Que é?.. que me querem?, eu não o matei... Eu queria salva-lo!.

Mostrou vontade de levantar-se, encarando sinistramente nas pessoas que se aproximavam do leito. Ajudou-a a menina Cunha. Avizinhou-se da janela que dava sobre o rio. Encostou a face à vidraça, e começou a cantar uma das lamentações da Paixão de Cristo, como se elas entoavam no convento de St. Clara.

Neste momento, viu ela um homem parado em frente da janela. Fixou-o, acenou-lhe com a mão, correspondendo à cortesia do chapéu. Voltou-se para dentro, e disse:

— É aquele cavalheiro de Viseu que chorava por mim...

Francisco da Cunha chegou à vidraça, e conheceu o Melo e Nápoles, o homem que faz lembrar aquele convencional que se apaixonou por Carlota, quando as pranchas do patíbulo se pregavam.

— Outro infeliz! — disse entre si o fidalgo, e perguntou a Joaquina Eduarda:

— Quer que o chame?

— Não, que ele chora por mim, e faz-me compaixão..— disse ela comovida.

Voltou-se de salto para as damas que se agrupavam no quarto, e perguntou:

— São visitas? há hoje baile?.. Eu vou cantar as seguidilhas todas que sei; mas a minha é a mais graciosa. Gaspar gostava muito de ouvi-la... Ah!

Esta exclamação fez pavor: foi o estalar derradeiro daquele peito! O coração devia diluir-se nesse instante, porque em seguida os olhos de Joaquina pareciam banhados de sangue. Correu de encontro à porta, que Francisco da Cunha lhe impediu encostando-se, e afastando-a com gestos e palavras suplicantes. Retrocedeu para o leito a

demente iluminada, como todos os loucos, à luz da alvorada eterna. Debruçou-se no leito, cravou os dentes na coberta, e gemeu em gritos longo tempo, até esmorecer extenuada e inerte.

Deitaram-na. Cerrou os olhos, e disse mansinho:

— Quero dormir.

A senhora Cunha sentou-se ao pé do leito. Joaquina chamou-a; deu-lhe um beijo; beijou-a mais t.res vezes, e murmurou:

— São três beijos para a tua mãe e irmãs. Nunca me chorem... O tempo de me chorarem... acabou.

— Filha... porque falias assim?! — exclamou a menina — tu não morres...

— Ai!, meu anjo do céu... morro, morro... Agora queria sossegar...

E voltando-se para a parede, fechou os olhos, e fingiu um profundo dormir. A lagrimosa enfermeira acreditou-a.

Era ao cair da noite. Decorreram duas horas, e Joaquina Eduarda ainda dormia. Chegaram-lhe a luz perto do rosto,

viram-lhe a humidade das lagrimas, e pensaram que ela chorava sonhando.

.Uma dás senhoras da casa disse à hospeda que fosse tomar uma chávena de chá, enquanto ela ficava velando a sua querida enferma. Hesitou a menina Cunha; porém, muito rogada, obedeceu.

Instantes depois, Joaquina Eduarda ergueu-se de súbito. A senhora, que a vigiava, espavoriu-se, e correu à sala a chamar Francisco da Cunha e a filha.

Quando entraram, viram aberta a janela que dava sobre o areal, e descobriram na escuridão de fora um indeciso vulto correndo para o cais.

— Vai afogar-se! acudamos!—exclamou Frâncico da Cunha.

Como a janela era baixa, o velho e o dono da casa saltaram por ela; mas, ao chegarem à borda do cais, ouviram um estrugido de ondas, e repararam um vulto a estrebuchar à flor de água.

Mas, já perto daquele vulto, enxergaram eles outro, cortando as ondas a uma velocidade espantosa.

— Vai alguém salva-la?. Dou tudo que tenho a quem a salvar!— exclamava Francisco da Cunha, ao tempo que das janelas da casa hospedeira saia um temeroso alarido de brados.

Passado um quarto de hora de horrível ansiedade, viram avizinhar-se do cais o nadador, com Joaquina Eduarda segura pelos braços em volta do pescoço. Vieram muitas luzes. Rodearam o corajoso homem que saia de água com a suicida apertada ao seio. O salvador era João de Melo e Nápoles; mas Joaquina Eduarda estava morta.

CAPÍTULO XXXVII

CONCLUSÃO

Ao fim da tarde do dia seguinte, o padre Sebastião Godim chegou ao Porto com o coração a desbordar de contentamento.

Apeou à entrada da ponte das barcas, para levar o cavalo à rédea, e viu do lado dalém uma fileira de tochas, ao tempo que dobravam os sinos. Perguntou para um grupo de homens que estavam a olhar na direção das luzes, se tinha morrido alguém de consideração em Vilanova.

Um dos interrogados respondeu:

— Foi uma senhora que se atirou ao rio.

— Quem era? — perguntou o padre ainda insuspeitoso.

— Era uma senhora do Minho, e pelos modos fidalga, que amava um frade de Grijó, que hoje de manhã morreu

de repente no quarto dela na estalagem da Micaela de Gaia.

Padre Sebastião perdeu a consciência da sua individualidade naquele instante e em cinco minutos seguidos; todavia, maquinalmente, foi atravessando a ponte; e guiado pelo clarão das tochas, parou à porta da igreja.

Entrou; encostou-se para um recanto do templo; ouviu os ofícios fúnebres, e proferiu as palavras do ritual. Terminados os responsos, avizinhou-se do esquife, que se levantava pouco alta, descobriu o rosto da irmã, beijou-lhe a fronte, cobriu-lhe o rosto; e murmurou:

— Dai-lhe, Senhor, eterno descanso.

Indagou da residência de Francisco da Cunha, e soube que ele partira para Viseu, logo que a defunta foi amortalhada, e pagas as despesas do saimento.

Não tenho precisos esclarecimentos do destino de Sebastião Godim. Sei, porém, que em 1778, dez anos depois, morreu no Bussaco um eremita com aquele nome e apelido.

Doutros personagens, que mais ou menos entram na urdidura destas paginas torvas, não merecia a pena indagação. É crivei que frade João de Vasconcelos se finasse muito velho, porque tinha contra a desgraça dos seus e desgostos próprios dois admiráveis escudos: um era um leal e laborioso estomago; o outro era uma fé solida na bem-aventurança dos que sofrem com paciência e esperam em Deus.

D. Maria Amália voltou viúva de Pernambuco, e casou em segundas núpcias com um desembargador da Suplicação, e em terceiras núpcias com outro desembargador da Suplicação. Dizia-se em Lisboa que D. Maria Amália era um cabido de garnachas.

Quando lhe falavam pessoas indiscretas das desgraças da sua irmã, respondia:

— Consequências inevitáveis dos erros. Eu, de mim, tenho-me sujeitado a viver esposa de velhos, para ter juízo e consideração.

Era tolo o raciocínio; mas os corolários judiciosos. Maria Amália quando enviuvou pela terceira vez, estava

considerada e rica. Não sei em que ano se foi para o céu aquela virtuosa matrona.

Ora, João de Melo e Nápoles, o salvador do cadáver de Joaquina Eduarda, morreu na flor dos anos, depois de haver escrito os apontamentos essenciais desta historia, que foram encontrados na livraria do barão de Prime, fidalgo de Viseu, falecido há poucos anos.

FIM